

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E DESEMPREGO EM BLUMENAU (SC)

VANESSA JULIANA DA SILVA SANTOS

FLORIANÓPOLIS

2007

VANESSA JULIANA DA SILVA SANTOS

FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E DESEMPREGO EM BLUMENAU (SC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Sociologia Política.

Prof. Dra. Bernardete Wrublevski Aued –
Orientadora

FLORIANÓPOLIS

2007

FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E DESEMPREGO EM BLUMENAU (SC)

Por

VANESSA JULIANA DA SILVA SANTOS

Dissertação aprovada para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia Política, pela Banca
examinadora formada por:

Presidente: Profa. Bernardete Wrublevski Aued, Doutora - Orientadora, Universidade Federal
de Santa Catarina

Membro: Profa. Lílian Blanck de Oliveira, Doutora, Universidade Regional de Blumenau

Membro: Profa. Maria Soledad Etcheverry Orchard, Doutora, Universidade Federal de Santa
Catarina

Membro: Profa. Edna Maciel Fiod, Doutora, Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2007.

Aos que se propõem à crítica da sociedade capitalista e lutam cotidianamente pela construção de uma sociedade sem exploração de classe, gênero, raça/etnia; a liberdade será o seu valor ético central e a preguiça constará entre as maiores virtudes.

AGRADECIMENTOS

O primeiro e especial agradecimento à Professora Dra. Bernardete Wrublevski Aued, pela acolhida, pelos ensinamentos e orientações;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, pelos ensinamentos;

Às professoras Dra. Lílian Blanck de Oliveira, Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard e Dra. Maria Chalfin Coutinho, pelas contribuições na qualificação do projeto.

Aos professores Fernando Ponte e Janice Tirelli e aos colegas dos Seminários de Pesquisa, pelas críticas que contribuíram para a qualificação deste estudo;

Aos meus pais, Ilse e Oséas, pela contribuição a este estudo contando suas histórias da juventude;

Ao companheiro Marcelo, fonte de fomento e financiamento deste estudo, por tudo que fizemos e vivemos juntos;

Às amigas Maria Salete, Luciana, Márcia (pela acolhida) e Silvana, pelos debates e contribuições ao estudo;

À ma chère amie Marie-Françoise, pour le résumé;

Aos colegas do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho, pelas contribuições ao tema;

Aos pastores e jovens da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Blumenau pelas informações e depoimentos, fundamentais a este estudo;

Aos jovens Daniele e Ezequiel, secretários da igreja, que facilitaram o acesso às informações necessárias, desburocratizando processos.

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura consiste no amor ao trabalho, na paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua prole. Em vez de reagirem contra essa aberração mental, os padres, os economistas e os moralistas sacrossantificaram o trabalho. Homens cegos e limitados, quiseram ser mais sábios do que o seu Deus; homens fracos e desprezíveis, quiseram reabilitar aquilo que seu Deus amaldiçoara. Eu que não sou cristão, nem economista, nem moralista, comparo seu juízo com o juízo do seu Deus e as pregações da sua moral religiosa, econômica e livre-pensadora, com as terríveis conseqüências do trabalho na sociedade capitalista.

(Paul Lafargue)

RESUMO

Esta dissertação versa sobre as categorias juventude, trabalho, desemprego e religiosidade. Objetiva conhecer como os jovens adeptos da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Blumenau/SC - ADBLU concebem e vivenciam o trabalho e o desemprego. O percurso metodológico incluiu realização de pesquisa bibliográfica e documental, observação participante, aplicação de questionário e entrevistas. Do estudo foi possível apreender aspectos da vida secular e religiosa dos jovens adeptos da ADBLU, com destaque para a sua relação com o mundo do trabalho e a igreja. 20,8 % destes jovens encontravam-se em situação de desemprego. Por meio das entrevistas foi possível apreender a concepção da direção da ADBLU e dos jovens entrevistados sobre trabalho, desemprego e religiosidade. Acerca do trabalho, observamos que há uma tendência à sua sacralização, evidenciada pela citação e reprodução de versículos bíblicos que tratam do tema. Os jovens entrevistados reproduziram a noção de trabalho proferida pelo pastor, que aponta para a dignificação dos seres humanos. Sobre o desemprego, observamos uma tendência dos pastores à responsabilização individual pelo desemprego. Em contraposição, os jovens associam o desemprego a fatores externos ao indivíduo, destacando: os planos de Deus; a falta de experiência; o desemprego temporário como opção para a qualificação necessária; e o seu caráter social.

Palavras-chave: juventude - trabalho - desemprego - religiosidade.

RÉSUMÉ

Cette dissertation aborde les catégories jeunesse, travail, chômage et religiosité. Elle montre comment les jeunes adeptes de l'Église Évangélique Assemblée de Dieu de Blumenau/SC - ADBLU conçoivent et vivent le travail et le chômage. Le parcours méthodologique comprend la réalisation de recherche bibliographique et documentaire, l'observation participante et l'application de questionnaires et d'interviews. Cette étude a permis de saisir les aspects de vie séculière et religieuse des jeunes adeptes de l'ADBLU insistant sur leur relation avec le monde du travail et l'église. 20,8 % de ces jeunes étaient au chômage. Les interviews ont permis de comprendre les conceptions à la fois de la direction de l'ADBLU et des jeunes interviewés : sur le travail, le chômage et la religiosité. De par la citation et la reproduction de versets bibliques chez ces jeunes, on constate une certaine sacralisation de la notion de travail. Ils reproduisent la notion de travail proférée par le pasteur: le travail rend les êtres humains encore plus dignes. En ce qui concerne le chômage, les pasteurs le considèrent comme une responsabilité individuelle. Par contre, les jeunes l'associent à des facteurs externes à l'individu comme : les décisions de Dieu; le manque d'expérience ; le chômage temporaire comme option pour la qualification nécessaire et le caractère social propre au chômage.

Mots-clé : jeunesse - travail - chômage - religiosité.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 -	Taxa de desocupação total no período de 1998 a 2006	15
Tabela 2 -	Taxa de desemprego total no período de 1998 a 2005	17
Tabela 3 -	Taxa de desemprego por faixa etária - 2003.....	17
Tabela 4 -	População Total e Grupos Religiosos no Brasil	33
Tabela 5 -	Distribuição das congregações da ADBLU por bairro, com área do bairro, índice populacional e média de crentes.....	42
Tabela 6 -	Emprego e desemprego de jovens da ADBLU, conforme idade.....	69
Tabela 7 -	Emprego e desemprego de mulheres jovens da ADBLU, conforme idade	70
Tabela 8 -	Emprego e desemprego de homens jovens da ADBLU, conforme idade	70
Tabela 9 -	Escolaridade dos jovens da ADBLU, por idade e gênero	71
Tabela 10 -	Emprego e desemprego de jovens da ADBLU, conforme nível de escolaridade... ..	72
Tabela 11 -	Frequência de participação nos cultos por semana, segundo a situação trabalhista.	75
Tabela 12 -	Distribuição de empregados e desempregados por tipo de culto que freqüentam.. ..	76
Mapa 1	Distribuição dos templos da ADBLU por bairro – área urbana, município de Blumenau.....	41
Figura 1	Organização administrativa da ADBLU.....	44
Quadro 1	Atividades religiosas desenvolvidas nas congregações da ADBLU	51
Quadro 2	Ocupações dos Jovens de 15 a 24 anos	73

LISTA DE SIGLAS

AD – Assembléia de Deus

ADBLU – Assembléia de Deus de Blumenau

BNU - Blumenau

CIADDESCP – Convenção das Igrejas Assembléia de Deus do Estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sociais

EFC – Ensino Fundamental Completo

EFI – Ensino Fundamental Incompleto

EMC – Ensino Médio Completo

EMI – Ensino Médio Incompleto

ESC – Ensino Superior Completo

ESI – Ensino Superior Incompleto

FAMOSOC – Feira de Amostras de Santa Catarina

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PME – Pesquisa Mensal de Emprego

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

UMADBLU – União da Mocidade da Assembléia de Deus de Blumenau

UMADESCP – União da Mocidade das Assembléias de Deus do Estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - ESPIRITUALIDADE MOVE O MUNDO.....	28
1 ASSEMBLÉIA DE DEUS: UM POUCO DA HISTÓRIA	28
1.1 IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE BLUMENAU: 76 ANOS DE HISTÓRIA	36
1.1.1 <i>Von der Kolonie zur der Stadt Blumenau</i> (da Colônia à cidade de Blumenau)	37
1.1.2 Trajetória histórica e organização atual da ADBLU	39
1.1.2.1 O departamento de jovens na ADBLU.....	47
1.1.2.2 As atividades religiosas da ADBLU.....	51
1.1.2.3 As ações sociais da ADBLU	53
2 O ETHOS PENTECOSTAL	55
2.1 O TRABALHO	59
2.2 O EVANGÉLICO NO AMBIENTE DE TRABALHO	60
2.3 O DESEMPREGO.....	60
2.4 O DESEMPREGO DE CRENTES E AS FRENTES DE ATUAÇÃO DA ADBLU	62
3 MAX WEBER E AS IDÉIAS QUE MOVEM O MUNDO.....	66
CAPÍTULO II - IDÉIAS SÃO TRANSFORMADORAS?	68
1 OS JOVENS DA ADBLU	68
1.1 O QUE DIZEM OS JOVENS?.....	77
1.1.1 Ricardo: desemprego e bico	77
1.1.2 Samuel: desemprego é passageiro	80
1.1.3 Jaqueline: desemprego sem carteira de trabalho assinada.....	83
1.1.4 Raquel: desemprego é social	86
2 OS ECOS DO PENTECOSTALISMO	89
3 MATERIALIDADE QUE MOVE O MUNDO: O DEBATE MARXISTA SOBRE IDEOLOGIA, TRABALHO E DESEMPREGO.....	92
3.1.1 Transformações na materialidade do trabalho.....	93
3.1.2 O trabalho assalariado e o exército industrial de reserva	95

3.1.3 A materialidade das idéias	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EMPREGO E DESEMPREGO DE JOVENS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE BLUMENAU/SC	113
APÊNDICE APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	114

INTRODUÇÃO

Neste estudo analisamos o desemprego de jovens na Assembléia de Deus de Blumenau/SC – ADBLU. Buscamos estabelecer conexões entre as categorias juventude, trabalho e religiosidade, com o objetivo de conhecer como os jovens adeptos desta igreja concebem e vivenciam o trabalho e o desemprego. Nosso interesse pelo tema foi despertado com a observação da ocorrência de duas questões de notória relevância entre as décadas de 1980 e 1990 e o decorrer da década de 2000: as transformações no mundo do trabalho; e a multiplicação de seitas e grupos religiosos.

No que diz respeito às transformações no mundo do trabalho, Pochmann (1999a) salienta que a introdução de inovações tecnológicas no processo produtivo, as baixas taxas de crescimento econômico, a concorrência e as incertezas na economia mundial, trouxeram como resultado a instabilidade no mundo do trabalho, a precarização das condições e relações de trabalho e a permanência de taxas elevadas de desemprego. Acerca deste último, afirma o autor, não se trata de uma novidade, mas um fenômeno intrínseco ao processo de acumulação de capital, cujas oscilações estão associadas às formas historicamente condicionadas de reação política ao desemprego. Além disso, o perfil dos que procuram emprego foi rapidamente alterado. Para Pochmann (1999a), entre os anos 1930 e 1970 o perfil do desempregado remetia, na maioria das vezes, ao homem adulto, de mediana qualificação profissional. Nos dias atuais, destaca-se a participação de jovens no total dos sem emprego.

Chahad e Picchetti (2003), analisando a evolução do desemprego aberto, no intervalo de 1983 a 2001, apontam aspectos estruturais destacando: as alterações de regime da economia brasileira, as transformações tecnológicas e o rápido surgimento de inúmeras modalidades de contratação de força de trabalho; a modificação da atuação do Estado na economia e na sociedade; a busca da redução da tutela do Estado sobre as relações de emprego e sobre o mercado de trabalho; o processo de inovação tecnológica (limitações da qualidade da força de trabalho brasileira, elevação do desemprego, descompasso entre a demanda de pessoal requerido e a força de trabalho disponível); crescimento da PEA dificultando a absorção da força de trabalho.

Antunes (1999) faz menção às transformações e metamorfoses no mundo do trabalho, caracterizado pela diminuição da classe operária industrial tradicional e, ao mesmo tempo, pela emergência da subproletarização do trabalho.

Aued e Chaves (2003) apontam a queda do emprego industrial desde os anos 1970; o aumento dos serviços; o mascaramento da condição de trabalho doméstico/auto-emprego (“*personal training*”, “*home working*”...); a eliminação de postos de trabalho no interior do emprego industrial resultado da reestruturação produtiva; mudanças nas formas de organização do trabalho, dentre outras que, segundo estes autores, levam ao contínuo declínio do emprego.

Da exposição dos autores, depreendemos que nem toda mudança/transição no mundo do trabalho pode ser traduzida em melhoria. Para grande parte dos trabalhadores brasileiros significaram incertezas, instabilidade, precarização das relações de produção, baixa dos salários, e na sua versão mais perversa, desemprego.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sociais – DIEESE constituem órgãos responsáveis pela contagem do desemprego. O IBGE trabalha com a categoria “desocupação na semana de referência¹”. De acordo com este Instituto, uma pessoa está desocupada quando estiver sem trabalho na semana de referência, mas disponível para assumir um trabalho nesta semana; tendo tomado providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias², sem ter tido qualquer trabalho, ou após ter saído do último trabalho que teve nesse período. Segundo esta abordagem, o país apresenta os seguintes índices de desocupação:

¹ O IBGE define por semana de referência a semana de domingo a sábado que precede a semana definida como de entrevista para a unidade domiciliar (IBGE, 2003).

² O IBGE define por “período de referência de 30 dias” o período de 30 dias que finaliza no último dia da semana de referência.

**Tabela 1 - Taxa de desocupação total
no período de 1998 a 2006³**

Ano ⁴	Média anual de desocupação (%)
1998	7,6
1999	7,6
2000	7,1
2001	6,2
2002	7,1
2003	12,3
2004	11,5
2005	9,8
2006 ⁵	10,1

Fonte: baseado em IBGE – PME /1998-2006

Elaborado pela autora.

De acordo com dados do IBGE, de janeiro a novembro de 2006, dentre os “desocupados” (segundo os conceitos da pesquisa), 55,3% eram mulheres; 46% eram jovens de 15 a 24 anos (sendo 8,04% de 15 a 17 anos e 38,04% de 18 a 24 anos); 46,89% tinham idade entre 25 e 49 anos; 26,41% eram os principais responsáveis pela família; 47,72% tinham 11 anos ou mais de instrução; 46,68% procuravam emprego a mais de 31 dias e menos de 6 meses; para 12,31% a procura por emprego atingira um tempo superior a 1 ano e inferior a 2 anos (IBGE, 2006).

Os dados acima corroboram com a afirmação de Pochmann (1999a) de que além do aumento do número de desempregados nas últimas décadas, o perfil do desempregado foi rapidamente alterado. Segundo o mesmo autor, no período pós-guerra (II Guerra Mundial), o perfil do desempregado remetia, na maioria das vezes, ao homem adulto de mediana qualificação profissional. Entretanto, na década de 1990 este quadro se alterou atingindo com maior ênfase mulheres e jovens. Ademais, reiteram a afirmação de Mézaros (2002), de que chegamos a um momento da história no qual o problema não se restringe à situação de trabalhadores não qualificados, um grande número de trabalhadores altamente qualificados agora disputam os escassos empregos disponíveis. Nas palavras do autor,

Não estamos mais diante dos subprodutos ‘normais’ e voluntariamente aceitos do ‘crescimento e do desenvolvimento’, mas de seus movimentos em direção a um colapso; nem tampouco diante de problemas periféricos dos ‘bolsões de

³ Dados referentes às Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

⁴ Os índices referentes ao período de 1998 a 2002 compõem a série antiga da PME.

⁵ Janeiro-novembro/2006.

desenvolvimento’, mas diante de uma contradição fundamental do modo de produção capitalista, que transforma até mesmo as últimas conquistas do ‘desenvolvimento’, da ‘racionalização’ e da ‘modernização’ em fardos paralisantes de subdesenvolvimento crônico. E o mais importante de tudo é que quem sofre todas as conseqüências dessa situação não é mais a multidão socialmente impotente, apática e fragmentada das pessoas ‘desprivilegiadas’, mas todas as categorias de trabalhadores qualificados e não qualificados, ou seja, a totalidade da força de trabalho (MÉSZAROS, 2002, p. 1005).

Para o DIEESE, “desempregados são indivíduos que se encontram numa situação involuntária de não-trabalho, por falta de oportunidade de trabalho, ou que exerçam atividades irregulares com desejo de mudança”. Estas pessoas podem ser desagregadas em três tipos de desemprego: desemprego aberto; desemprego oculto pelo trabalho precário; desemprego oculto pelo desalento (DIEESE, 2006). O *desemprego aberto* abarca pessoas que procuraram trabalho efetivamente nos 30 dias anteriores à pesquisa e não exerceram nenhum trabalho nos últimos 7 dias; O *desemprego oculto pelo trabalho precário*, como a própria denominação sugere, agrega pessoas que realizam trabalhos precários (trabalho remunerado ocasional de auto-ocupação) ou aquelas que realizam trabalho não-remunerado em ajuda a negócios de parentes e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista, ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram sem êxito até 12 meses atrás; O *desemprego oculto pelo desalento* engloba pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista, por desestímulos do mercado de trabalho ou por outras circunstâncias, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses (DIEESE, 2006). Segundo os critérios do DIEESE, de definição da pessoa desempregada, entre os anos de 1998 e 2005, no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo o desemprego total⁶ atingiu as seguintes taxas:

⁶ O desemprego total, segundo o DIEESE abrange o “desemprego aberto” e o “desemprego oculto” (em suas modalidades”.

Tabela 2 - Taxa de desemprego total no período de 1998 a 2005

Ano	Média anual de desemprego (%)
1998	19,36
1999	21,35
2000	19,91
2001	19,98
2002	20,11
2003	21,78
2004	20,56
2005	18,96
2006 ⁷	18,33

Fonte: baseado em DIEESE/PED /1998-2006.

Elaborado pela autora.

Com uma definição mais abrangente do desemprego, os índices apontados pelo DIEESE em igual período dos apontados pelo IBGE, excetuando o ano de 2006, são aproximadamente 2 vezes maiores que aqueles; ou seja, o problema é muito maior do que querem fazer crer os órgãos oficiais do Estado. Além disso, entre os jovens a situação de desemprego se agrava ainda mais. Em 2003, o IBGE afirmava que 3.679.546 jovens brasileiros de 15 a 24 anos estavam desempregados, em que pese estes números sejam mascarados pelos critérios de inclusão na categoria “desocupados”. Comparados às demais faixas etárias, em nenhuma outra o desemprego se apresentava de forma tão grave, o que podemos conferir na tabela a seguir:

Tabela 3 - Taxa de desemprego por faixa etária - 2003

Faixa etária	Taxa de desemprego (%)
15 a 17 anos	17
18 a 24 anos	18,7
25 a 29 anos	8,2
30 a 39 anos	5,9
40 a 49 anos	4,5
50 a 59 anos	3,2

Fonte: baseado em IBGE, 2003.

Elaborado pela autora.

⁷ Referente ao período compreendido entre janeiro e setembro de 2006.

Em pesquisa realizada no Distrito Federal e nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, em 2005, constatou-se que 45,5% dos desempregados acima de 16 anos estavam na faixa etária de 16 a 24 anos.

De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho - OIT⁸, em 2006 o número de desempregados no mundo atingiu a cifra de 195,2 milhões de pessoas; destas, 86,3 milhões eram jovens com idade entre 15 e 24 anos, cerca de 44% do total de desempregados no mundo⁹. Nunca se ouviu falar tanto em crise do emprego como nas últimas décadas e quando se fala em desemprego, a situação do jovem é sempre pior.

Entre os estudiosos da temática, Demazière (2003) aponta limites da abordagem estritamente estatística do desemprego. Para este autor, esse tipo de abordagem permite descrever percursos econômicos e sociais, contudo, não expressa a condição de desempregado. Este autor defende uma abordagem que leve em conta a materialidade da linguagem dos sujeitos, ou seja, a condição de ser desempregado segundo os próprios sujeitos, passando o desemprego a ser definido pela interpretação dos destinos pessoais, ganhando uma aceção mais ampla (DEMAZIÈRE, 2003).

Nesta mesma direção, há pouco mais que uma década, a socióloga Vera Maria Candido Pereira em artigo destinado à discussão acerca do trabalho, pela ótica do desemprego, lançou o seguinte questionamento: “Quem são os desempregados para a sociologia?”. Na ocasião, a autora apontava lacunas no que diz respeito à construção do “desemprego” enquanto objeto da sociologia e invocava uma construção sociológica do conceito de desemprego que articulasse dimensões históricas, políticas e culturais e que permitisse identificar, em cada contexto e em certas conjunturas as definições prévias oficiais e populares, em que a sociedade e os indivíduos se apóiam para conceber o que é trabalhar, como é trabalhar, o que é não-trabalhar e como é não-trabalhar; em suma, o que é o trabalho e o desemprego (PEREIRA, 1993). Tais apontamentos são ainda atuais, considerando que, historicamente, a sociologia do trabalho esteve voltada para o estudo dos trabalhadores assalariados. Desta forma, faz-se necessário observar mais de perto o fenômeno do desemprego, a fim de compreender o desempregado como sujeito da história, bem como identificar suas referências de identidade e estratégias de ação frente a este fenômeno. É o que pretendemos com esta dissertação.

⁸ Disponível em: <<http://www.oit.org/public/english/bureau/inf/pr/2007/2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

⁹ Tradução nossa.

Concomitante a isto, observamos a multiplicação das igrejas pentecostais. De acordo com dados do Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil (JACOB, 2003), este grupo que agregava cerca de 3.863.320 pessoas na década de 1980, em 2000, contava com 17.975.120 adeptos. Na análise de Mariano (1999), estas igrejas aproveitaram e exploraram em benefício próprio o contexto de crise social e econômica que o país vivenciava, além da abertura política e redemocratização do país, o enfraquecimento sensível da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religioso, a difusão dos meios de comunicação de massa, dentre outros acontecimentos. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus foi, historicamente, o principal representante deste segmento, agregando aproximadamente 75% do contingente pentecostal, ou seja, 8,4 milhões de fiéis.

No que diz respeito à categoria juventude, entre as principais abordagens sobre a condição juvenil na contemporaneidade, destacamos a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada no ano de 2003¹⁰. Esta pesquisa revelou que, de um modo geral,

A juventude é vivida centralmente no seio da família de origem, contando com sua estrutura (material e afetiva). Estudo, trabalho e diversão são elementos fortemente presentes para o conjunto dos jovens, com grandes variações na forma, grau e qualidade com que são vividos, segundo as desigualdades de idade, gênero e classe (ABRAMO, 2005, p.67).

Segundo os resultados desta pesquisa, dentre os elementos que constituem as experiências de vida da juventude brasileira, o trabalho se destaca como referência central, entretanto, dotado de múltiplos significados (GUIMARÃES, 2005). Em primeiro lugar, o sentido e a centralidade do trabalho como necessidade. Conforme Guimarães (2005, p.159), “no interior desse amplo tema, a referência precípua é ao tema do emprego”. O trabalho se apresenta como assunto de interesse tanto dos jovens que têm trabalho, como dos que o estão buscando; o tema atrai jovens de todas as faixas de escolaridade e quase todas as faixas de

¹⁰ Esta pesquisa foi patrocinada pelo Instituto Cidadania e pela Fundação Perseu Abramo e executada pela *Criterium Assessoria em Pesquisas*, contemplando 24 estados além do Distrito Federal, abrangendo 198 municípios. A amostra foi composta de 3.501 jovens de 15 a 24 anos, de ambos os sexos. O estudo resultou num amplo levantamento quantitativo sobre este contingente populacional. Foram investigados diversos temas, tais como: ser jovem, o jovem e a escola, o jovem e o trabalho, valores e referências, sexualidade, drogas, cultura e lazer, mídia, violência, política e participação, direitos humanos, dentre outros. Os resultados desta pesquisa foram sistematizados e analisados por diversos pesquisadores, dentre os quais: Helena Wendel Abramo (2005), Pedro Paulo Martoni Branco (2005), Paul Singer (2005), Antônio Lassance (2005), Nadya Araújo Guimarães (2005), Regina Novaes (2005). As análises realizadas por estes e outros autores foram publicadas no livro “Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional”. Com o intuito de ilustrar a condição da juventude na atualidade foram incorporados a esta dissertação alguns dados obtidos neste estudo, todos devidamente referenciados.

renda, com menor importância entre os jovens de renda mais elevada; interessa, especialmente, aos jovens de maior idade, notadamente os homens (GUIMARÃES, 2005). Para estes jovens, o trabalho também aparece como direito: “direito ao trabalho, ao emprego, a ter uma profissão” (GUIMARÃES, 2005, p.163). Conforme esta autora, o sentido de importância do trabalho como direito está significativamente presente entre os jovens mais marcados pela desafiliação¹¹: os desempregados (33%); os que tiveram experiência no trabalho informal¹² (33%); os que estão à procura de trabalho (30%).

Além de se constituir em assunto atraente, o trabalho também se constitui como problema. Para 52% dos jovens que participaram da pesquisa referida anteriormente, as questões relativas ao emprego/profissional, constituem o problema que mais os preocupa atualmente. Na análise de Branco (2005, p.138),

Basta que olhem para o seu dia-a-dia ou para o futuro imediato para que se sintam fustigados pela crise que abala o mercado de trabalho. Daí a se sentirem ‘tomados’ pelos temores de um cenário futuro assustador, bastaria que olhassem ao redor para identificarem, nos membros um pouco mais velhos de suas famílias, nos seus vizinhos etc., esses receios se materializando. Assim, independentemente de que estivessem, no momento da pesquisa, procurando ou não ocupação, não poderiam ignorar que, tão logo viessem a ter que fazê-lo, acabariam necessariamente se defrontando com enormes dificuldades.

O desemprego – ou a falta de empregos – comporta uma das facetas problemáticas do trabalho, sentida por todos os jovens, independentemente de sua condição no mercado de trabalho (GUIMARÃES, 2005). Segundo dados da pesquisa,

Quando indagados sobre o risco que avaliam correr quanto ao desemprego, apenas 4% dos jovens se diziam completamente ou um pouco tranquilos; a imensa maioria se dizia um pouco ou muito preocupada. Um pouco preocupados por haver algum risco estavam 20% dos jovens; e muito preocupados, por haver um grande risco de caírem no desemprego, se sentiram nada menos que 75% dos entrevistados (GUIMARÃES, 2005, p.161).

Para Abramo e Branco (2005), o desemprego é um dos marcos por entre os quais se desenvolve a experiência da juventude brasileira contemporânea. No Brasil, dos 34 milhões de brasileiros entre 15 e 24 anos, 36% trabalham; 32% já trabalharam e estão desempregados; 8% estão procurando trabalho e 24% nunca trabalharam e nem estão procurando emprego. Conforme estes dados, quase dois quintos da população juvenil estão desempregados. Na

¹¹ Terminologia empregada por Guimarães (2005).

¹² Terminologia empregada por Guimarães (2005).

análise de Singer (2005), são jovens cujas histórias de vida são perpassadas por um período marcado por transições políticas, econômicas, sociais, demográficas, dentre outras. São jovens nascidos em tempo de crise social.

De acordo com Guimarães (2005), o desemprego juvenil é o principal componente do fenômeno do desemprego em massa. Estes dados revelam uma estreita relação entre “faixa etária” e “taxa de desemprego”, revelando a gravidade deste problema, que é mundial: quanto menor a faixa etária, maior o desemprego e vice-versa. Para Branco (2005), o que ocorre na atualidade, é que boa parte dos jovens brasileiros tem sido empurrada ao mercado de trabalho, em face das estratégias de sobrevivência pessoal/familiar. Entretanto, tem se defrontado com barreiras e dificuldades provenientes de um ambiente economicamente hostil, e incapaz, pela sua natureza, de responder positivamente à parcela de trabalhadores que busca o ingresso no mercado de trabalho.

Em que pese o trabalho tenha status de centralidade entre os jovens – como necessidade e como direito –, a “dedicação ao trabalho” não aparece como o valor mais importante para este segmento. Segundo Guimarães (2005), quando instados a eleger o valor principal numa sociedade ideal¹³, apenas 6% dos jovens escolheram a alternativa “dedicação ao trabalho”. Conforme a autora, o peso dado a este valor, bem como ao valor “liberdade individual” (5%), característico dos jovens, nem de longe rivalizam com a importância conferida aos valores religiosos. O “temor a Deus” ou “religiosidade”, juntos, corresponderam a 27% das respostas.

No campo religioso, no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990 observamos a explosão do “fenômeno pentecostal”; a resposta da Igreja Católica a este fenômeno (em especial pelos movimentos carismáticos); a popularização das religiões orientais, dentre outras. De acordo com Novaes (2005, p.264-265),

Para os jovens de hoje, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas. [...] para ter acesso à Bíblia, os jovens brasileiros não precisam desconsiderar a autoridade dos padres ou outros mediadores religiosos tradicionais, nem precisam a eles se submeter. A Bíblia pode ser comprada em qualquer esquina, seus versículos são cantados nas letras de rap e aparecem escritos em outdoors no

¹³ Referindo-se à questão: “pensando em uma sociedade ideal, qual destes valores você acha que seriam os cinco mais importantes?”, que constava do formulário de entrevista aplicado por ocasião da realização da Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira, no ano de 2003”. As alternativas de resposta eram as seguintes: temor a Deus, respeito ao meio ambiente, igualdade de oportunidade, religiosidade, respeito às diferenças, solidariedade, justiça social, dedicação ao trabalho, liberdade individual, conforto material, autenticidade pessoal, respeito às tradições, obediência à autoridade, disciplina pessoal, liberdade política, auto-realização, competência, prazer sexual (PERFIL, 2005, p.388).

centro das cidades, nos muros das favelas e periferias. [...] podem assistir pela TV a programas espíritas, às invenções rituais da Igreja Universal e de outras tantas denominações evangélicas. Na televisão, nas lojas de produtos esotéricos, nas feiras, no rádio já encontraram ofertas de ‘orientalização’ das crenças ocidentais convivendo com uma difusa negação do dualismo cristão.

A este respeito, os números da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” apontam que 65% dos jovens entrevistados em todo o país se declararam católicos; 22% evangélicos, dentre os quais 15% pentecostais e 5% não-pentecostais; 11% “sem religião”, destes, 10% declararam “acreditar em Deus, mas não ter religião” e 1% ateu e agnóstico. Ir à missa/igreja e culto destaca-se entre as atividades que os jovens mais gostam de fazer no tempo livre (18%), comparada apenas a “ir dançar/baile” e “ir à praia”, com igual incidência (NOVAES, 2005). Dentre os jovens entrevistados, 15% declararam participar de grupos de jovens, com destaque para os grupos religiosos.

De acordo com os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, os jovens católicos (65% da amostra) estão em todas as faixas de renda, entretanto, mais numerosos entre os mais pobres; nas cidades, 63% estão no mercado de trabalho_ e, no campo, 6% trabalham ou já trabalharam na agricultura familiar e 4% como assalariados rurais (NOVAES, 2005). Os jovens evangélicos (22%) subdividem-se em evangélicos históricos¹⁴ (5%) e evangélicos pentecostais¹⁵ (15%). Os primeiros estão mais nas cidades de grande porte e nas capitais; têm nível médio de escolaridade, chegando ao ensino superior; se destacam entre os brasileiros que possuem renda de cinco a dez salários mínimos (15%) e são em menor número entre os que declaram renda acima de 20 salários mínimos. Quanto à inserção no mundo do trabalho, 37% declararam trabalhar ou já ter trabalhado na cidade sem registro e 32% com carteira assinada; no campo, 5% na agricultura familiar e 1% na condição de trabalhador assalariado (NOVAES, 2005).

Quanto ao perfil sócio-econômico dos jovens pentecostais entrevistados, segundo a análise de Novaes (2005, p.169), este é condizente com o que vem sendo analisado na literatura especializada: o pentecostalismo cresce mais entre os mais pobres; 46% dos jovens pentecostais se declararam negros ou pardos; 6%, índios; quanto à escolaridade, 3% dos jovens pentecostais entrevistados eram universitários, 50% cursavam o ensino fundamental ou

¹⁴ Denominados evangélicos de missão pelo IBGE. Segundo este Instituto, as principais denominações que constituem o grupo de evangélicos de missão são: Adventista do sétimo dia, Luterana, Batista, Presbiteriana (IBGE, 2003).

¹⁵ Para o IBGE (2003), as principais denominações que constituem o grupo de evangélicos pentecostais são: Congregação Cristã no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

pararam de estudar naquelas séries, poucos jovens terminaram o ensino médio. Em relação à renda, os jovens pentecostais estão predominantemente entre os mais pobres; 5% deles afirmaram terem experiência de trabalho assalariado no campo; 35% desenvolviam trabalhos urbanos sem registro em carteira e 31% com carteira assinada.

Além desses dados, a autora ressalta o fato de os jovens brasileiros crentes serem freqüentadores assíduos das suas igrejas, o que lhes garante o “pertencimento” à comunidade de irmãos (NOVAES, 2005).

De acordo com Mariz (2005), a necessidade de sentimento de pertencimento e comunhão não é exclusiva dos jovens. Entretanto, na juventude, isto parece ser fomentado mais do que em outros períodos da vida. Os grupos de jovens de cunho religioso encontram-se entre as experiências que tendem a suprir essa necessidade. Estes espaços produzidos pelas instituições religiosas, para a juventude, constituem “lugares de agregação social, identidades e formação de grupos” que compõem o cenário da sociedade civil (NOVAES, 2005). Esta autora aponta como um desafio “compreender o ‘quanto’, ‘como’ e ‘quando’ o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração” (NOVAES, 2005, p.265). A mesma autora alerta para a necessidade de “encontrar instrumentos de análise e caminhos de reflexão para compreender melhor os efeitos de escolhas, pertencimentos e identidades religiosas em diferentes áreas da vida social” (NOVAES, 2005, p.265).

No caso dos jovens da ADBLU, pouco se sabe a respeito das suas práticas sociais, como vivem, como se relacionam, quais valores fundamentam suas vidas, como são suas relações com a sociedade em geral, como estabelecem as relações de trabalho, como vivenciam fenômenos sociais como o desemprego, por exemplo. Desta forma, apreender elementos da realidade vivenciada por estes jovens, compreender como (re)produzem sua existência social, nos possibilitará trilhar uma parte do caminho rumo ao desafio de conhecer os jovens brasileiros, sujeitos fundamentais nos processos de conformação e/ou transformação individual e social.

A escolha deste grupo não foi desinteressada, ao contrário, foi motivada pela nossa experiência pessoal, cuja sociabilidade primária foi permeada pela religiosidade, nos preceitos da ADBLU. Na juventude, passou a ser comunista, com trajetória de militância no movimento estudantil, bem como em outros movimentos sociais. Nesta condição compreendemos o que Marx e seu companheiro Engels afirmaram n’A Ideologia Alemã acerca das idéias e representações: as idéias e representações são produtos dos homens, reais e ativos,

condicionados por um desenvolvimento determinado de suas forças produtivas e pelas relações correspondentes a essas forças produtivas. Por nossa própria experiência, compreendemos que, de fato, a religião não tem razão de ser quando a vida social aparece como “obra de homens livremente associados, agindo conscientemente e mestres de seu próprio movimento social” (MARX, 1972a, p. 162). Deste encontro com Marx, delimitamos nossa escolha, não apenas como uma análise, mas como possibilidade de transformação. Com este autor aprendemos que a abstração da realidade, bem como a sua transformação, são processos que caminham juntos. Portanto, o mais importante desta proposta não está em interpretar a realidade dos jovens da IEAD/Blumenau, mas em transformá-la. Compreendê-la para transformá-la.

Importa ressaltar que nesta dissertação não discutimos a existência ou não de um deus, mas queremos colocar em destaque “a função prático-social de determinadas formas de consciência, independentemente do fato de que elas, no plano ontológico geral, sejam falsas ou verdadeiras” (LUKÁCS, 1979, p.14).

Considerando a temática proposta, neste estudo buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: *Como os jovens da ADBLU concebem e vivenciam o trabalho e o desemprego?* Para tanto, traçamos alguns objetivos específicos, a saber: identificar o entendimento da ADBLU sobre trabalho e desemprego; conhecer a orientação da ADBLU sobre o comportamento do cristão no ambiente de trabalho; verificar se a ADBLU desenvolve ações de enfrentamento ao desemprego; caracterizar os jovens da ADBLU, no tocante ao gênero, idade e escolaridade; identificar as profissões e ocupações dos jovens da ADBLU; verificar se o desemprego atinge jovens da ADBLU e em que medida; verificar se a experiência pessoal de emprego, precarização do trabalho, subemprego, desemprego, altera a relação do jovem da ADBLU com o grupo religioso.

Para o alcance dos objetivos, nos valem os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) levantamento bibliográfico sobre a história das Assembléias de Deus no Brasil e sobre as categorias “trabalho”, “desemprego”, “juventude” e “religiosidade”;
- b) levantamento de dados estatísticos sobre a condição dos jovens brasileiros na contemporaneidade;

c) entrevista¹⁶:

- com o pastor presidente da ADBLU (12/05/2005¹⁷ e 03/07/2006);
- com o presidente da União da Mocidade da Assembléia de Deus do Estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná – UMADESCP (18/12/2006);
- com o coordenador geral da União da Mocidade da Assembléia de Deus de Blumenau/SC – UMADBLU (20/12/2006);
- com 04 jovens (02 moças e 02 rapazes) que estiveram ou estavam em situação de desemprego, membros da Assembléia de Deus de Blumenau/SC (nos meses de outubro e dezembro de 2006)¹⁸.

d) observação participante de cultos e outras atividades religiosas promovidas pela ADBLU;

e) questionário auto-aplicável (apêndice A).

O universo da pesquisa foi constituído da totalidade dos jovens da ADBLU¹⁹. A amostragem foi definida com base na organização administrativa da igreja, subdividida em 16 setores, que abrangem todas as regiões do município de Blumenau. A amostra foi constituída de 298 jovens.

Todos os objetivos específicos foram alcançados e contribuíram para o desvelamento do problema. Contudo, dada a complexidade e relevância do tema, demandam um aprofundamento.

¹⁶ As entrevistas foram realizadas com base num roteiro pré-estabelecido (Apêndice B). Entretanto, no decorrer das mesmas foram surgindo outras questões advindas das respostas dos entrevistados, que contribuíram para o enriquecimento do material coletado. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz dos conhecimentos teóricos acumulados sobre juventude, trabalho e religiosidade. Os termos de doação encontram-se na versão impressa.

¹⁷ Esta entrevista consistiu numa aproximação inicial para obtenção de dados preliminares sobre a organização eclesial e administrativa da ADBLU. As informações foram anotadas em diário de campo.

¹⁸ A proposta inicial da pesquisa previa a realização de entrevista com pelo menos 01 representante de cada um dos 16 setores da ADBLU. Para tanto, solicitamos aos líderes de jovens das respectivas congregações que verificassem entre os jovens aqueles que estivessem disponíveis para a participação nesta etapa da pesquisa, contudo, não obtivemos retorno positivo. Desta forma, partimos para o contato pessoal com os jovens da ADBLU e por meio eletrônico (abrangendo as comunidades de jovens da ADBLU no *orkut*). Mediante a esta estratégia, conseguimos realizar entrevista com 04 jovens (Jaqueline, Raquel, Ricardo e Samuel). A identificação nominal dos jovens entrevistados foi preservada com a utilização de nomes fictícios.

¹⁹ A concepção de juventude da ADBLU compreende jovens homens e mulheres a partir de 15 anos de idade, que não tenham contraído matrimônio. Em algumas congregações, cujo número reduzido de adolescentes não justifica a criação de um departamento específico para este grupo, pessoas de 14 anos são incluídas nas estatísticas da juventude.

A análise que nos propomos – do “desemprego de jovens da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Blumenau/SC” – está fundamentada no método dialético-crítico, de cunho marxista. Sendo assim, não podemos perder de vista o elemento central deste método, que é a “categoria do movimento perpétuo, da transformação permanente de todas as coisas” (LÖWY, 2003). Compartilhamos com Marx (1996) o entendimento de que os homens, ao estabelecerem relações sociais de acordo com sua produção material, criam também os princípios, idéias e categorias, em conformidade com estas relações. O que dá a essas idéias e categorias seu aspecto histórico e transitório; “são tão pouco eternas como as relações às quais servem de expressão” (MARX, 1996, p.177).

Desta forma, não há nada eterno, fixo, absoluto, tampouco este trabalho, pois a discussão do fenômeno do desemprego só faz sentido em sua historicidade, no contexto histórico e social em que se movimenta, como produto social da ação dos homens. Não nos interessa, portanto, apreendê-lo, senão no conjunto de relações que compõem o social, como um todo orgânico.

Este estudo se caracteriza por sua natureza qualitativa, de cunho exploratório, descritivo e analítico. Trata-se de um estudo exploratório no qual buscamos apreender o fenômeno do desemprego em uma de suas particularidades, o desemprego juvenil. Entretanto, a discussão não esteve voltada apenas para a juventude, uma vez que não se trata de um grupo qualquer de jovens; são jovens cuja sociabilidade é permeada pelo elemento religioso. Seus modos de ser, viver e se relacionar com o mundo são permeados, também, pelo conjunto de valores apreendidos na sua relação com seu deus.

Esta dissertação está organizada em 2 capítulos. No Capítulo I – Idéias que movem o mundo –, apresentamos a história da Assembléia de Deus no Brasil, com ênfase para a igreja de Blumenau/SC, sua trajetória histórica e organização atual, com destaque para as atividades desenvolvidas pelo departamento de jovens. Além disso, abordamos o *ethos* pentecostal e a concepção dos pastores da ADBLU sobre o trabalho, o evangélico no ambiente de trabalho, o desemprego e as frentes de atuação da igreja frente ao fenômeno. Ainda neste capítulo, trazemos breve reflexão weberiana acerca das idéias que movem o mundo.

No Capítulo II – Idéias são transformadoras? –, abordamos o desemprego de jovens da ADBLU apresentando o resultado do levantamento estatístico realizado, bem como, por meio dos depoimentos dos jovens, quatro situações exemplares de desemprego: na primeira situação, o desemprego é associado aos “planos de Deus” e o “bico” é apresentado como estratégia de sobrevivência; na segunda situação, o desemprego é concebido como algo

passageiro, relacionado à falta de experiência dos jovens; na terceira situação o desemprego sem carteira assinada; por último, o desemprego social. Abordamos, ainda, a reprodução da moral do trabalho pelos líderes da ADBLU; Realizamos, também, uma discussão sobre a materialidade das idéias, sob a ótica marxista, que permite identificar: as transformações do trabalho e da própria concepção de trabalho; a emergência do desemprego como expressão da questão social no século XIX; e da religião como ideologia que contém materialidade.

Por último, fazemos algumas considerações e apontamentos sobre o objeto de estudo, à guisa de uma outra concepção de trabalho e desemprego.

CAPÍTULO I - ESPIRITUALIDADE MOVE O MUNDO

1 ASSEMBLÉIA DE DEUS: UM POUCO DA HISTÓRIA

A história da Assembléia de Deus no Brasil se confunde com a história do pentecostalismo moderno. De acordo com Freston (1996), compreender este último remete ao “avivamento metodista” do século XVIII e ao “movimento de santidade” ocorrido nos países de língua inglesa no século XIX.

Oliveira (2003) regressa um pouco mais na história, remetendo a discussão sobre o pentecostalismo moderno ao período da Renascença. Este autor vai a 1517 d.C, assinala a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero e sua influência por quase toda a Europa; destaca a França, Alemanha e Suíça, dentre as nações que mais foram atingidas pelo “despertamento religioso” que se esboçava; registra o “triunfo do evangelho de Cristo”, a liberdade do povo do jugo papal, a liberdade de consciência, os ideais de protesto contra a corrupção religiosa e a ganância de alguns bispos, “que tudo prometiam mediante dinheiro”.

Entretanto, conforme o autor, a Reforma não atingira a completude necessária, pois esquecera do “Pentecoste” apregoado no Novo Testamento. Segundo Oliveira (2003, p.28)

Alguns anos mais tarde, quando a Reforma firmou-se e expôs os pontos principais de sua doutrina, eles viram que o movimento fora deixado pela metade. Puseram-lhe o fundamento e as vigas mestras, mas deixaram as paredes por construir. Os reformadores perderam boa oportunidade de restaurar à Igreja sua grandeza primitiva.

A Igreja Primitiva foi instituída por Jesus Cristo e data do ano 30 ao ano 500 d.C.. O culto compunha-se de pregação, leitura das Escrituras, cânticos e hinos, batismo e ceia do Senhor e ofertas. Para a inserção de um novo convertido requeria-se: sua crença em Jesus Cristo; submissão ao batismo nas águas; recebimento do Espírito Santo; confissão verbal da nova fé (SANTOS, 2006a). Para os cristãos, o marco diferencial da Igreja Primitiva foi a “descida do Espírito Santo”²⁰, espírito consolador, após a crucificação, ressurreição de Cristo

²⁰ Este acontecimento é narrado na Bíblia Sagrada, em Atos dos Apóstolos, da seguinte forma:

“Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do

e ascensão aos céus²¹.

Segundo Oliveira (2003), este aspecto essencial da Igreja Primitiva – a descida do “espírito santo” –, que não fora alvo da Reforma do século XVI, foi retomado no século XVIII, na Inglaterra, por ocasião de outro grande despertar.

John Wesley, clérigo da Igreja Anglicana – igreja oficial da Inglaterra –, foi destaque neste processo de retomada da crença no “espírito santo”, do qual se originou a Igreja Metodista. Sem apoio e criticado por opositoristas clérigos na Igreja Anglicana, Wesley popularizou o evangelho, pregou aos operários nas praças e salões. Sua mensagem transformadora irradiou-se pelos países de língua inglesa, culminando com a constituição da Igreja Metodista, primeiro nos EUA, depois na Inglaterra, que se realizou, sobretudo, após a morte de seu precursor. A vertente metodista foi um dos movimentos religiosos que se destacaram no século XVIII e adentraram o século XIX, e, foram como que prenúncios do pentecostalismo moderno. O movimento metodista se espalhava rapidamente; até o final de 1907 havia se estendido a muitas cidades e países, dentre eles: Dinamarca, Inglaterra, Alemanha e Índia (OLIVEIRA, 2003). A difusão das idéias do avivamento espiritual provoca cisões em diversos segmentos religiosos, sendo a mais importante cisão em Houston, por ocasião da conversão de um pastor “*holiness*” ao pentecostalismo. Este pastor leva consigo William J. Seymour, negro, filho de pais escravos, que se tornou figura central nos registros acerca do pentecostalismo moderno. Transferido para Los Angeles, Seymour iniciou suas pregações para um grupo pertencente ao movimento “*holiness*”. Entretanto, sua pregação acerca do batismo com o Espírito Santo não foi aceita, o que resultou na sua expulsão do grupo. Em 1906 Seymour e outras sete pessoas criam outra igreja, a Missão de Fé Apostólica (tradução nossa). Segundo Oliveira (2003, p.58),

Precisando de um espaço maior e de fácil acesso, Seymour descobriu um templo da Igreja Metodista Episcopal Africana, que se achava abandonado, na rua Azuza 312, local ideal para desenvolver seu trabalho. Nessa comunidade foi fundada a Apostolic Faith Gospel Mission. [...] foi nesse local que se iniciou o movimento sob o nome The Apostolic Faith Mission. Diversos visitantes protestantes foram atraídos para esse local, e entre eles muitos voltavam convertidos ao pentecostalismo.

Ressaltamos que os primórdios do pentecostalismo moderno foram marcados pela liderança de negros e mulheres, aos quais se juntaram evangélicos brancos; este era um

Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”. (ATOS, 2:1-5)

²¹ Os adeptos ao cristianismo acreditam que Jesus Cristo ressuscitou após 03 dias de sua morte e ascendeu aos céus, onde aguarda o dia de sua volta para a terra a fim de buscar os seus escolhidos.

elemento importante no movimento que nascia, pois negros e brancos norte-americanos, historicamente envolvidos pela luta racial, uniam-se pela força do religioso. Desta forma, os líderes negros pensavam que com a irrupção do Espírito Santo a luta racial desapareceria (ROLIM, 1994).

Contudo, conforme Freston (1996), a segmentação racial ocorreu tão logo os brancos receberam ordenação na Igreja de Deus em Cristo. Os brancos fundaram a Assembléia de Deus, cuja preocupação central, aparentemente girava em torno do batismo no Espírito; busca dos dons de falar línguas estranhas²²; ânsia de santificação; cura divina; de tal forma que afirmavam que seu projeto era exclusivamente religioso. Os negros mantiveram a Missão de Fé Apostólica e além da experiência com o Espírito Santo, levaram adiante a luta político-racial (ROLIM, 1994).

O pentecostalismo levado adiante pelos brancos norte-americanos, sob o *fetichê* de ser um movimento voltado exclusivamente para a questão religiosa²³, irradiou-se pela América-Latina, instalando-se no Brasil por volta de 1910. Duas igrejas pentecostais foram as principais responsáveis por este processo no território nacional: a Congregação Cristã no Brasil, fundada em 1910 por Francescon, italiano, convertido nos EUA; a Assembléia de Deus, fundada em 1911, por Daniel Berg e Gunnar Vingren, suecos, também convertidos na América do Norte. De acordo com Mariano (2004, p.123), inicialmente estes grupos “caracterizaram-se pelo anticatolicismo, radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. No plano teológico, enfatizaram o dom de línguas, seguindo a ênfase doutrinária dessa religião”.

A religião pentecostal que se instalou no Brasil descendeu da experiência dos brancos americanos, sob a aparência de ser um pentecostalismo eminentemente sacral. No Brasil, este movimento iniciou, na década de 1910, com a fundação da “Congregação Cristã” em São Paulo. Em 1911 é a vez da Assembléia de Deus, trazida ao país por Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estes se instalaram no Pará e fundaram a igreja, inicialmente chamada de “Missão da Fé Apostólica”, oficialmente registrada como Assembléia de Deus em 1918. Na análise de Rolim (1994, p. 24), em que pese Vingren e Berg terem se instalado em uma região cujo povo vivenciava uma realidade marcada por duras necessidades materiais, “não tinham por objetivo se inteirar de como vivia o pessoal pobre que morava na periferia. O dia-a-dia

²² Os pentecostais acreditam que após sua morte Jesus enviou à terra um espírito consolador, o espírito santo. Quando são batizados por este espírito, alguns falam em línguas desconhecidas.

²³ Aparentemente voltado para a questão religiosa, este movimento esconde uma vinculação aos interesses da classe dominante, que vai sendo revelado no decorrer da sua história.

dessa gente, como vivia, como trabalhava, quanto ganhava, o que comia, tudo isso estava muito distante de seus olhos”.

Da mesma forma, Francescon, fundador da Congregação Cristã na capital paulista, “não demonstrava nenhum interesse pela situação dos trabalhadores italianos. Plantar sua experiência religiosa, e unicamente religiosa, era tudo quanto almejava” (ROLIM, 1994, p.24).

Embora os pioneiros do pentecostalismo no Brasil se dedicassem a uma proposta evangelística abstraindo de questões sociais e econômicas da população alvo do trabalho missionário, o pentecostalismo se expandia. Exemplo disto é a Assembléia de Deus que se irradiou do Norte para o Nordeste e Centro-Oeste por volta de 1930, impulsionada, sobretudo, pela nucleação²⁴ (ROLIM, 1994).

Os anos 1950 e início da década de 1960 foram marcados pela fragmentação do pentecostalismo. Surgem as igrejas “Quadrangular” (1951), “Brasil para Cristo” (1955) e “Deus é Amor” (1962) (FREESTON, 1996). Rolim (1994) assinala que no decorrer da década de 1960 se observa mais um período de expansão do pentecostalismo na América Latina, especialmente de meados desta década a início da década de 1970. Esta expansão é impulsionada por fatores exógenos e endógenos. Em relação aos primeiros, não é demais lembrar que nesta época a experiência revolucionária cubana apresentava o comunismo como alternativa viável para o continente. Além disso, neste período aconteceram o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, quando a Igreja Católica latino-americana proclamou a opção preferencial pelos pobres. De acordo com Rolim (1994, p.141), neste contexto foi expedido o “*Informe Rockefeller*”²⁵, de cujo texto constava “A Igreja Católica deixou de ser um aliado de confiança para os Estados Unidos”. O documento continha recomendações ao governo americano de diversas medidas a serem tomadas, dentre elas, uma “campanha intensiva de difusão das igrejas evangélicas conservadoras”. Em vista disto, a política imperialista norte-americana, impregnada de interesses geopolíticos e econômicos, uniu recursos e traçou estratégias para combater o movimento comunista que se alastrava pela

²⁴ Pequenos núcleos familiares que conheceram a experiência pentecostal realizavam cultos em suas casas, testemunhavam e, posteriormente, quando atingido um número maior de pessoas fundavam igrejas.

²⁵ Emitido pelo departamento de política exterior dos Estados Unidos em 1968.

América Latina. Dentre elas destacamos o patrocínio às ditaduras e o investimento na evangelização dos povos latino-americanos²⁶.

No Brasil e Chile durante os governos militares, por detrás dos quais estava o interesse norte-americano, os pentecostais não só recuperaram as perdas sofridas nos anos que precederam esses regimes autoritários, mas retomaram nova dinâmica expansionista. América Central, Brasil e Chile foram então áreas preferidas pela política norte-americana tendente a instrumentalizar em seu favor organizações evangélicas fundamentalistas (ROLIM, 1994, p.141-142).

O incentivo ao pentecostalismo trazia em seu germe uma estratégia política para conter os movimentos sociais, principalmente aqueles que apontavam para a disseminação do ideário comunista. Quanto aos fatores endógenos à América Latina, o mesmo autor destaca: o processo de migração/urbanização; a presença de pobres e religiosos; a ausência de templos católicos na periferia; a crença no poder dos santos substituída pela crença no poder de Deus e do Espírito Santo; o ambiente coletivo dos cultos que propiciavam a explosão de sentimentos e emoções religiosas; a democratização dos rituais do culto²⁷, ao alcance de todos; a acolhida, entre outros (ROLIM, 1994).

Nas décadas seguintes, o pentecostalismo continuou em ascensão. No final da década de 70 e decorrer da década de 80, observamos o crescimento de um “novo pentecostalismo” ou “neopentecostalismo”²⁸ com a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e da Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (FREESTON, 1996). Nas eleições de 1986, os pentecostais lançaram-se numa campanha de motivação das igrejas de mesmo credo “em favor de um candidato evangélico não pentecostal, mas com posições firmes em apoio às liberdades democráticas” (ROLIM, 1994, p.73). A presença de candidatos representantes destes segmentos é cada vez mais constante, aspecto que reitera a crítica ao discurso de “exclusividade religiosa”. Contudo, a participação política não ocorria de forma homogênea. De um lado se sobressaíam candidatos com interesses voltados para suas igrejas e, por outro lado, políticos com histórico de luta social, como a então deputada federal Benedita da Silva, “negra e pentecostal da Assembléia de Deus, com elevada consciência política” (ROLIM,

²⁶ Este é apenas um dos aspectos que põem em questão a proposta “eminente religiosa” dos pentecostais, revelando que sob o *fetichismo* da exclusividade evangelística se escondem interesses das classes dominantes.

²⁷ Em contraposição ao ritual católico historicamente centrado na figura do Padre, que rezava a missa em latim e de costas para o público, sem possibilidade de interação dos fiéis.

²⁸ Esta vertente do movimento pentecostal se caracteriza pela ênfase na busca de revelações diretas de Deus e pela realização de milagres, além da batalha espiritual entre as forças do bem e do mal. As igrejas que compõem este movimento são mais flexíveis em questões de “costumes” (padrões de comportamentos) em relação aos pentecostais tradicionais.

1994, p.74). No processo de elaboração da Constituição Federal de 1988, 17 políticos pentecostais (dos quais 14 da Assembléia de Deus) compunham a bancada evangélica (formada por 32 deputados). Sob a aparência religiosa, os pentecostais representavam e defendiam propostas conservadoras e capitalistas, além de receberem favores, concessões de estações de rádio e TV, em troca de adesão às propostas governamentais (ROLIM, 1994). De posse dos meios de comunicação de massa, na década de 1990, o fenômeno pentecostal volta a expandir-se, com aumento significativo do número de fiéis e de novas vertentes pentecostais. Na tabela abaixo, pode ser observada a expansão do pentecostalismo no Brasil, no período de 1970 a 2000.

Tabela 4 - População Total e Grupos Religiosos no Brasil

Anos	População Total	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos Total	Outras religiões	Sem religião
1970	93.470.306	85.775.047 91,8%	-	-	4.833.106 5,2%	2.137.229 2,5%	704.924 0,8%
1980	119.009.778	105.860.063 89,0%	4.022.330 3,4%	3.863.320 3,2%	7.885.650 6,6%	3.310.980 3,1%	1.953.085 1,6%
1991	146.814.061	122.365.302 83,33	4.388.165 3,0%	8.768.929 6,0%	13.157.094 9,0%	4.345.588 3,6%	6.946.077 4,7%
2000	169.870.803	125.517.222 73,9%	8.477.068 5,0%	17.975.106 10,6%	26.452.174 15,6%	5.409.218 3,2%	12.492.189 7,4%

Fonte: JACOB, 2003.

Como podemos observar, até os anos 1970 a religião católica manteve sua supremacia, resultante do seu reconhecimento como religião oficial do Estado brasileiro. Até este período, o índice de evangélicos era tão baixo que os censos demográficos realizados pelo IBGE sequer assinalavam a existência de subdivisões religiosas no interior deste grupamento. Entre 1980 e 1991 observamos um salto de 2,4% entre os evangélicos, sendo que os pentecostais mais do que duplicaram o número de adeptos, passando de 3,2% para 6% da população brasileira. Entre 1991 e 2000 observamos um aumento exacerbado do número de pentecostais, agora, agregando 10,6% do contingente populacional do Brasil (JACOB, 2003).

Questionado sobre a explosão pentecostal que aconteceu nas décadas de 1980 e 1990, um dos pastores da ADBLU, Volmir Lalana, membro da diretoria da igreja e atual coordenador de jovens, assinalou para a questão cultural do povo brasileiro, omitindo vínculo com as questões de cunho social e econômico. Nas suas palavras:

Se você falar com os sociólogos, eles vão dizer que é por causa da pobreza no Brasil; eles vão dizer: devido à pobreza, as dificuldades sociais que o país tem. Porém, eu não concordo com esse ponto de vista, porque hoje a igreja atingiu todos

os níveis sociais. Em Blumenau temos médicos, doutores, advogados. Então, eu atribuo o crescimento da Assembléia de Deus a esse resgate do cristianismo que o catolicismo deixou de lado. [...] a Assembléia de Deus veio para desenvolver a espiritualidade, o pentecostalismo. Isso encaixou com a cultura do povo brasileiro, que é um povo místico, um povo voltado às questões espirituais [...] deu certo na cultura daqui (LALANA, 2006)²⁹.

Aliado ao fenômeno da expansão pentecostal, Mariano (2004) observou uma alteração no perfil dos adeptos a este credo. Segundo este autor, a adesão às igrejas pentecostais não se restringe mais aos estratos pobres da população; as classes médias, empresários, profissionais liberais entre outros, têm aderido a este credo. Contudo, em que pese o perfil social das igrejas pentecostais tenha se alterado no final da década de 1990, início de 2000, predominam os estratos sociais de menor poder aquisitivo.

Do ponto de vista demográfico, de acordo com Jacob (2003), os pentecostais habitam mais as zonas urbanas do que as rurais; congregam mais mulheres do que homens; mais crianças e adolescentes do que adultos; e, mais negros, pardos e indígenas do que brancos. No que se refere à educação, se caracterizam por um nível baixo de escolaridade, sobretudo alfabetizados, com antigo primário e primeiro grau. Em relação às atividades econômicas, os pentecostais ocupam, em especial, empregos domésticos, com ou sem carteira de trabalho; remuneração é baixa, em torno de até 3 salários mínimos. Estatísticas nacionais e estudos similares ao realizado por Jacob (2003), que elaborou o Atlas da Filiação Religiosa no Brasil, permitem afirmar que populações que integram as camadas empobrecidas e pouco escolarizadas constituíram, historicamente, o público alvo da IEAD.

Conforme Mariano (1999), neste período também foi possível observar uma disposição de alguns segmentos de acompanharem mudanças que se processavam tanto na igreja pentecostal, como na sociedade. Segundo este autor, a Assembléia de Deus é exemplo desta tendência à dessectarização, sinalizada em face do recente e deliberado ingresso na política partidária e na TV, buscando poder, visibilidade pública e respeitabilidade social, ao lado de outras transformações internas. O que Mariano (1999) denomina “processo de dessectarização” entendemos como exploração de espaços de poder. Se no início da história da Assembléia de Deus no Brasil esta é uma necessidade latente, mas não factível dada a sua insipiência naquele momento histórico; na atualidade, tendo em vista sua crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social (MARIANO, 2004), a necessidade e a possibilidade de ocupação destes espaços de poder se torna patente e possível. Disto

²⁹ Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 20 dez. 2006.

inferimos que a igreja é uma instituição social que disputa espaços de poder, portanto seu projeto não pode ser compreendido como exclusivamente religioso.

No que se refere à origem, expansão e abrangência do pentecostalismo, no Brasil, historicamente, a Assembléia de Deus agregou o maior número de pentecostais. Segundo dados do Censo 2000, este segmento detém cerca de 75% do contingente de pentecostais no Brasil, ou seja, 8,4 milhões. No entanto, a distribuição dos adeptos a este credo no país não é homogênea. Conforme Jacob (2003), a Assembléia de Deus encontra-se instalada na maior parte das grandes cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, reúne cerca de 760.000 fiéis; em São Paulo, 500.000 e no Recife, cerca de 300.000 pessoas. Segundo este autor,

Em relação ao conjunto das confissões pentecostais, a Assembléia de Deus domina toda metade-norte do país. Nos estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Ceará e Rio Grande do norte, em média, em cada três pentecostais, dois são membros da Assembléia de Deus (JACOB, 2003, p.42).

Na região sul, historicamente, predominaram os Evangélicos de Missão - EM, ou protestantes, e não os pentecostais. Os evangélicos pentecostais – EP são significativamente menos numerosos que aqueles, com destaque para: Toledo/PR (4,7% EP e 13% EM) , Joinville (4,2% EP e 17,4% EM) e Blumenau/SC (2,66% EP e 16,8% EM)³⁰, Ijuí (4,6% EP e 23,4% EM) e Gramado/RS (1,5% EP e 25,5% EM) (JACOB, 2003).

O processo de pentecostalização do sul apresentou peculiaridades, provavelmente por ser uma região com forte presença de imigrantes alemães, italianos, eslavos, poloneses, letos, dentre outros. Não só a língua era outra, como também os costumes diferiam do restante do país.

O Rio Grande do Sul foi o primeiro estado do sul do país a ter contato com o pentecostalismo, segundo Almeida e Kessler (1982), em 1908. Todavia, foi em 1924, com a chegada do missionário Gustavo Nordlund e sua família, que se realizou o primeiro culto da Assembléia de Deus naquele estado.

Em meados de 1928 o pentecostalismo é difundido no estado do Paraná, com o polonês Bruno Skolimowski. No início, realizava reuniões em sua própria casa, das quais participavam poloneses, alemães e ucranianos. Durante um ano, Skolimowski prega o evangelho em polonês, italiano, ucraniano e alemão. Em 1929 a igreja de Curitiba é oficialmente registrada e inicia-se o culto em português (ALMEIDA; KESSLER, 1982).

³⁰ O autor não cita esta cidade, dados extraídos do censo 2000 – IBGE.

De acordo com Almeida e Kessler (1982, p.291), dada a diversidade de povos, “nos primeiros cultos, era muito comum ouvir-se orações simultâneas em português, russo, alemão, italiano, ucraniano, polonês e leto”, todos unidos pelo amor a Deus e na tarefa de propagação do evangelho. De Curitiba, a mensagem pentecostal se espalhou para todo o estado do Paraná.

Em Santa Catarina a primeira experiência pentecostal ocorreu em 1909, em Guaramirim, com o Pastor Pedro Graudin, mas a primeira Igreja Assembléia de Deus no estado foi instalada apenas em 1931, em Itajaí, pelo Pastor André Bernardino da Silva (SANTOS, 1996). Desta época em diante, a Assembléia de Deus se expandiu por todo o estado de Santa Catarina, comportando, nos dias atuais, 128 igrejas sede, sendo uma delas a ADBLU.

1.1 IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE BLUMENAU: 76 ANOS DE HISTÓRIA

Blumenau está localizada no Vale do Itajaí, a aproximadamente 130 km da Capital do estado de Santa Catarina. O Censo 2000, do IBGE (2003), contabilizou uma população de 261.808 habitantes³¹. Dos quais, 241.943 habitavam a área urbana (192 km² – 36,9% da área total do município) e 19.865 habitavam a área rural (327,8 Km² – 63,1% do território). Os jovens de 15 a 24 anos somavam 49.364, isto é, cerca de 19% da população do município. Conforme dados do referido Censo, o rendimento médio mensal dos blumenauenses era de R\$ 779,31. Os homens apresentavam renda média mensal de R\$ 984,01; e as mulheres R\$ 543,19 reproduzindo a desigualdade de gênero nas relações trabalhistas.

No que diz respeito à escolaridade, em 2000, 6.335 habitantes com 10 anos ou mais de idade não tinham instrução ou tinham menos de 1 ano de estudo; 83.873 tinham de 4 a 7 anos de estudo; 47.328 de 8 a 10 anos de estudo; 41.377 de 11 a 14 anos de estudo; 13.635 tinham 15 anos ou mais de estudo.

A economia do município gira em torno da indústria de transformação, que empregava cerca de 40 mil trabalhadores; o comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, empregava cerca de 25.244 trabalhadores; as atividades imobiliárias, aluguéis e prestação de serviços às empresas agregavam cerca de 14 mil trabalhadores;

³¹ A estimativa para julho de 2005 era de 292.998 habitantes (IBGE, Censo 2000).

seguida da administração pública, defesa e seguridade sociais, com o emprego de 5.906 trabalhadores e a construção civil com 2.642 trabalhadores empregados.

No que se refere ao credo religioso dos blumenauenses, segundo dados do Censo 2000, dois grandes grupos se destacam: Católica Romana, congregando 202.529 pessoas, aproximadamente 77,34% da população e Evangélica Tradicional (protestantes históricas – luterana, anglicana, metodista, batista) congregando 44.125 pessoas, 16,85% da população. Os evangélicos pentecostais congregavam 6.966 pessoas, 2,66% da população, representando uma minoria de blumenauenses, média bem inferior à nacional, que é de aproximadamente 10,5% da população.

1.1.1 *Von der Kolonie zur der Stadt Blumenau* (da Colônia à cidade de Blumenau)

A Colônia Blumenau foi fundada por Hermann Bruno Otto Blumenau em 1850. O processo de colonização da região foi iniciado em 02 de setembro de 1850, com a chegada de 17 colonos alemães. O local escolhido para a implantação da Colônia foi o último trecho navegável do Rio Itajaí-Açu (SIEBERT, 2000). O processo de colonização exigia trabalho braçal para a derrubada da mata, construção de estradas e casas (técnica enxaimel) e cultivo do solo. De acordo com Siebert (2000), este processo se tornava ainda mais difícil tendo em vista a distância da terra natal e o temor dos índios e animais selvagens. Entretanto, segundo a autora, “a liberdade do absolutismo dos príncipes e senhores feudais europeus, e a possibilidade de ser dono de seu próprio chão motivavam o colono a perseverar” (SIEBERT, 2000, p.189). A autora complementa que as adversidades e isolamento reforçaram a solidariedade entre os colonos, possibilitando, nos primeiros anos, “uma sociedade coesa, com fortes laços culturais” (SIEBERT, 2000, p.189).

Os 17 primeiros imigrantes que se estabeleceram em Blumenau eram luteranos. De acordo com Kilian (1957, p.33),

Nos primeiros anos da colônia de Blumenau, a totalidade de sua população era de confissão evangélica, sendo que somente em julho de 1854, chegaram a Blumenau os sete primeiros imigrantes católicos, sendo dois casais, com um filho menor cada, e um solteiro, todos provenientes da Áustria. A essa época Blumenau já contava com 302 imigrantes evangélicos. Em setembro de 1860, portanto dez anos depois da fundação da colônia, a proporção era a seguinte: Imigrantes evangélicos = 909; imigrantes católicos = 57, não estando incluídos nestes números as crianças já nascidas na colônia.

Inicialmente, os evangélicos realizavam cultos no “Barracão dos Imigrantes” e nas próprias casas. De notar que, nesta época, a religião oficial do Estado brasileiro era o catolicismo, portanto, a construção de templos não católicos com características de igreja, estava proibida. Desta forma, o arquiteto Heinrich Krohberger projetou e construiu o primeiro templo evangélico da Colônia, atendendo às necessidades da comunidade e respeitando a legislação vigente. A “Igreja Evangélica do Espírito Santo” foi inaugurada em 1877, fundada pelo Pastor Oswaldo Hesse, que iniciou os trabalhos da comunidade evangélica luterana de Blumenau (KILIAN, 1957). De um modo geral, no Sul do país, a maioria das correntes migratórias era formada por protestantes. Ainda segundo dados desta publicação,

após 20 anos de existência da colônia, tinham sido registrados 5.462 imigrantes evangélicos e 669 imigrantes católicos. [...] em setembro de 1875 havia entrado em Blumenau 6.584 imigrantes evangélicos e 969 imigrantes católicos. O aumento de 300 católicos de 1870 a 1875, foi devido a imigração dos italianos, vindos do Tirol, cuja imigração iniciou-se em agosto de 1872. [...] dos 48.108 habitantes que formavam a população em 1950, 24.529 eram evangélicos e 23.157 católicos (KILIAN, 1957, p. 33).

Entretanto, o número de católicos também era grande e, com o passar do tempo, a maior parte dos alemães e seus descendentes tornaram-se católicos. Ressaltamos que na década de 1950 Blumenau tinha uma população aproximadamente 6 vezes menor em relação aos índices atuais e, no que tange ao aspecto religioso, estava dividida, de forma equilibrada, entre estes dois grandes grupos – evangélicos e católicos –, com a maioria evangélica.

Na segunda metade do século XX Blumenau registrou um crescimento econômico correspondente à expansão industrial, o que perdurou até o final da década de 70. Neste período, a população do município crescia cerca de 4,6% ao ano, ocasionado, principalmente, pelos movimentos migratórios (SIEBERT, 2000). A este fator (em especial) se deve, provavelmente, a inversão dos índices de evangélicos e católicos no município. Aliado a isto, o fato de os evangélicos, que agregavam a maioria da população blumenauense até meados do século XX, constituírem o grupo dos Protestantes Históricos. De acordo com Brandão (2004, p.269), estes grupos não se ocupam com o trabalho de evangelização para fora de seus grupos étnicos (alemães, ingleses etc. e descendentes), “em vários casos, o círculo cultural da religião confunde-se com o da comunidade étnico-racial”.

No que diz respeito aos pentecostais no município, ressaltamos que o crescimento deste segmento se dá, a exemplo do restante do país, em meados da década de 1980 e no decorrer da década de 1990. Segundo Siebert (2000), este foi um período de forte retração

econômica em Blumenau. Mariano (2004) atribui o crescimento pentecostal observado neste período às ações proselitistas daquele segmento, que explorou em seu favor a crise social e econômica vivida em território nacional. Ainda assim, Blumenau possui número reduzido de pentecostais. Conforme depoimento do Pastor Presidente da ADBLU, Nilton dos Santos (2006),

Essa região tem alguma coisa que realmente difere da normalidade do Brasil. Porque é uma cidade que tem uma colonização muito forte, alemã, principalmente, na nossa região aqui. Os católicos alemães são muito mais defensores do seu ideal de fé, de sua profissão católica, do que o católico normal brasileiro. Então, para um católico alemão se tornar pentecostal, é mais complicado. Mas, os mais complicados são os luteranos. Porque os luteranos se acham como evangélicos. Para eles se tornarem pentecostais é mais difícil. Hoje já há um relacionamento melhor, porque antigamente, para eles, os pentecostais eram apenas uma seita. Hoje eles já começam a ver diferente essa questão. Mas, o luterano também é muito seguro naquilo que ele crê, então, é bem complicado para ele crer da maneira correta, no movimento pentecostal, que é o que está na bíblia, mas eles acham que ficou só para a época dos apóstolos, terminou ali esse mover do espírito. Então, eu penso que há muito a questão da dificuldade de crescimento por causa da colonização européia, especialmente alemã, que dificultou a entrada do movimento pentecostal. Outrossim, no passado foi muito forte isso. Então, agora, há todo um terreno a ser conquistado. Porque agora o pentecostal já é visto de uma maneira diferente. Só que o caminho a percorrer se tornou mais longo, porque, em outras cidades, o movimento pentecostal já teve um crescimento mais forte, conquistando mais a população. Em Blumenau, hoje há uma liberdade, mas há um terreno que foi perdido e precisa ser conquistado. Então, ainda vai demorar alguns anos para chegar a um patamar de outras cidades que estão aí nessa porcentagem (SANTOS, N, 2006)³².

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus - ADBLU³³ agrega o maior número de pentecostais do município. Os alemães e/ou descendentes são minoria no grupo, que é formado, majoritariamente por famílias de brasileiros, atraídos pela expansão industrial que perdurou até a década de 1970.

1.1.2 Trajetória histórica e organização atual da ADBLU

Em Blumenau, a história da ADBLU tem início em 1920, quando o imigrante alemão Wilhelm Dreffurt, empregado numa indústria metalúrgica da cidade, começa a buscar adeptos para o seu credo entre seus colegas de trabalho. Em pouco tempo, o pequeno grupo de pessoas já estava organizado. Na década de 1930 o grupo de Dreffurt toma conhecimento do trabalho iniciado na cidade de Itajaí e decide solicitar apoio ao pastor André Bernardino da Silva. O

³² Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 03 jul. 2006.

³³ A ADBLU representa o conjunto de adeptos a este credo em Blumenau.

referido pastor, que já dava assistência à Igreja em Itajaí, passou a fazê-lo, também, em Blumenau.

A primeira congregação³⁴ da ADBLU se estabeleceu numa residência familiar, no bairro da Velha. Em 1938 foi alugado um galpão na Rua São Paulo, área central do município. Na década seguinte, embora o número de crentes fosse pequeno (aproximadamente 70 membros), a direção da ADBLU sentiu a necessidade de aquisição de um local próprio para a construção de um templo³⁵, que foi iniciada em dezembro de 1944. Para a edificação, os crentes da época alugaram uma olaria desativada e produziram, eles mesmos, tijolos e telhas. A fim de garantir o transporte do material, a ADBLU adquire o seu primeiro veículo: uma carroça e dois cavalos. Passados oito meses do início da construção, o templo da ADBLU foi inaugurado, com capacidade para mil pessoas. Em outubro de 1992 a ADBLU inaugurou sua nova sede, construída no mesmo local da anterior, agora com capacidade para aproximadamente mil e oitocentas pessoas (ADBLU, 2006a).

Desde a sua chegada em Blumenau, a ADBLU tem se expandido por todas as regiões da cidade. Consolidada, atualmente é constituída por 65 congregações³⁶, distribuídas em 26 dos 35 bairros de Blumenau, conforme pode ser observado no MAPA 1, no qual cada ponto vermelho representa um templo da ADBLU³⁷.

³⁴ Congregação é um ajuntamento de pessoas em torno de interesses comuns.

³⁵ Templo é o edifício público onde são realizados os cultos.

³⁶ Cada congregação se reúne em um templo local. Diversos bairros possuem mais de duas congregações.

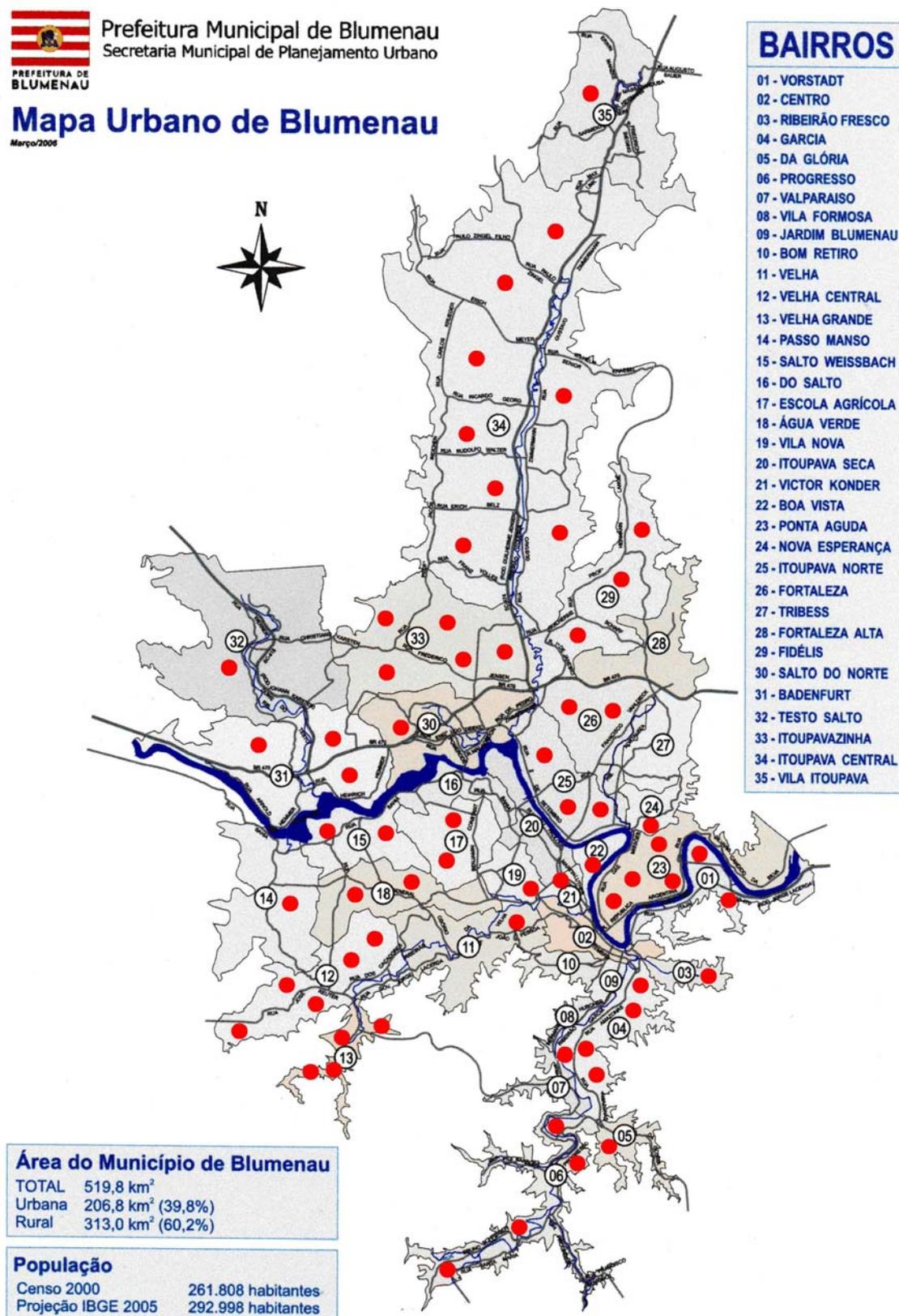
³⁷ Atualmente, aproximadamente 80% dos templos são de propriedade da ADBLU e os demais são construções alugadas. Além disso, existem no município cerca de 30 pontos de cultos (casas de crentes nas quais são realizados cultos públicos semanais) e mais de 80 grupos familiares de estudos bíblicos (geralmente constituídos por pessoas não-crentes).



Prefeitura Municipal de Blumenau
Secretaria Municipal de Planejamento Urbano

Mapa Urbano de Blumenau

Março/2006



Mapa 1 – Distribuição dos templos da ADBLU por bairro – área urbana, município de Blumenau.

Fonte: SEPLAN/PMB.
Elaboração da autora.

Considerando que a área urbana do município tem 206,8 km², a ADBLU tem, em média, 01 templo a cada 3,1km². Entretanto, a divisão dos bairros no município apresenta características muito diversas no que se refere à extensão territorial. Observada a distribuição da ADBLU numa escala geral, podem ser ocultadas especificidades locais que, a nosso ver, fazem diferença no que diz respeito à sua expansão; embora já possamos ter uma noção da distribuição dos templos no município.

Tendo em vista as razões acima apontadas, procuramos detalhar as informações referentes à área urbana dos bairros do município, extensão territorial e populacional, bem como o número de templos e adeptos da ADBLU por bairro. Tais informações podem ser conferidas na tabela 2.

Tabela 5 - Distribuição das congregações da ADBLU por bairro, com área do bairro, índice populacional e média de crentes.

Bairros onde se situam os templos da ADBLU	Área do Bairro 2005 (km ²)	População	Nº de templos da ADBLU	Adeptos da ADBLU	
				Nº	%
Vorstadt	3,90	4.064	02	199	4,9
Ribeirão Fresco	1,22	1.179	01	68	5,8
Garcia	4,53	14.649	05	1.005	6,9
Da Glória	1,95	5.534	01	77	1,4
Progresso	6,68	12.371	04	365	2,9
Velha	5,85	13.331	01	125	0,9
Velha Central	7,29	14.933	05	579	3,9
Velha Grande	1,63	4.049	04	451	11,1
Passo Manso	7,37	4.419	01	117	2,6
Salto Weissbach	4,15	3.276	02	186	5,7
Escola Agrícola	4,01	11.143	02	404	3,6
Água Verde	5,09	12.852	02	526	4,09
Vila Nova	1,90	7.523	01	178	2,4
Victor Konder ³⁸	0,81	2.458	01	1.113	45,3
Boa Vista	1,11	1.216	01	54	4,4
Ponta Aguda	7,09	8.952	04	563	6,3
Nova Esperança	1,84	3.568	01	121	3,4
Itoupava Norte	5,40	13.884	03	475	3,4
Fortaleza	5,29	12.508	02	487	3,9
Fidelis	8,76	4.517	03	308	6,8
Salto do Norte	7,11	7.372	01	120	1,6
Badenfurt	11,54	6.757	03	481	7,11
Testo Salto	14,98	5.172	01	199	3,8
Itoupavazinha	11,71	13.389	05	543	4,05
Itoupava Central	44,67	20.454	08	852	4,16
Vila Itoupava	10,98	1.566	01	55	3,5

Fonte dos dados brutos: baseado em ADBLU, 2006b. SEPLAN, 2006.

Elaboração da autora.

³⁸ Este bairro comporta a Igreja Sede da Assembléia de Deus em Blumenau. Localiza-se próximo ao centro da cidade, portanto, agrega crentes de diversas regiões do município. Desta forma, a porcentagem de fiéis calculada com base na população do bairro não representa um número fidedigno.

Da Tabela 2 destacamos alguns bairros que apresentam índices de adeptos à ADBLU bastante superiores à média geral no município. Dentre eles: Velha Grande, Badenfurt, Garcia, Fidélis e Ponta Aguda. Estes se localizam na periferia de Blumenau, onde se observa a concentração de boa parte dos chamados “bolsões de pobreza” do município. Segundo Cláudia Siebert (2000, p.288), bolsões de pobreza ou focos de sub-moradia são áreas consideradas ilegais, “sem saneamento básico e à mercê de enchentes, enxurradas e deslizamentos, marginalizadas e esquecidas pela administração local”. Estas áreas abrigam trabalhadores, operários, autônomos e pessoas em busca de novas oportunidades.

Para esta autora,

Aqueles que se beneficiam do processo capitalista de acumulação podem se dar ao luxo de ocupar o espaço urbano legal, que é produzido dentro dos padrões urbanísticos oficiais. [...] já aos preteridos no processo de desenvolvimento desigual, aos excluídos da acumulação de capital, resta ocupar os espaços urbanos menos valorizados. Estes espaços são os com pior condição de acesso, localizados em áreas insalubres e/ou de risco, e não beneficiadas com infra-estrutura e serviços urbanos. Esta outra parte da cidade recebe diversas denominações: favelas, loteamentos clandestinos, invasões, ocupações desordenadas, focos de sub-moradia, guetos, assentamentos ilegais etc.. A ocupação destas áreas ocorre à revelia dos padrões urbanísticos oficiais, porque estes padrões (a legislação urbanística) foram feitos para criar uma cidade idealizada, e não levam em consideração que nem todos podem pagar o preço da legalidade (SIEBERT, 2000, p. 285-286).

Nestas áreas que, segundo Siebert (2000), são esquecidas pela administração local, a ADBLU firmou raízes e agregou boa parte das suas populações, com índice de adeptos até 5 vezes maior que a média de pentecostais no município. São pessoas que foram atraídas a Blumenau nas décadas de sessenta e setenta do século XX, pela oferta de emprego na indústria têxtil, no entanto, “os postos de trabalho disponíveis exigiam uma qualificação profissional [...] muito superior ao que estas pessoas dispunham, e assim elas se viram desempregadas, ou subempregadas” (SIEBERT, 2000, p.298). Segundo esta autora, são pessoas cujos sonhos da casa própria, do bom emprego, de uma vida melhor se tornaram distantes em função falta de poder aquisitivo (SIEBERT, 2000). Frente a esta realidade, o que fazem os adeptos da ADBLU? Estimulam o sentimento de pertencimento provocado pela experiência de fazer parte de um grupo de pessoas, o apoio mútuo, a celebração conjunta de vitórias, a alimentação da esperança de dias melhores, o almejo da volta de Cristo à terra para

buscar seus escolhidos³⁹, entre outros. Para estas pessoas, a religiosidade traz em si um efeito balsâmico.

Com relação ao seu patrimônio⁴⁰, a ADBLU possui uma frota de veículos composta de 20 automóveis (ano 2003) que são utilizados nas diversas frentes de atuação da igreja como administração, evangelização, missão, ação social. Possui, também, terrenos e apartamentos de propriedades da Igreja Sede, adquiridos com receitas provenientes das ofertas e dízimos dos membros e congregados⁴¹.

Visando um gerenciamento eficiente das questões administrativas e religiosas, os templos da ADBLU foram organizados em 16 setores. Cada setor agrega de três a cinco templos locais, conforme diagrama abaixo.

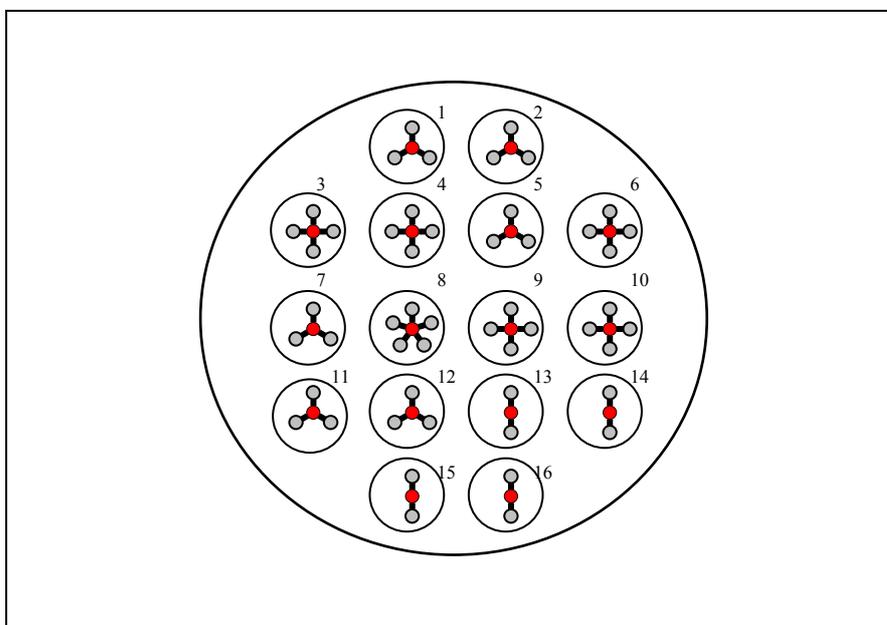


Figura1 – Organização administrativa da ADBLU

Elaborado pela autora.

Na Figura 1 o círculo representa a Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Blumenau – ADBLU na sua totalidade. Os círculos menores representam os 16 setores⁴² ou distritos da ADBLU. Cada setor agrega um determinado número de templos, representados

³⁹ Os pentecostais acreditam que Cristo ressuscitou após sua morte na cruz, subiu aos céus e voltará à terra para buscar seus escolhidos.

⁴⁰ De acordo com o Estatuto da ADBLU, art. 24, parágrafo único, “No caso de dissolução [da ADBLU], liquidado o passivo, os bens remanescentes pertencerão, primeiramente, à Convenção das Igrejas Evangélicas Assembléias de Deus de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, e na falta desta, passarão para órgãos assistenciais e educacionais criados e mantidos pelas igrejas membro” (ADBLU, 1997, p.4).

⁴¹ Membros são os adeptos batizados que estão sujeitos às normas da ADBLU; congregados são todos os frequentadores do grupo não batizados.

⁴² A numeração indica o respectivo setor.

pelos círculos de cores vermelha (templo-sede local) e cinza (templos locais). Os templos-sede locais gerenciam os demais, todos estão subordinados à administração geral da ADBLU, pois constituem extensão da mesma.

De acordo com o estatuto vigente, a ADBLU é administrada por uma diretoria formada por quatro membros: art. 11 “a) um presidente; b) um vice-presidente; c) um secretário; d) um tesoureiro. Parágrafo Único – O pastor designado pela Convenção⁴³ ou pela Junta Executiva é membro nato da diretoria na qualidade de presidente” (ADBLU, 1997, p.03); os demais membros são eleitos em Assembléia Geral, por indicação do pastor presidente⁴⁴.

A Assembléia Geral constitui o órgão deliberativo máximo da ADBLU. No seu Estatuto, art. 21, está prevista a reunião em Assembléia Geral Ordinária no primeiro trimestre de cada ano, para a eleição da diretoria e aprovação do balanço anual. O pastor presidente escolhe sua equipe, que deve ser aprovada em assembléia geral. No parágrafo único do mesmo artigo abre-se prerrogativa para reuniões extraordinárias mediante prévia convocação. O art. 22 traz a especificação da constituição legal da Assembléia Geral, com 2/3 (dois terços) dos membros em comunhão, em primeira convocação, e após 30 minutos, com qualquer número de membros.

Não há uma cultura de participação política dos membros no que tange às questões internas da ADBLU. A convocação para a assembléia ocorre via programa radiofônico, via púlpito e também via mural da igreja. Entretanto, os assuntos não são discutidos com os membros, são apenas informados, sem pormenores e, quando do momento de aprovação, proferem-se as seguintes palavras “os membros que estiverem de acordo permaneçam como estão”. Segundo o relato de um membro deste segmento, há alguns anos, um jovem se manifestou contrário durante assembléia para aprovação de indicação de nomes para composição da equipe de trabalho e o mesmo sofreu represálias da diretoria da igreja, bem como dos demais membros que entenderam que ele não era a favor da obra de Deus. A maioria dos adeptos não conhece o estatuto⁴⁵ da igreja.

⁴³ A Convenção das Igrejas Evangélicas Assembléia de Deus do Estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná – CIADESCP é formada por todas as igrejas Assembléia de Deus da jurisdição mencionada e representa os obreiros vinculados à denominação; é órgão deliberativo em relação às igrejas e responsável pela permuta dos pastores em toda a jurisdição (CIADESCP, 2006).

⁴⁴ O pastor presidente é o responsável por pastorear e presidir a ADBLU, no que tange ao credo e em relação às questões administrativas.

⁴⁵ Em que pese tenha um Estatuto registrado em cartório, datado de 10/07/1997, até o encerramento do ano de 2006 a ADBLU estava em situação irregular, tendo em vista as novas determinações advindas do Novo Código Civil – Lei Nº 10.406 de 10/01/2002, com vigência a partir de 2003. De acordo com o texto legal, art. 54, “sob

Atualmente, a ADBLU encontra-se sob a responsabilidade do pastor presidente, Nilton dos Santos, compartilhada com o pastor de honra, Nirton dos Santos e dois pastores vice-presidentes, Adão Luiz da Silva e Nazareno de Souza. Além desses, compõem a diretoria da ADBLU: na qualidade de tesoueiros, os pastores Woldemar Kinas e Volmir Antonio Lalana e o evangelista Elio Naumann; na qualidade de secretários, pastor Edson Alves Valim e presbítero Samuel Antonio Lemos; na qualidade de conselheiros fiscais, presbíteros Ralf Kienas, Eliseu Provezi e Luiz Carlos Gregório (ADBLU, 2006c).

Além da diretoria geral, a igreja sede conta com um quadro de obreiros integrados e voluntários⁴⁶ para o desenvolvimento dos trabalhos a que se propõe, formado por pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e auxiliares. De acordo com o Estatuto da ADBLU, art. 28, “Os Pastores e Evangelistas não possuem nenhum vínculo empregatício com a Igreja e não perceberão vencimentos pelos serviços prestados à mesma, pois prestam serviços espontâneos e de renúncia na pregação do Evangelho” (ADBLU, 1997, p. 05). Entretanto, como os obreiros integrados têm dedicação exclusiva à igreja, na qual desenvolvem atividades administrativas e religiosas, recebem uma “ajuda de manutenção⁴⁷”. Segundo o pastor presidente⁴⁸, esta ajuda não é menor do que três salários mínimos, nem maior do que 20 salários mínimos; além disso, a ADBLU paga um plano de previdência privada para cada obreiro integrado. Os obreiros voluntários, por sua vez, não têm vínculo exclusivo com a igreja, tampouco, ajuda de manutenção; desenvolvem atividades profissionais no mercado de trabalho e atividades religiosas nas horas vagas, em conformidade com o relato do Pastor Nilton dos Santos.

A ADBLU ainda se subdivide em departamentos de: administração, educação, ação social, teatro, missões, comunicação e etários (círculo de oração, terceira idade, ministério de casais, infantil, adolescentes e jovens), com diretorias gerais e locais (ADBLU, 2006c).

pena de nulidade, o estatuto das associações conterà: I – a denominação, os fins e a sede da associação; II – os requisitos para a admissão, demissão e exclusão dos associados; III – os direitos e deveres dos associados; IV – as fontes de recursos para sua manutenção; V – o modo de constituição e funcionamento dos órgãos deliberativos; VI – as condições para a alteração das disposições estatutárias e para a dissolução; VII – a forma de gestão administrativa e de aprovação das respectivas contas”. Ressaltamos que o Estatuto em vigência na ADBLU descumpra ou cumpra parcialmente as exigências legais, o que, para os membros, pode implicar uma centralização de ações e arbitrariedade administrativa; para a ADBLU, a sua própria destituição jurídica e cassação do registro (BRASIL, 2002).

⁴⁶ Obreiros são as pessoas a serviço da igreja. Obreiros Integrados são as pessoas que têm dedicação exclusiva à igreja, portanto, percebem ajuda de custo. Obreiros Voluntários prestam serviço voluntário à igreja e mantêm suas atividades regulares (trabalho secular), portanto, não percebem ajuda de custo. Todos os pastores e evangelistas são obreiros integrados, além de alguns presbíteros.

⁴⁷ Terminologia empregada pelo pastor presidente.

⁴⁸ Entrevista concedida em 12 de maio de 2005, na sede da ADBLU.

1.1.2.1 O departamento de jovens na ADBLU⁴⁹

O departamento de jovens na ADBLU é conhecido como União da Mocidade da Assembléia de Deus de Blumenau – UMADBLU, sua fundação data da década de 1970.

Nesse período, o mundo vive momentos de tensão em virtude da Guerra Fria entre URSS e EUA, além da Guerra do Vietnã. A América Latina respira revolução; a Revolução Cubana inspira a experiência socialista no Chile e as tentativas de guerrilha em vários pontos do continente. Entretanto, os tempos revolucionários também são anos de ditadura (BARROCO, 2005). O Brasil, por um lado, vivia a euforia de ser o tricampeão mundial de futebol (Campeão da Copa do Mundo no México), embalado pela canção “Pra frente Brasil”, que com suas palavras “Parece que todo o Brasil deu a mão... todos ligados na mesma emoção... tudo é um só coração”, intentava abafar as agruras cometidas pela tirania do Regime de Ditadura Militar. De outro lado, exilado, o poeta denuncia os acontecimentos da época por meio da sua canção que diz:

Bem que eu me lembro, da gente sentado ali, na grama do aterro, sob o sol. Observando hipócritas disfarçados, rodando ao redor. Amigos presos, amigos sumindo assim, pra nunca mais. Das recordações, retratos do mal em si, melhor deixar para trás (GIL, 1979).

No mesmo período, alguém que deveria estar contente por ter um emprego, ser um cidadão respeitável, ganhar 4 mil cruzeiros por mês, ter conseguido comprar um corcel 73... grita ao mundo: “Viva a sociedade alternativa! [...] faça o que tu queres pois é tudo da lei...” (SEIXAS; COELHO, 1974).

Ainda nesta época, os guerrilheiros do Araguaia convocam a juventude para a guerrilha.

A União Nacional dos Estudantes – UNE também marca presença, embora com maior expressividade na década de 1960, em 1970 é parcialmente calada pelos militares, mas volta à cena pública no final desta década com a luta pela anistia e pela volta do regime

⁴⁹ A fundação da UMADBLU marcou o trabalho com jovens na ADBLU, que é bastante recente, data da década de 1970. Parte de sua história foi escrita na década de 80, sob coordenação do então líder geral de jovens, Rogério Correa Marques. Entretanto, devido ao fato de não possuir sede própria por um longo período e de seus arquivos serem transportados de um lado para outro por ocasião das trocas de diretoria, estes escritos foram extraviados. A história que será relatada nos próximos parágrafos foi reconstituída com base em depoimentos de pessoas que constituíam a juventude da época, dentre eles, destacamos a participação dos segundo, terceiro e atual líder da UMADBLU, respectivamente Oséias Morlo, Rogério Correa Marques e Volmir Lalana, e, dos membros da ADBLU, Ilse T. F. da Silva, Marlene Mafra, Oséas A. da Silva e Rute Tedesco.

democrático.

Enquanto isso, em Blumenau/SC um grupo de pessoas vinculadas à ADBLU se reúne para discutir a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para o público jovem naquele lugar.

A nossa idéia era dar um apoio à juventude, um trabalho específico para a área jovem, porque até então se trabalhava como um todo. Precisava atender essa área porque estava surgindo esse movimento jovem essa explosão de movimentos, a igreja não podia ficar de fora no sentido de atender os jovens. Porque, o grupo hippie estava acolhendo eles, outros grupos estavam acolhendo, os revolucionários estavam acolhendo jovens, fazendo fileiras no seu exército revolucionário. Então, por que a igreja não iria fazer alguma coisa? (MORLO, 2006)⁵⁰.

Segundo o relato de Morlo (2006), o grupo era liderado pelo jovem Doronel Camilo⁵¹, que levou a idéia ao então Pastor Presidente da ADBLU, Antônio Lemos. De início, a idéia não foi bem recebida: “A censura era forte na época. Houve certo receio da liderança, porque pensou: é um movimento a mais que está surgindo, uma nova igreja” (MORLO, 2006). Com o passar do tempo, e, por conseguinte, o amadurecimento da idéia, foi, então, fundada a União da Mocidade da Assembléia de Deus de Blumenau⁵². Segundo Morlo (2006),

Na época era forte, união! União estudantil... diversos tipos. Queriam unificar, justamente por causa da ditadura. A ditadura que estava rachando, dividindo, queria unir o país, mas em torno do sistema militar. Então começaram a surgir os movimentos, a União Estudantil, a união disso, a união daquilo, foi quando surgiu a idéia da União da Mocidade da Assembléia de Deus de Blumenau – UMADB, depois, UMADBLU, porque não soava bem o nome, assim ficava mais ‘Blue’ (MORLO, 2006).

Desde a sua fundação, o coordenador da UMADBLU é indicado pelo pastor presidente da ADBLU. Os demais integrantes são escolhidos pelo coordenador e passam pelo crivo do pastor para, após aprovação, assumirem os respectivos cargos. Na análise de Morlo (2006), a prática da indicação em detrimento da eleição é originária do Regime de Ditadura Militar, refletido nas ações da igreja.

Em 1973, a entidade realiza o seu primeiro congresso, cujo tema era “Ai de mim se não anunciar o evangelho”, no pavilhão da então FAMOSC, hoje Vila Germânica. Na época reuniu jovens da Assembléia de Deus de todo o estado de Santa Catarina.

⁵⁰ Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 18 dez. 2006.

⁵¹ Hoje, Pastor no estado de Minas Gerais.

⁵² No início a sigla representativa do nome era UMADB. Quando o jovem Oséias assumiu a liderança houve alteração da sigla para UMADBLU.

Questionado sobre a possibilidade de realização de um evento deste porte naquele período, em plena Ditadura Militar e após a edição do AI-5, o Pastor Oséias responde o seguinte:

A dificuldade era muito grande nessa época, muito grande, por causa, justamente, da repressão. Reprimia todos os grupos e a juventude da igreja também. Ficou uma dúvida: que movimento é esse? Então, quando aconteceu o primeiro congresso, já viram que realmente era um movimento de Deus. Naquela época, Deus trabalhou muito nos jovens, chamando muitos jovens para o serviço do senhor, muitos jovens que hoje são pastores, estão espalhados pela igreja no Brasil, foram chamados justamente nesta época. Foi a época que mais cresceu o grupo jovem e cresceu também a igreja, porque a juventude foi atrás destes jovens viciados, a juventude ficou trabalhando nessa área, de evangelização dos jovens, foi muito bom (MORLO, 2006).

A este respeito, o atual líder de jovens, também pastor da ADBLU, acrescenta que é de seu conhecimento que os militares mantinham uma boa relação com a igreja, porque esta desempenhava um importante papel na educação das pessoas para não fomentar os movimentos revolucionários, ao contrário da igreja católica. Então, era interesse dos militares permitir a continuidade do movimento pentecostal.

A fundação da UMADBLU, conforme depoimento de Morlo (2006), teve como objetivo principal a evangelização. Em segundo lugar estava a questão da unificação dos jovens.

Na década de 1980, com o intuito de divulgar o trabalho desenvolvido pelos jovens, a UMADBLU cria o Programa de Rádio “Nova Dimensão”. Nas palavras de Morlo

Queríamos mostrar para a cidade de Blumenau que tinha uma juventude evangélica, e, pregar o evangelho através do meio de comunicação [...]. Nós criamos o ‘Nova Dimensão’, porque era uma nova dimensão que nós queríamos ter para a juventude (MORLO, 2006).

O grupo tinha a intenção de fazer uso de todos os meios de comunicação da época: rádio, TV e jornal. Conforme o seu depoimento, da idealização à veiculação do primeiro programa, *“houve uma questão de uns seis meses para analisar até colocar ele no ar [por causa do Regime Militar]”* (MORLO, 2006). Na época de sua criação, o Programa Nova Dimensão é veiculado na Rádio Difusora. Para Morlo, foi um momento de muita expectativa, porque na época era difícil ter um programa para os jovens. Na atualidade, a UMADBLU fez alterações na programação e no nome do programa de rádio. O “Nova Dimensão” tornou-se “Frequência Jovem” que vai ao ar todo domingo as 12 horas na Rádio Clube de Blumenau,

mesma emissora que veicula o programa “A voz da Assembléia de Deus”. Os jovens da ADBLU também publicam um jornal trimestral – Informativo UMADBLU; mantém uma *homepage* e diversas comunidades no Orkut, das quais destacamos a comunidade da UMADBLU (com 194 membros) e do Programa Frequência Jovem (com 146 membros). Além dessas, ainda mantém comunidades dos diversos grupos de louvores. A UMADBLU conta com uma diretoria geral⁵³, que coordena e supervisiona as atividades dos jovens adeptos da IEAD/Blumenau: grupos musicais (coral, bandas e orquestras); grupos de oração e consagração; grupos de evangelização; grupos de teatro; pré-congressos (locais) e congresso (geral) de jovens; encontro semanal de jovens (nas congregações); retiros espirituais; lazer (acampamentos, gincanas, festival de teatro, festival da canção); escola para líderes; dentre outras. Além disso, cada congregação tem uma diretoria responsável pelo trabalho local com os jovens.

Conforme depoimento do pastor Lalana (2006), dentre as atividades direcionadas ao público jovem da ADBLU, destacam-se os projetos “Doe suas Férias para Cristo” e “ComUnidade”. O primeiro é realizado duas vezes ao ano, nos períodos de férias de verão e férias de inverno. Trata-se de um projeto social (assistencialista) de cunho evangelístico, durante o qual os jovens doam suas férias para evangelizar e dar assistência espiritual e material às pessoas carentes. As atividades desenvolvidas durante as férias de verão privilegiam outras cidades. Desde a primeira edição do projeto, foram alcançadas as cidades de São Carlos, Corupá, Palma Sola, Abelardo Luz, Romelândia, Fraiburgo em Santa Catarina, e, Jequitaiá, em Minas Gerais. No período de férias de inverno são eleitas comunidades do município de Blumenau para a abordagem. O projeto Com-Unidade é realizado num domingo do mês, no qual desenvolvem atividades de evangelização por meio de teatro, apresentações musicais, dentre outras. Em que pese tenha ampliado seu âmbito de atuação, de um modo geral, a juventude da Assembléia de Deus desenvolve atividades voltadas para o projeto da Igreja. Isto se evidencia tanto nas atividades cotidianas, como nos Pré-Congressos e Congressos da UMADBLU, que, via de regra, são dedicados ao estudo da Bíblia.

⁵³ As diretorias são compostas da seguinte maneira: líder e vice-líder; 1º e 2º secretários e 1º e 2º tesoureiros. A troca de diretoria é anual, por indicação do pastor responsável pelo setor a que está vinculada.

1.1.2.2 As atividades religiosas da ADBLU

As congregações da ADBLU oferecem atividades similares nos diversos dias da semana: culto público, culto de doutrina, escola dominical, tarde e noite da vitória, entre outras. No Quadro 1 apresentamos as características de cada uma das atividades citadas.

Dia da Semana	Tipo de Culto	Tipo de abordagem
Domingo	Escola dominical (matutino)	Ênfase no ensinamento da palavra de Deus, conforme segmento etário.
	Culto público (noturno)	Ênfase na demonstração das maravilhas de Deus (por meio da pregação, testemunhos e agradecimentos) e na conversão de novas pessoas.
Terça-feira	Culto de doutrina	Ênfase nos ensinamentos bíblicos, com incidência na vida pessoal do crente e da coletividade da igreja.
Quinta-feira	Noite da Vitória	Ênfase na obtenção de bênçãos e realização de milagres (por meio da pregação, testemunhos e orações específicas para situações como: desemprego, doenças, homossexualidade, dificuldades financeiras, casamento, empreendimentos etc). Participam, além dos membros, pessoas que se encontram em busca de bênçãos e respostas para eventuais problemas da vida cotidiana. Com participação de um público mais elitizado.
Sexta-feira	Tarde da Vitória	Idem anterior, com participação de pessoas de menor poder aquisitivo, situação que permite um tom mais apelativo na condução do culto.
Sábado	Culto público	Ênfase na demonstração das maravilhas de Deus (por meio da pregação, testemunhos e agradecimentos) e na conversão de novas pessoas ao credo.

Quadro 1 - Atividades religiosas desenvolvidas nas congregações da ADBLU

Fonte: observação de Campo, período – junho a dezembro de 2005.

Elaborado pela autora.

A liturgia é a mesma na maioria das reuniões, assim realizada: 30 minutos iniciais de oração individual; abertura do culto com oração coletiva, dirigida pelo pastor da igreja ou por outro membro por ele designado; logo após a oração são entoados cânticos, acompanhados de orquestra ou grupo de jovens músicos; em seguida, é o momento de leitura da Bíblia Sagrada e da pregação, que ocorre quase sempre em tom emotivo; após este momento, é realizada a coleta de ofertas (em dinheiro) para a manutenção do trabalho da igreja. Durante a coleta, é usual a utilização de música de fundo, com mensagens que abordam as maravilhas de Deus na vida dos crentes fiéis; após a coleta, são entoados mais cânticos de louvor e exaltação a Deus, além de orações especiais de acordo com as necessidades expressas pelos participantes; ao

final da reunião, é realizada uma oração de agradecimento a Deus e ao término da oração, todos os crentes repetem a frase tema da igreja no ano. No período observado, tratava-se do seguinte: “É tempo de viver na plenitude da palavra”⁵⁴.

Basicamente, o que muda de uma congregação para a outra é a ênfase dada aos acontecimentos. Em congregações cujo poder aquisitivo e índice de escolaridade dos membros são mais altos, observamos uma maior tranquilidade na condução das reuniões. Além disso, observamos uma mudança na vestimenta dos membros e congregados (mulheres com cabelos curtos; uso de jóias e acessórios; uso de roupas diferenciadas – seguindo tendências da moda, saias curtas, blusas com decote, regatas, calças compridas dentre outras), uso de maquiagem, que não refletem os usos e costumes tradicionais. Já nas congregações das regiões mais empobrecidas, observamos um índice maior de tradicionalismo refletido tanto na condução das reuniões, em geral mais barulhentas, pois as manifestações catárticas são mais estimuladas (gritos de gozo, choro, lamentações...) e expansivas, como no estereotipo dos membros.

Ainda no que tange às atividades religiosas realizadas pela ADBLU, destacamos dois rituais que marcam o pertencimento à comunidade de membros: o batismo⁵⁵ e a santa ceia.

Ao ritual de batismo podem se candidatar pessoas convertidas, que professam estar de acordo com a doutrina bíblica e com o regimento da igreja. A Assembléia de Deus no Brasil não batiza crianças. Geralmente, este ato, que é confissão pública da adesão ao credo, é permitido na adolescência, mais especificamente, no início da juventude. Na ADBLU, os rituais de batismo são realizados na igreja sede, no tanque batismal, por imersão completa na água. Os candidatos ao batismo passam por aprovação prévia dos membros da congregação de origem; os aprovados participam de um período de formação; no dia do batismo, que acontece a cada 4 meses, no primeiro sábado do mês, os candidatos passam o dia na igreja, em consagração à Deus; os candidatos recebem orientações espirituais (assunção dos

⁵⁴ De acordo com o Pastor Presidente da IEAD-Blumenau/SC, Nilton dos Santos, “Quando a igreja convive com a Palavra do Senhor os resultados são extraordinários e visíveis, pois as pessoas tratam umas das outras como tratariam a Cristo. A regra áurea, que é amar o próximo, se torna uma coisa espontânea. As diferenças são superadas, as relações rompidas são reparadas, o perdão é solicitado e concedido e a oração de uns pelos outros é algo natural. O amor flui como um rio sereno por todas as cavidades da igreja, de tal forma que todos sentem que são partes integrantes e importantes da obra do Senhor aqui na terra” (ADBLU, 2005, p.07).

⁵⁵ O ritual do batismo marca a passagem da condição de congregado para a condição de membro da ADBLU. Os membros estão sujeitos ao regimento da igreja e passíveis de sanção no caso de descumprimento das normas, em geral relativas padrão de conduta. Em linhas gerais, devem abster-se do ato sexual antes do casamento; do ato sexual extra-conjugal; da prostituição; do homossexualismo; da relação sexual com animais; do homicídio ou sua tentativa; de furto ou roubo; de crime previsto em lei; de rebelião; de feitiçaria e suas ramificações; sob pena de serem excluídos do rol de membros.

compromissos do crente e do pacto de membresia) e físicas (referente à postura física do candidato antes e durante a imersão).

No momento principal do ritual – o batismo – o pastor aguarda os candidatos dentro da água; ajuda-os a chegarem até ele; um a um, vestidos de branco, são abordados pelo pastor e questionados quanto à confissão de fé em Jesus Cristo; em seguida, são batizados. O dia do batismo é um dia de festa na igreja, durante o ritual são entoados cânticos sacros. Após este ritual é celebrada a santa ceia, da qual os novos membros passam a partilhar.

A santa ceia é realizada mensalmente em cada congregação (santa ceia local) e no primeiro sábado de cada mês, na igreja sede (santa ceia geral). Para auxiliar neste ritual são designados obreiros (majoritariamente homens), responsáveis pela partilha e distribuição do pão (corpo de Cristo) e do vinho (sangue de Cristo) a todos os membros. O ritual tem início com o sermão, proferido pelo pastor presidente da igreja, ou outro por ele designado. Após o sermão, os obreiros responsáveis pela distribuição do pão e do vinho se reúnem ao redor da mesa na qual estão dispostos os alimentos e fazem uma oração de oferta do ritual a Deus. Em seguida, lavam as mãos em uma bacia específica para este fim, partem o pão e distribuem o vinho nos cálices. A santa ceia é partilhada por todos os membros em comunhão⁵⁶. Durante o ritual são entoados cânticos sacros. Ao comerem o pão e beberem o vinho, os membros são induzidos a fazerem uma reflexão individual sobre o ato. Trata-se de um momento do culto carregado de emoção, no qual os membros se regozijam individual e coletivamente.

1.1.2.3 As ações sociais da ADBLU

De acordo com o pastor Nilton dos Santos (2006), a solidariedade é uma característica cultivada entre os membros da ADBLU. Segundo o seu depoimento,

Muitas vezes, tem um irmão ali que ganha praticamente salário mínimo, mas ele vê que o outro não ganha nada, se ele tiver, se ele puder ter dois pães aqui, ele vai até repartir aquele pão, dá um para o outro. Até vai fazer falta para ele, mas ele sempre pensa em ajudar. É o espírito cristão, que nós temos sempre que ajudar. [...] É pregado muito sobre isso [...]. Normalmente o crente nasce na igreja e vai desenvolvendo a sua fé cristã com essa determinação, que ele precisa ajudar a alguém mais necessitado e sempre tem alguém mais necessitado que ele (SANTOS, N, 2006).

⁵⁶ Membros são todos os adeptos batizados em águas. Membros em comunhão são aqueles que estão em conformidade com o regimento da igreja e não estão sendo disciplinados por quaisquer faltas/pecados cometidos.

Além disso, no que diz respeito às ações sociais com previsão estatutária⁵⁷, a ADBLU mantém: a Associação Assistencial Bom Samaritano, que presta assistência social aos membros e congregados em situação de vulnerabilidade (distribuição de roupas, alimentos e medicamentos); a Associação Assistencial Lar Betânia, que presta assistência social e educacional a crianças e adolescentes (creche, pré-escola; jornada ampliada e cursos profissionalizantes⁵⁸); o Centro Terapêutico Vida, para recuperação de toxicômanos e a Escola Teológica de Blumenau – ETEBLU.

Segundo Ismael dos Santos, fechar os olhos para as necessidades sociais, para a pobreza e miséria que assolam as populações de menor poder aquisitivo é abraçar a doutrina do “escapismo”, desprezando a verdade que lhes foi entregue, “algo que abriga em si o poder de modificar o rumo da humanidade”. Somos agentes da obra redentora de Cristo, ressalta o autor, “e por isto temos, decididamente, a alternativa cabal para este mundo desorientado” (SANTOS, 1996, p.190).

⁵⁷ Art. 3º - “A Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Blumenau, tem como objetivos primordiais: I – a pregação do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, trabalhos missionários, bem como desenvolver assistência espiritual e social” (ADBLU, 1997).

⁵⁸ Cursos de “oficial de padeiro” e “costura industrial”.

2 O *ETHOS* PENTECOSTAL

Desde a sua origem, o pentecostalismo se destaca por professar a necessidade de uma vida pautada nos princípios éticos cristãos. Na ADBLU isto se reflete no seu credo, por conseguinte, na maneira como os adeptos se relacionam com o seu Deus e com o mundo.

De um modo geral, os adeptos da ADBLU devem: crer e cultuar um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; crer na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para o caráter cristão; crer no nascimento virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus; crer que, porque o homem pecou, Deus o destituiu da sua glória e, somente o arrependimento e a fé expiatória e redentora de Jesus Cristo pode restaurar-lhes a Ele; crer na necessidade absoluta de um novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do reino dos céus; crer no perdão dos pecados, na salvação e na justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício de Jesus; crer na necessidade e possibilidade de viver uma vida santa como Cristo o fez, por meio do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que os capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo; crer no arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação e na volta de Cristo à terra para reinar durante mil anos; crer que todos os cristãos comparecerão ao tribunal de Cristo para receber a recompensa dos seus feitos em favor de sua causa na terra; crer no juízo que justificará os fiéis e condenará os infiéis; crer na vida eterna de gozo e de felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (ADBLU, 2006d).

Desde os seus primórdios a Assembléia de Deus se destaca pelo seu sistema conservador de gerir as questões materiais e espirituais da igreja. Seus princípios doutrinários assentam raízes na Bíblia Sagrada. Uma leitura descontextualizada do texto bíblico pode ter levado a interpretações reducionistas que imprimiram uma identidade conservadora neste segmento religioso. A este respeito o Pastor Lalana (2006) afirmou que a IEAD herdou o conservadorismo dos seus primeiros líderes brasileiros. Conforme o depoimento deste pastor,

Nós fomos privilegiados, porque os nossos fundadores foram os suecos, europeus, homens formados em teologia, homens inteligentes [...]. Os missionários suecos vieram para cá, trouxeram o evangelho, fundaram a igreja com as suas características, mas eles tinham uma visão mais liberal das coisas. As mulheres tinham uma atuação quase que de pastores na igreja [...], mas aí teve a cultura

brasileira machista que dizia que a mulher não podia ter atuação. Aí chegou um momento que a missão sueca teve que sair e deixou a igreja nas mãos dos brasileiros. A partir desse momento nós tivemos uma fase um pouquinho complicada, se pregava contra o estudo, o ensino, os meios de comunicação. Tudo que era tecnológico era do diabo, não era de Deus [...] (LALANA, 2006).

O mesmo pastor declarou que, no passado, tiveram muitos problemas na igreja, no que diz respeito à formação dos seus membros, conforme podemos conferir a seguir: “antigamente nós tivemos alguns problemas com a juventude, existia um certo radicalismo... em algum momento, na história da igreja, muitos pais não queriam que os filhos fossem estudar, achavam que iam perder eles, que saíam da igreja [...]” (LALANA, 2006). Para este pastor, nos dias atuais esta situação mudou, porque o nível cultural da igreja sofreu uma elevação, proporcionando, por conseguinte um avanço nos trabalhos do referido grupo religioso⁵⁹.

Esta base conservadora imprime nos adeptos deste segmento um sentimento de escolhidos de Deus, que se diferenciam das outras pessoas por meio de atitudes que vão ao encontro da exortação do seu Deus para serem santos, assim como o fez aos Israelitas: “Sereis santos, porque eu sou santo”⁶⁰ (LEVÍTICO, 11:44). Viver uma vida santa baseada em princípios bíblicos implica renúncia e obediência: renúncia aos prazeres da carne⁶¹ e obediência à vontade de Deus.

Para o pastor presidente da ADBLU, Nilton dos Santos (2006),

Deus escolheu salvar toda a humanidade. Por isso, a bíblia diz que ‘Deus amou o mundo de tal maneira...’ para salvar a todos. Ninguém é forçado a seguir Jesus, a servir Jesus. Deus deu o esclarecimento da verdade àqueles que abriram a sua mente, abriram seus corações para aceitar Jesus. Deus já propôs resgatar e salvar toda a humanidade, porque toda a humanidade pecou e está destituída da glória de Deus.[...] Deus deu Jesus, esse presente, para salvar toda a humanidade, mas infelizmente, nem todos aceitam essa verdade. Nós devemos servir um Jesus que cura, que faz milagres, que abençoa, que transforma. Porque Ele veio para transformar a vida. Aquele que pecava, aquele que bebia, que era viciado, vai ver o poder de Deus na sua vida para abandonar os vícios; aquele que se prostituía, adulterava, enganava sua esposa, aquele que roubava, aquele que mentia, ele precisa ser discípulo de Jesus. O escolhido de Deus não pode praticar isso. Ele tem que ter

⁵⁹ O aspecto conservador deste grupo permanece nas suas práticas, bem como nos textos legais que regem suas atividades; como exemplo, o expresso na alínea “a”, do art. 5º do Estatuto da ADBLU, que trata dos serviços de radiodifusão de sons e imagens, que devem visar: “elevar e ressaltar o sentimento de moralidade e civismo em prol da instituição familiar e dos bons costumes”. O conservadorismo da IEAD também é expresso no trato de questões como aborto, eutanásia, homossexualismo, casamento entre homossexuais, divórcio, entre outras (Sobre estes temas, ver textos disponíveis no endereço eletrônico da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil: www.cgadb.com.br).

⁶⁰ Em nota explicativa do versículo na Bíblia de Estudo Plenitude (2001, p. 120), o autor assinala que “o povo reconhecia a diferença entre o sagrado e o profano. Eles imitavam Deus vivendo vidas de acordo com o código de santidade”.

⁶¹ Em relação às questões da vida cotidiana.

uma vida diferente. O que define uma vida de um seguidor de Jesus, escolhido de Deus, é que ele abandona a vida velha. A prova de que ele tem Jesus na vida, é que ele vai ser um discípulo de Jesus. Como discípulo de Jesus, ele não pode ficar mentindo, enganando, embriagado, viciado, tendo infidelidade conjugal dentro do lar, ele não pode. Isso é pecado. São coisas que a bíblia condena, não se pode admitir um discípulo de Jesus praticar essas coisas.[...] Quando a gente fala que um crente é escolhido de Deus é porque Jesus, pela sua palavra, ele escolheu um povo para ser dele, para ser santo, para não andar conforme as diretrizes do mundo que é dominado pelo mal, pelo inimigo, pelo diabo. Ele tem que saber dizer não. Ele tem que saber definir o que é correto e o que é errado. Ele vai saber o que é correto e o que não é, pela palavra de Deus, por isso que o crente tem que ler a bíblia. [...] se o crente não estiver fazendo isso, ele também está errado (SANTOS, N, 2006).

O Pastor Volmir Lalana destaca a contribuição da igreja na socialização dos seus membros. Para este pastor, “Principalmente aqueles que nascem na igreja recebem orientações desde cedo. A pessoa precisa ser luz, precisa ser sal da terra, precisa fazer a diferença” (LALANA, 2006). Desta forma, segundo o seu depoimento,

A proposta, desde cedo, para os nossos jovens, é que eles sejam diferentes, que eles não se envolvam com drogas, que trabalhem desde cedo, que busquem alternativas, que estudem, que se esforcem, justamente para construir uma família sadia, feliz. Um dos objetivos da igreja pentecostal Assembléia de Deus é construir famílias sadias. Não queremos, de forma alguma, discriminar outras religiões, outras correntes de pensamento, mas as pessoas que não têm – isso não é uma regra – as pessoas que não querem saber de religiosidade, os filhos não têm esse contato desde cedo, ficam à mercê de coisas estranhas no mundo. A igreja é fundamental para que esses jovens, desde cedo, se tornem bem responsáveis nos seus objetivos (LALANA, 2006).

A este respeito, os jovens entrevistados, deram os seguintes depoimentos:

Cada comunidade tem um jeito de se identificar. Foi assim que os meus pais aprenderam, foi assim que me ensinaram, você tem que se comportar assim... você não pode falar palavrão, você não pode ser uma pessoa alterada demais, no caso da comida, a gente tem que estar se cuidando, não pode estragar o nosso corpo. A maneira de se comportar, tanto familiar, como com amigos... na igreja existe um pensamento que a gente segue, a gente acha que é o correto, é assim que a igreja tem ensinado.[...] Eu já morei aqui no Brasil e fora do Brasil. Eu já conheci muitas outras culturas, outras religiões. A maneira como eu me comportei tanto fora, como dentro do Brasil, eu me sinto privilegiada, por tudo que eu aprendi, por tudo que eu sinto, por tudo que eu creio, sou feliz assim. Quando estive na Europa, morei na casa de estudantes. A gente gostava de se reunir à noite, para todo mundo jantar junto, sentar à mesa... após o jantar, eles se drogavam, na minha frente, sem vergonha nenhuma, porque eles precisavam ser felizes, se soltar para poder continuar aquele momento de ser feliz. Eu, pela minha fé em Deus, pela minha confissão de fé eu sentia que não precisava daquilo. Eu me sentia em paz, eu me sentia bem, então, me sinto uma jovem privilegiada por não estar aberta para qualquer coisa, por não ter algo que eu não esteja satisfeita, que não esteja feliz (JAQUELINE, 2006)⁶².

⁶² Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 19 out. 2006.

Na visão de Ricardo (2006), a regeneração que a pessoa experimenta quando conhece a Cristo não pode ser ignorada. Ademais, destaca que determinadas normatizações para a vida do cristão, que o fazem diferente, foram instituídas por Deus e não podem ser alvo de discussão. Além disso, ressalta que as práticas norteadas pelos ensinamentos bíblicos não são impossíveis para o cristão. Nas suas palavras,

Você abre os olhos para ver que certas coisas que você fazia, você não pode mais. Não é que não pode mais porque é crente... você começa a entender que não é assim, você não pode mais porque isso vai trazer prejuízo sério, coisa grave. Então, isso cria uma proteção. Eu vejo a proteção de Cristo. [...] eu sou um cara que tenho muita dificuldade na área sexual, enfrento altas barras e, sozinho, eu não consigo vencer nenhuma delas... questões de desejo, coisas que você... coisas que são do físico mesmo... psicologicamente você também tem que ser tratado disso, em relação à sexualidade... eu sou um cara que sou muito bombardeado. Eu tenho muita dificuldade quanto a isso [abstenção sexual]. Mas, por ter essa dificuldade, eu digo, com certeza, que, nenhuma dificuldade nessa área é intransponível a ponto de você não poder conceber a idéia de ter que fazer sexo com a sua namorada só depois do casamento. Eu posso dizer que ninguém pode pensar assim, ai meu Deus, isso vai ser impossível para mim. Isso não existe! É uma coisa que pode ser evidenciada na bíblia. Você pode viver isso! Você pode ter uma vida regrada e cumprir essa norma. É uma norma que, antes de ser da igreja, é bíblica. Então, não tem como discutir o que Deus falou (RICARDO, 2006)⁶³.

Samuel (2006)⁶⁴ acredita que ser crente é ser diferente. De acordo com o seu depoimento, esta diferença é visível aos olhos dos outros, pelos assuntos de interesse, pelo modo de falar, de se colocar, de se comportar, dentre outras coisas. Além disso, ressalta que os valores dos jovens crentes são diferentes dos valores dos outros jovens e o que os faz diferentes é *“a tentativa de cada dia mais obedecer a Deus e aos princípios cristãos”*. Na visão de Samuel, o jovem crente tem que ter prudência e ordem, além de saber que há um tempo certo para cada coisa.

Raquel (2006) foi a única entrevistada cuja resposta saiu do padrão apresentado pelos demais. Segundo esta jovem, o que diferencia o cristão das outras pessoas é unicamente a fé em Deus: *“[...] não tem outra coisa! Nós somos feitos do mesmo material e mesmo a pessoa não sendo cristã eu creio que foi Deus que criou ela também”* (RAQUEL, 2006)⁶⁵.

Os depoimentos acima relatados nos oferecem uma visão, ainda que restrita, da maneira como os membros da ADBLU se vêem, se identificam e, por conseguinte, a maneira como vêem as pessoas que não professam o mesmo credo. Embora um dos pastores reconheça que o conteúdo de sua fala não constitui regra, e, uma das entrevistadas afirme não haver

⁶³ Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 11 out. 2006.

⁶⁴ Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 04 dez. 2006.

⁶⁵ Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 18 dez. 2006.

diferenças entre pessoas crentes e não-crentes, de um modo geral, as afirmações permitem o entendimento de que, para eles, ser um “escolhido de Deus” garante-lhes status de privilegiados, pois crêem no “único e verdadeiro Deus”; não agridem seus corpos com substâncias nocivas à vida; abstêm-se de práticas que não agradam ao seu Deus e que podem trazer prejuízos materiais e espirituais; sentem-se protegidos pelo seu Deus; atribuem grau de superioridade aos valores éticos e morais por eles cultivados em detrimento de valores cultivados de acordo com outros modos de vida e culto, dentre outras questões implícitas no seu discurso. Em vista disto, perguntamos: o que dizem os pastores sobre o trabalho, o evangélico no ambiente de trabalho, o desemprego e as atuações da ADBLU para o enfrentamento deste fenômeno?

2.1 O TRABALHO

Para o pastor Nilton dos Santos, presidente da ADBLU, “*O trabalho é bíblico*” (SANTOS, N, 2006). Segundo o seu depoimento,

A bíblia diz: aquele que não trabalha, não coma! O ser humano precisa trabalhar, porque, desde que o homem pecou, lá, no princípio, no Jardim do Éden, o próprio Deus diz: do teu suor comerás o pão. Nós cremos que o homem tem que trabalhar para conquistar o seu pão de cada dia. [...] Nós falamos e ensinamos que ele tem que trabalhar e ser um bom empregado. A igreja sempre vai primar que todos os seus membros estejam trabalhando, ela luta por isso, para ver todos os membros trabalhando. Oramos diariamente para ver todos os nossos crentes empregados (SANTOS, N, 2006).

Para o Pastor Volmir Lalana, coordenador geral da UMADBLU, o trabalho é fundamental na vida do homem, porque o mantém ocupado e útil para a sociedade. Conforme as suas palavras,

No momento em que enfrentamos tantas dificuldades sociais, nós não devemos nos acostumar com elas, e trabalharmos. A questão do trabalho, para nós, é estarmos fazendo algo. É claro, tomar atitude, pois não adianta ficarmos só reclamando. É necessário atitude. Eu vejo o trabalho como atitude (LALANA, 2006).

Para o pastor Oséias Morlo, presidente da Assembléia de Deus de Gaspar/SC e coordenador geral da UMADESCP, “O trabalho foi Deus que permitiu ao homem, porque lhe deu capacidade mental para que produzisse. Trabalho é dignidade! Quem trabalha é digno; não do seu salário, mas do seu trabalho, porque é muito bom trabalhar”.

2.2 O EVANGÉLICO NO AMBIENTE DE TRABALHO

Segundo o pastor Nilton dos Santos (2006), a orientação da igreja em relação ao comportamento do cristão no ambiente de trabalho é a seguinte:

Nós aconselhamos o crente para, aonde ele chegar, numa firma, ele tem que abençoar aquela firma. Ele chega lá para trabalhar lá, tem que ser um empregado exemplo. Se não for, não está seguindo o que a bíblia manda. A bíblia diz que o empregado tem que ser um bom empregado, não só quando o patrão está na frente dele; tem que ser sincero, leal e fiel quando o patrão está longe também. É claro, a bíblia traz algumas diretrizes aos patrões também. Os patrões devem ser justos, devem ser sinceros... Então, qual a diferença? O crente chega lá e precisa saber que ele foi contratado para fazer um serviço, e ele precisa fazer o serviço. Se ele está matando o serviço porque o seu patrão não está perto ou porque acha que o patrão é carrasco demais, ele faz as coisas devagar, enrolando, faz as coisas mal... ou ele chega lá numa máquina, dá graças que a máquina quebre para ficar parado, isso não é o que nós ensinamos e o que a bíblia ensina. O crente não pode. O crente tem que chegar lá e ali, na sua mente, fazer uma oração: Deus, abençoa o meu serviço hoje, abençoa essa firma, abençoa o meu patrão, abençoa que essa firma venha prosperar, porque o crente tem que ser bênção. Ele tem que fazer a diferença. Ele não pode ficar lá, na roda, contando piada, falando da vida alheia, da vida dos outros... não, ele está lá para progredir, ele está lá para trazer prosperidade à firma. Se o patrão é injusto, aí é outra história, mas, ele, como crente, tem que mostrar a diferença. É o que nós ensinamos e o que a bíblia ensina. O crente tem que fazer a diferença em todo o serviço. O patrão, o gerente, ele tem que olhar para o crente e dizer: nesse eu posso confiar. Se ele não está confiando no crente é porque ele não está seguindo a bíblia como é para seguir. Porque, a verdade é que o crente, como ensina a bíblia, ensina Jesus, ele tem que ser o melhor empregado de qualquer firma. Se ele não está sendo, alguma coisa está errada (SANTOS, N, 2006).

Para o pastor Volmir Lalana (2006), a ênfase recai sobre a ética cristã:

O que ele é na igreja, tem que ser no trabalho também. O comportamento dele tem que ser compatível com os padrões éticos cristãos. A ética cristã apregoa o perdão, a união, a humildade, uma certa perfeição (LALANA, 2006).

2.3 O DESEMPREGO

Para o pastor Nilton dos Santos (2006), o desemprego é uma tragédia que assola a sociedade, é uma de suas maiores preocupações como pastor. Para ele,

O desemprego traz seqüelas sociais: problemas gravíssimos para uma família que tem um pai desempregado e a família depende desse pai; o jovem desempregado vai perdendo a motivação, perspectivas, sonhos, ideais na vida... então, a igreja se preocupa com isso. Nós cremos que o desemprego é quase uma maldição. É algo terrível, mas, faz parte da nossa sociedade brasileira. O desemprego é uma coisa real

não só no Brasil, mas, principalmente, nos países em desenvolvimento. O desemprego é uma maldição, porque gera um problema social com seqüelas diversas na sociedade. Agora, se nós formos ver o porquê do desemprego, aí já é uma outra história. Uns têm muito, outros não têm nada, isso vem desde o nascimento do Brasil. Na bem da verdade, na história do Brasil, uns sempre possuíram muito, outros, quase nada. Então, é muita usura, muito egoísmo do ser humano, é falta de Deus na vida das pessoas. Porque, se todos tiverem Deus na vida, as pessoas não vão pensar apenas na usura, apenas no lucro exorbitante, muitas vezes aquele lucro até quase indevido, em causa própria. Então nós achamos que é uma maldição, porque infelizmente, muitas pessoas que têm posse, não todas, graças a Deus que não todas, pensam só nelas, só no lucro. Claro que tem que ter lucro, mas tenha um lucro justo, não precisa ter lucros assim, exorbitantes... mas se não tiver lucro exorbitante, vai fechar a indústria, vai fechar a firma. Tem algumas coisas que você não entende na nossa economia, por exemplo, esses tempos alguém me disse que um tipo de eletrodoméstico estava em falta no mercado. Você entende? Como que está em falta no mercado aquele eletrodoméstico? Por que está em falta? Eles não estão produzindo... Eu não entendo, porque, os empresários se queixam que não estão vendendo, as lojas dizem que as indústrias não estão fabricando, por que os empresários não estão fabricando? Porque não está dando lucro? Querem mais lucro? Eu não entendo! Tem algumas coisas que você vai comprar e está em falta, eles falam que as indústrias não estão vencendo, não estão conseguindo a demanda. Mas, por que não coloca mais emprego? Por que não dá mais emprego para as pessoas? Tem toda uma questão... a própria folha, pesada para ter um empregado, o Brasil é muito complicado. Para ter um empregado, parece que paga duas vezes mais, pelo menos é o que eles dizem... a questão dos impostos é um caso de polícia também... É uma série de coisas que a igreja não vai entrar nessa questão, mas a igreja ora (SANTOS, N, 2006).

Para o pastor Lalana, o desemprego contém elementos históricos, sociais e econômicos, dentre os quais ressalta a má administração do país, o descumprimento dos direitos previstos na Constituição Federal, o êxodo rural, o descaso com a educação. A respeito deste último, nas suas palavras,

Os jovens não são orientados, não são ensinados como deveriam ser. Não há um incentivo para com os profissionais da educação. Também tem a questão de muitos jovens não estarem na escola, não estarem estudando. Tudo isso gera desemprego. Aí tem a questão dos problemas econômicos, sociais, que geram desemprego, também. Muitas profissões são muito concorridas, tem regiões onde não tem emprego mesmo. Às vezes há boa vontade, mas não tem emprego! [...] O desemprego, na verdade, é isso, a pessoa não conseguir emprego (LALANA, 2006).

O pastor Oséias Morlo (2006), destaca a abrangência mundial do desemprego e assinala alguns dos seus motivadores, que, segundo o seu entendimento, são: inovação tecnológica (uso de tecnologia de ponta); despreparo do trabalhador (falta de qualificação); deficiência das políticas econômicas governamentais; falta de diversificação das linhas de produção; carência de profissionais em áreas específicas, entre outros fatores. Além disso, acrescenta o pastor, “o principal é a produtividade. Se você não produz, você é um desempregado a mais” (MORLO, 2006). Este pastor afirma que a palavra desemprego tem

uma conotação ruim, pois a pessoa se considera desocupada na vida. Para ele, o desemprego traz prejuízos à nação, à família e ao desempregado: “o digno é a pessoa trabalhar”.

2.4 O DESEMPREGO DE CRENTES E AS FRENTES DE ATUAÇÃO DA ADBLU

Segundo o pastor presidente da ADBLU, Nilton dos Santos (2006), o desemprego é uma realidade nacional, portanto, uma parcela da igreja também está sujeita a este fenômeno. Nilton acredita que pela comunhão que têm com o seu Deus, pela fidelidade recíproca, por meio da oração, as portas do emprego são abertas, amenizando a questão do desemprego de pessoas crentes; também é comum a abertura de empregos para os adeptos da igreja nas empresas de membros da ADBLU. Além disso, de acordo com este pastor, muitas empresas procuram, na igreja, trabalhadores para preencherem suas vagas de emprego, pedem o aval do pastor.

Quando a gente dá o aval, pesa um pouco: o pastor deu o aval! [...] nós procuramos dar aval para aquele que realmente tem uma vida com Deus, sabe fazer a diferença, então, nós ajudamos, também, a amenizar esta questão. (SANTOS, N, 2006).

Para o pastor Lalana (2006), há um baixo índice de desemprego entre adeptos da ADBLU:

Estou aqui em Blumenau há sete anos. Eu não tenho uma estatística segura, mas na experiência que eu tenho, eu vejo que o índice de desemprego é bem baixo na igreja, por alguns fatores: primeiro, a própria questão da religião em si, da igreja, dos ensinamentos, as escolas dominicais, os cultos infantis, a convivência, a comunhão que possui na igreja motiva os jovens a desde cedo buscar sua profissão, a estudar, se preparar, hoje nós temos muitos jovens na faculdade...; [...] outra coisa, na igreja tem muita questão da união, do amor, então, se tem alguém desempregado, um irmão lá tem uma empresa, já emprega, enfim... o número de jovens desempregados na ADBLU é baixíssimo. Existe, como existe em todo lugar, mas na igreja, especificamente, é bem baixo (LALANA, 2006).

Em relação às ações de enfrentamento ao desemprego, na ADBLU, segundo o pastor Nilton dos Santos (2006),

Primeiro passo, nós oramos. Oramos e cremos na intervenção de Deus. Nós cremos que, se ele for um crente fiel, se ele for uma pessoa que está seguindo conforme a bíblia manda, ele tem experiência com Deus, ele tem comunhão com Deus e ele também ora, faz as suas orações, uma porta vai ser aberta. Nós cremos nisso. Cremos em milagres. Deus vai abrir uma porta, se ele for um crente fiel. Pode

demorar um pouco, mas logo uma porta vai ser aberta. Outrossim, há algumas pessoas da igreja que são empresárias, gerentes de firmas, então, a gente procura ter algum contato com essas pessoas para que, se houver vaga lá, abrir as portas [para pessoas da igreja]. [...] o desemprego é, realmente, grande, não conseguimos atender a todos, mas numa coisa nós cremos: ele pode estar desempregado, mas, se ele for um crente fiel e os propósitos dele são propósitos bons diante de Deus, vai chegar um momento que vai se abrir uma porta de emprego para ele (SANTOS, N, 2006).

No que diz respeito aos jovens, segundo o pastor Volmir Lalana (2006), a orientação, na UMADBLU é a seguinte,

O primeiro passo seria preparar o jovem teoricamente para o trabalho, por meio de oficinas, palestras, cursos, por meio da própria bíblia, da escola dominical e motivá-lo a buscar, a ir ao encontro. Temos que ensiná-lo a pescar! Não podemos dar o peixe ou a vara, enfim, ele vai ter que ir atrás. Então, a primeira questão é teórica, motivá-lo e orientá-lo por meio de palestras, nos próprios cultos... tudo vai começar na escola, estudando, ele vai alcançar o trabalho. A outra questão é prática mesmo, quer dizer: estudou, tem profissão, está motivado, então, agora, nós vamos procurar empresários na igreja, pessoas que têm empresas e vamos encaminhá-los. Isso já aconteceu, nós temos casos assim. Como pastor, somos procurados por muitos pais: ‘arruma emprego para o meu filho’... e nós fazemos contato com os irmãos e conseguimos. Às vezes acontece até de empresas ligarem para a igreja pedindo pessoas para trabalhar, então nós encaminhamos (LALANA, 2006).

Com o intuito de problematizar esta fala, em especial no que diz respeito à máxima “ensinar a pescar”, perguntamos ao referido pastor: como agir em tempos de seca e quando não há peixes, ou seja, quando não há emprego? Sua resposta foi a seguinte:

Ensinamos a pescar, mas aí não tem peixe? Não tem emprego? Aí não tem outra alternativa a não ser apertar o governo por meio de mobilizações populares. Não tem outra alternativa, a não ser ir para a ação, para a prática, procurar lideranças políticas, para que a coisa mude. Nós temos que fazer ouvir a nossa voz, não tem outra alternativa (LALANA, 2006).

Segundo este pastor, existem projetos para serem desenvolvidos em 2007 que incluem a abordagem de questões afetas ao mundo do trabalho.

Nós temos projeto para os jovens que têm dúvidas quanto à profissão que querem seguir, o que fazer... nós vamos fazer palestras para tentar encaminhá-los, para definir o que eles querem fazer. Hoje existem algumas ações de orientação, mas não de uma forma organizada, mas há um projeto para melhorarmos essa questão. [...] Vai haver um trabalho para trazer jovens que estão na universidade para eles falarem da experiência da universidade, para motivar os jovens a fazerem a escolha certa do que vão fazer, para depois encaminhar para a vida profissional (LALANA, 2006).

No que diz respeito às frentes de atuação da organização estadual dos jovens, a União da Mocidade da Assembléia de Deus do Estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná – UMADESCP, o pastor Oséias Morlo deu o seguinte depoimento:

Já paramos, já pensamos, já colocamos alguma coisa no papel e nós temos que atuar. Eu vou criar, se a Convenção aprovar, dentro da UMADESCP departamentos que estarão cuidando de todas as áreas. A área profissional é a mais carente. [...] Eu visitei todas as regiões [do estado de Santa Catarina], todas as igrejas, todas as cidades, todos os congressos, há uma carência muito grande. [...] Quando eu assumi a UMADESCP, ela estava um pouco desestruturada nessa área. Então, nós elaboramos uma pesquisa sobre a questão de trabalho e profissão, eu já apliquei em Gaspar [SC], para reaproveitar esse pessoal na comunidade. Graças a Deus, já está surtindo efeito. [...] É difícil uma igreja que faça teste vocacional, nós fizemos com os jovens e adolescentes. Eles já saem para um curso específico dentro da área deles. Uma das capacitações que fizemos, regional, debatemos muito esse assunto. Por que nossos jovens não estão sendo aproveitados? Porque eles não foram instruídos pela vocação, pegam qualquer coisa pela frente, não é aquilo que querem para a vida, daqui uns dias estão desistindo, daqui a pouco está desempregado. Eu bati muito em cima desse assunto e a igreja pegou essa idéia. Então nós já temos isso no papel para o próximo ano (MORLO, 2006).

Os três pastores responderam, também, como agiriam se fossem procurados por um jovem desempregado, para orientação. Para o pastor Nilton dos Santos (2006),

A primeira coisa que o jovem tem que compreender é que ele precisa estar bem com Deus. Se ele estiver bem com Deus, vai estar bem com a vida. Mesmo que esteja desempregado, vai ter força e vigor para não entrar numa tristeza profunda, que venha trazer seqüelas e que venha daqui a pouco virar uma depressão. Então, primeira coisa, entrega essas coisas ao Senhor e vá procurar, vá trabalhar, porque nada chega de mão beijada. Ele tem que procurar, mas tem que ter também sua vida de oração, confiar que Deus vai abrir uma porta. A vida íntima que ele tem com Deus, seus momentos de cultuar ao Senhor, de oração, aquela oração que ele faz lá mesmo na sua casa, vai lá no seu quarto, dobra o joelho, passa um momento orando, lendo a bíblia, isso vai ajudar a ele ter força para procurar emprego e ter força para enfrentar qualquer tristeza mais profunda por uma falta de emprego na hora e, que com o tempo vai se prolongando. A gente procura manter os jovens bem com Deus. Para isso, além de ele ter seus momentos de oração, a gente pede para eles freqüentarem os cultos. Sempre se vai ouvir uma palavra de Deus, ouvir algo que vai ajudar, na motivação, na vida espiritual e na vida de ser humano (SANTOS, N, 2006).

Segundo o pastor Lalana (2006), sua orientação primeira seria em relação ao estudo. Nas suas palavras,

Ele precisa estudar. Partindo do princípio que ele já tenha o ensino médio, eu diria: meu amigo, o passo agora é você escolher a sua profissão. - Mas como vou escolher? Você precisa saber qual é a sua aptidão. O que você gosta de fazer? - Eu gosto de trabalhar como mecânico. Então, você procura informações como ser um mecânico, procura um curso profissionalizante ou vai fazer uma engenharia

mecânica... Basicamente é isto, motivá-lo para escolher a profissão certa e depois se preparar, estudar, porque não vai cair do céu, tem que buscar. Nessa parte, nós somos bem conscientes... ah, vamos orar, vamos fazer orações... Deus já nos deu os meios, nos deu saúde, nos deu as faculdades, agora nós precisamos fazer a nossa parte (LALANA, 2006).

Sobre a mesma questão, o pastor Oséias Morlo (2006) respondeu o seguinte:

Eu aconselho, em primeiro lugar, colocar a cabeça no lugar. Amanhã é um novo dia. Eu sugiro, eu dou sugestões para ele colocar currículos nas empresas, dou idéias, até eu mesmo ligo para as empresas. [...] é claro, primeiro lugar, Deus. Ele abre as portas para o emprego. Muitas pessoas hoje são abençoadas nesse sentido. Mas, também, estudo, pois se não tem a vida secular boa, não consegue (MORLO, 2006).

Nos depoimentos acima observamos uma tendência à valorização da formação secular dos jovens da ADBLU. Em que pese o pastor presidente, Nilton dos Santos, não tenha feito referência a este aspecto, pautando seu discurso na religiosidade, todos assinalam que o sujeito é responsável pela sua própria inserção no mercado de trabalho. Complementar a este processo de qualificação e inserção no mercado de trabalho, exortam à oração. Os resultados são creditados a Deus.

3 MAX WEBER E AS IDÉIAS QUE MOVEM O MUNDO

Dentre os autores clássicos da sociologia, Max Weber foi o que mais se preocupou com o fenômeno religioso. Como Marx e Durkheim, busca entender a sociedade moderna ocidental. Para Weber (1996) esta é fruto da combinação de fatores que se desenvolveram no contexto da civilização ocidental judaico-cristã. Este autor busca identificar o que fez surgir esta sociedade e como se produziu o processo de racionalização que a constituiu. Para tanto, compara as religiões de distintas civilizações. Nas religiões protestantes Weber (1996) observa uma tendência específica para o racionalismo econômico. Para o autor, esta peculiaridade das religiões ocidentais desempenhou importante papel na origem e desenvolvimento da racionalização ocidental.

Weber (1996) encontra na ascese cristã um dos componentes fundamentais do espírito moderno do capitalismo; não a ascese monástica, peculiar ao catolicismo, mas a ascese laica difundida pelo protestantismo. Segundo este autor, para os protestantes “a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação” (WEBER, 1996, p. 53). De acordo com o mesmo autor, Lutero desenvolveu essa concepção na primeira década de sua atividade reformadora, quando da sua tradução da bíblia utilizou o termo vocação no seu sentido secular. Desta forma, provocou uma mudança de significado do texto bíblico, por conseguinte, uma valorização do trabalho secular. Sob esta perspectiva, “o cumprimento das tarefas do século sob quaisquer circunstâncias é o único caminho para satisfazer a Deus” (WEBER, 1996, p. 54).

Para Weber (1996), não resta dúvida que a qualificação moral da atividade terrena foi uma das elaborações mais cheias de conseqüências do Protestantismo: “O efeito da Reforma, como tal, em contraste com a concepção católica, foi aumentar a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho secular e profissional” (WEBER, 1996, p. 54). Para este autor, a tentativa de relacionar a ética protestante ao espírito do capitalismo não deve ser entendida como uma esperança de encontrar nos fundamentos ou interpretações dos movimentos religiosos uma divulgação do que chamou “espírito do capitalismo” como uma finalidade de vida. Para Weber (1996), o alvo dos reformadores era a salvação da alma. Desta forma, “Suas metas éticas e a atuação prática de seus ensinamentos relacionavam-se todas

com ela, e eram apenas conseqüências de motivos puramente religiosos” (WEBER, 1996, p. 60). Segundo o mesmo autor, “os resultados culturais da Reforma foram, em boa parte, conseqüências imprevistas” (WEBER, 1996, p.60). Portanto, a relação existente entre a ética protestante e a origem e desenvolvimento da racionalização ocidental se deve à força que as idéias adquirem na história: as idéias movem o mundo.

CAPÍTULO II - IDÉIAS SÃO TRANSFORMADORAS?

1 OS JOVENS DA ADBLU

O trabalho parece constituir uma categoria central entre os membros da ADBLU. Porém, é notório que se trata do trabalho como apologia à sociedade do capital. Considerando que a igreja é um dos espaços de socialização dos homens, buscamos saber os resultados de tais ensinamentos na vida cotidiana dos jovens adeptos à ADBLU.

A juventude da ADBLU é composta por pessoas solteiras com idade superior a 15 anos ou aquelas casadas que se encontrem na faixa etária de 15 a 25 anos que se autodenominam jovens. Em 2005, segundo registros da ADBLU, 56,1% dos jovens com idade entre 15 e 25 anos eram mulheres; 39,7% declararam ser economicamente ativos; 71,6% eram solteiros, dentre os quais, 1,5% tinham filhos; 12% eram os principais responsáveis pela família, destes, 32% eram solteiros; 30% dos jovens tinham o Ensino Fundamental Incompleto e 23,8% completo; 19,2% tinham o Ensino Médio Incompleto e 20% completo; 2,8% estavam cursando o ensino superior e 0,3% já haviam concluído. No que diz respeito à situação eclesial dos jovens, 2% eram auxiliares⁶⁶ (6,4% mulheres), 0,4% “diáconos”⁶⁷, 0,2% “presbíteros”. Estes dados contribuíram para uma caracterização geral dos jovens da ADBLU: maioria mulheres; grande parte solteira; baixo índice de pessoas solteiras com filhos; escolaridade média e reduzida participação por gênero e segmento etário nas atividades eclesiais. Contudo, não continham informações sobre emprego e desemprego destes jovens, que foram colhidas por meio de aplicação de questionário específico.

A amostra da pesquisa foi constituída de 298 jovens. Desse total, 147 eram mulheres, 150 homens e uma pessoa não assinalou a alternativa. Do total de mulheres, 35 declararam estar desempregadas, ou seja, 23,8%; do total de homens, 25 (16,6%) declararam estar desempregados. Esta amostra tem por base a divisão adotada na ADBLU, que define juventude segundo a faixa etária e a condição civil⁶⁸. Entretanto, como pretendemos correlacionar os dados da pesquisa local com os dados nacionais disponíveis, privilegiamos,

⁶⁶ Na hierarquia da ADBLU os auxiliares constituem a última categoria de obreiros.

⁶⁷ Os diáconos ocupam a penúltima posição na hierarquia da ADBLU.

⁶⁸ As pessoas não casadas, independentemente da idade, integram os grupos de jovens na ADBLU.

neste estudo, a faixa etária de 15 a 24 anos, que somou 231 entrevistados⁶⁹, sendo 120⁷⁰ mulheres e 110⁷¹ homens.

Dos 231 jovens que responderam ao questionário, 48 declararam situação de desemprego (20,8%), destes, 56% mulheres e 44% homens. No que tange ao tempo de desemprego, o menor período verificado foi 02 semanas e o maior, 24 meses. A distribuição dos índices de emprego e desemprego de jovens da ADBLU, conforme a idade, pode ser observada na tabela 6.

Tabela 6 - Emprego e desemprego de jovens da ADBLU, conforme idade

Idade	Total	Empregado		Desempregado		Autônomo		Estudante	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
15 anos	14	01	7,1	07	50	-	-	03	21,4
16 anos	33	12	36,4	15	45,5	01	3,0	03	9,1
17 anos	33	22	66,7	06	18,2	02	6,1	-	-
18 anos	25	18	72,0	06	24,0	01	4,0	-	-
19 anos	30	21	70,0	05	16,7	02	6,7	-	-
20 anos	25	19	76,0	05	20,0	-	-	01	4,0
21 anos	13	12	92,3	-	-	-	-	01	7,7
22 anos	25	21	84,0	01	4,0	02	8,0	-	-
23 anos	19	16	84,2	02	10,5	01	5,3	-	-
24 anos	14	10	71,4	01	7,1	02	14,3	-	-
Total*	231	152	65,8	48	20,8	11	4,8	8	3,5

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

* % relativa ao total de desempregados

Elaborado pela autora.

Na tabela 6 observamos que o desemprego de jovens de 15 a 19 anos é maior que entre os jovens de 20 a 24 anos. Entre os primeiros, o índice de desemprego é de 32,6%, contra 10,4% de jovens desempregados com idade entre 20 e 24 anos. Quando a variável é o emprego, estes índices se invertem, sendo 54,8% de jovens de 15 a 19 anos empregados, contra 81,25% de emprego dos jovens de 20 a 24 anos. De um modo geral, o grupo etário de 15 a 19 anos se caracteriza por ser o período em que os jovens estão em busca do primeiro emprego. Quando a variável é o gênero⁷², os índices são os seguintes:

⁶⁹ Dentre os jovens que compõem esta amostra de 231 entrevistados, um não respondeu a questão referente ao gênero.

⁷⁰ 120 = 100%.

⁷¹ 110 = 100%.

⁷² Nas tabelas 7, 8 e 9, devido ao recorte e à não identificação de gênero de um entrevistado, a soma de mulheres e homens é igual a 230.

Tabela 7 - Emprego e desemprego de mulheres jovens da ADBLU, conforme idade

Idade	Total	Empregado		Desempregado		Autônomo		Estudante	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
15 anos	08	-	-	03	37,5	-	-	02	25,0
16 anos	14	04	28,6	07	50,0	-	-	02	14,3
17 anos	22	13	59,1	05	22,7	01	4,5	-	-
18 anos	12	09	75,0	03	25,0	-	-	-	-
19 anos	17	10	58,8	05	29,4	01	5,8	-	-
20 anos	14	09	64,3	04	28,6	-	-	01	7,1
21 anos	08	07	87,5	-	-	01	12,5	-	-
22 anos	12	10	83,3	-	-	01	8,3	-	-
23 anos	10	08	80,0	01	10,0	01	10,0	-	-
24 anos	03	03	100,0	-	-	-	-	-	-
Total*	120	73	60,8	28	23,3	5	4,1	5	4,1

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

* % relativa ao total de desempregados

Elaborado pela autora.

O recorte de gênero revela que 49,3% das mulheres entre 15 e 19 anos estão empregadas, contra 78,7% de emprego das mulheres com idade entre 20 e 24 anos. Em relação ao desemprego, o primeiro grupo atinge índices de cerca de 31,5%, contra 10,6% de desemprego entre mulheres que integram o segundo grupo etário. De um modo geral, o recorte de gênero, no caso das mulheres, repete os índices gerais apontados na Tabela 3, sendo a maior variação para o índice de mulheres empregadas de 15 a 19 anos, na qual observamos uma redução de aproximadamente 4,5 pontos percentuais. Uma comparação mais apurada pode ser feita em relação aos dados apresentados pelos homens, como vemos na Tabela 8.

Tabela 8 - Emprego e desemprego de homens jovens da ADBLU, conforme idade

Idade	Total	Empregado		Desempregado		Autônomo		Estudante	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
15 anos	06	01	16,7	04	66,7	-	-	01	16,7
16 anos	19	08	42,1	08	42,1	01	5,3	01	5,3
17 anos	11	09	81,8	01	9,1	01	9,1	-	-
18 anos	13	09	69,2	03	23,1	01	7,7	-	-
19 anos	13	11	84,6	-	-	01	7,7	-	-
20 anos	11	10	90,9	01	9,1	-	-	-	-
21 anos	05	05	100,0	-	-	-	-	-	-
22 anos	13	11	84,6	01	7,7	01	7,7	-	-
23 anos	09	08	88,9	01	11,1	-	-	-	-
24 anos	10	06	60,0	01	10,0	02	20,0	-	-
Total*	110	78	70,9	20	18,8	7	6,4	2	1,8

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

Em relação às mulheres, os homens apresentam índice de emprego cerca de 9% maior; no que tange ao desemprego, há uma inversão de valores, sendo os índices femininos 4,5% maiores que os masculinos. Além disso, chamamos a atenção para os índices de jovens que declararam ser estudantes, que, no caso das mulheres de 15 anos é 8,3% maior que os homens de igual idade; e 9% maior em mulheres com 16 anos.

Na Tabela 9 são apresentados dados sobre a escolaridade dos jovens da ADBLU, conforme a idade e o gênero, independentemente da situação trabalhista.

Tabela 9 - Escolaridade dos jovens da ADBLU, por idade e gênero

Idade	EFI		EFC		EMI		EMC		ESI		ESC		Total idade
	Mulher	Homem											
15	-	0,9	1,7	1,4	1,7	0,5	-	-	-	-	-	-	6,2
16	-	0,5	0,8	2,3	4,6	5,5	0,4	0,5	-	-	-	-	14,6
17	0,4	-	0,8	-	2,9	3,7	5,0	1,4	-	-	-	-	14,2
18	-	0,5	-	0,9	0,8	2,3	3,3	1,8	1,3	0,5	-	-	11,4
19	-	-	0,8	0,5	1,7	1,4	3,8	2,8	0,4	0,9	-	-	12,3
20	-	0,5	0,4	0,9	0,4	1,4	2,5	2,3	2,5	-	-	-	10,9
21	0,4	-	-	0,5	-	-	1,7	1,8	1,3	-	-	-	5,7
22	-	-	-	0,5	1,7	2,3	1,7	1,8	1,3	0,9	0,4	0,5	11,1
23	0,8	0,5	-	-	0,4	0,9	1,7	2,3	0,4	0,5	0,8	-	8,3
24	-	0,5	-	-	-	0,5	0,4	1,4	-	1,4	0,8	0,9	5,9
Total	1,7	3,2	4,6	6,9	14,2	18,3	20,4	16,0	7,1	4,1	2,1	1,4	100

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

A menor escolaridade, Ensino Fundamental Incompleto agrega 4,9% do total da amostra. Destes, 65,3% são homens; os jovens com Ensino Fundamental Completo – EFC constituem 11,5% do total e os homens representam 60% desta amostra; em relação ao Ensino Médio Incompleto - EMI, 32,5% dos jovens possuem esta escolaridade, a maioria (18,9%) jovens de 15 a 17 anos. Nesta categoria os homens também são em maior número, 56,3%; entre os jovens no Ensino Médio Completo – EMC, 36,4%, destacamos o maior número de mulheres, constituindo 56,4% da amostra; o mesmo acontece com o Ensino Superior Incompleto, 11,2% da amostra, com 63,2% de mulheres e com Ensino Superior Completo, 3,6% da amostra, sendo 60% mulheres. Como podemos ver, os jovens da ADBLU possuem um nível intermediário de escolaridade, sendo que 51,1% deles concluíram o ensino médio, dos quais 28,8% estão cursando o ensino superior ou já concluíram. Comparando o índice de jovens que estão cursando ou já concluíram o ensino médio, 68,9% da amostra, à média da região Sul do Brasil, apresentada pela pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (ABRAMO,

2005), que é de 50% para a mesma categoria educacional, vemos que este grupo apresenta indicadores positivos quando o assunto é educação.

De acordo com o depoimento do pastor Volmir Lalana, coordenador geral da UMADBLU, nos últimos anos a ADBLU tem incentivado seus membros à qualificação, nas suas palavras:

As nossas palavras, nossas palestras, são para que os nossos jovens sejam os melhores. [...] o cristianismo nasceu do judaísmo e no judaísmo os pais têm uma tradição: quando os filhos vão para a escola, os pais não perguntam se levou o lanche; perguntam se levaram os livros. Hoje em dia, a preocupação dos pais na Assembléia de Deus é que os seus filhos sejam os melhores. [...] a nossa filosofia, dos pastores e líderes, é que os jovens sejam luz, onde eles estiverem: na faculdade, na escola, no emprego... a gente trabalha essa questão da perfeição, por isso o jovem vai fazer de tudo para não fazer parte desta estatística negativa [desemprego] (LALANA, 2006).

Em que pese tal afirmação, considerando os índices de escolaridade apresentados, em que medida o grau de instrução contribui ou não para o emprego e desemprego destes jovens?

Tabela 10 - Emprego e desemprego de jovens da ADBLU, conforme nível de escolaridade.

Escolaridade / Grau de Ensino	Total	Empregado		Desempregado		Autônomo		Estudante		Outros		Total %
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	
Fundamental Incompleto	12	7	58,3	2	16,7	2	16,7	-	-	1	8,3	100
Fundamental Completo	26	12	46,2	8	30,8	1	3,8	2	7,7	3	11,5	100
Médio Incompleto	75	44	58,7	20	26,7	3	4,0	4	5,3	4	5,3	100
Médio Completo	83	62	74,7	14	16,8	5	6,0	-	-	2	2,4	100
Superior Incompleto	26	19	73,1	4	15,4	1	3,8	1	3,8	1	3,8	100
Superior Completo	8	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Não Informado	01	01	100	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Total	231	153	-	48	-	12	-	7	-	10	-	-

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

Conforme podemos observar, os jovens com Ensino Médio Completo - EMC apresentam o maior índice de emprego, 74,7% do total da categoria de escolaridade; o menor índice, 46,2%, aparece entre os jovens que declararam possuir o Ensino Fundamental Completo - EFC; entre os desempregados, destacamos os jovens que declararam possuir o EFC e o EMI, em cujos níveis de escolaridade os índices de desemprego atingiram as maiores

cifras na categoria, 30,8% e 26,7%, respectivamente. Os menores índices de desemprego estão entre os jovens que tinham o Ensino Fundamental Incompleto - EFI (16,7%), EMC (16,8%) e Ensino Superior Incompleto - ESI (15,4%).

Entre os jovens de 15 a 24 anos, 59 (25,5%) declararam estar à procura de emprego. Destes, 61% estavam desempregados; 6,8% eram autônomos; 16,9% estavam empregados; Dos jovens que se identificaram como desempregados, cerca de 33% estavam à procura do primeiro emprego, todos jovens de 15 a 19 anos, assim distribuídos: 8,3%, 15 anos; 41,7%, 16 anos; 25% para 17 anos e a mesma incidência para os jovens de 19 anos.

No que diz respeito às ocupações dos jovens, observamos que a maioria deles se ocupa de atividades que requerem um nível médio de qualificação, conforme Quadro 2:

Mulheres		Homens	
Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo
Faccionista Manual Promotora de vendas	Aux. de produção Babá Diarista Garçonete Telefonista	Aux. de garagem Aux. de produção Padeiro Repositor Vigilante	Ajudante Ajud. de eletricitista Aux. de escritório Aux. de produção Cozinheiro Panfleiteiro Pedreiro Repositor Segurança Serviços gerais
Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo
Aux. administrativo Aux. de costura Aux. de depósito Aux. de escritório Aux. de produção Costureira Embaladeira Op.de telemarketing Recepcionista Recreadora Secretária Vendedora	Agente de saúde Ascensorista Assist.administrativo Assist. de inf. editoriais Assist. de vendas Aux. administrativo Aux. de almoxarife Aux. de escritório Aux. de produção Embaladeira Estagiária Expedidora Fotógrafa Musicista Operadora de caixa Operadora de máquina Professora Secretária Suporte técnico Telefonista Vendedora	Atendente Aux. de depósito Aux. de expedição Aux. de padeiro Aux. de produção Eletricista automotivo Eletro-mecânico Enfestador Estampador Expedição Joalheiro/ourives Marceneiro Motorista Músico Office boy Operador de caixa Operador de máquina Representante Secretário Segurança Serviços gerais Talhador Tecelão Vendedor Zelador	Arte finalista Aux. administrativo Aux. de escritório Aux. de tecelagem Carteiro Editor gráfico Estoquista Expedidor Jardineiro Locutor de rádio Militar Músico Operador de produção Operador de rádio Operador de torno cnc Pintor Programador Repositor Secretário Serviços gerais Técnico em eletrônica Téc. em enfermagem Téc. em informática Técnico mecânico Vendedor

Mulheres		Homens	
Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Completo
Analista de esc. fiscal	Analista financeiro	Aux. administrativo	Aux. contábil
Assist. administrativo	Aux. administrativo	Estagiário	Bolsista de pesquisa
Aux. administrativo	Aux. contábil	Op. de caixa	Embalador
Aux. de escrita fiscal	Farmacêutica	Op. de máq. de corte	
Bolsista de trabalho	Laboratorista	Op. de telemarketing	
Estagiária		Programador	
Recreadora		Vendedor	
Secretária			
Vendedora			

Quadro 2 - Ocupações dos Jovens de 15 a 24 anos

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

Entre os jovens de 15 a 19 anos, as ocupações mais frequentes são: vendedor/a; auxiliar administrativo/escritório/secretaria; estas ocupações também se destacam quando o recorte é escolaridade, com maior incidência nos Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio Completo e Ensino Superior Incompleto. Em relação ao setor de atividade, cerca de 35% dos jovens exercem atividades no comércio, o mesmo índice para as atividades na indústria; 25% no setor de serviços e 4,5% no serviço público. Entre os jovens que se autodenominam “autônomos” estão do universo 5,1%. Estes jovens apresentavam as seguintes ocupações: ajudante de eletricista, músico, pintor, jardineiro, faccionista, editor gráfico, fotógrafa, secretária, representante e vigilante. 8,3% dos jovens autônomos nunca haviam trabalhado como empregados. Um dado bastante relevante e que aponta tanto para o fenômeno do desassalariamento como da precarização das condições de trabalho é o número de jovens autônomos à procura de emprego, cerca de 33%. Este último dado pode nos levar ao entendimento de que o “trabalho autônomo”, para algumas pessoas, figura apenas como uma opção de enfrentamento ao desemprego. Portanto, em que pese o nível de escolaridade dos jovens da ADBLU tenha superado significativamente a média da Região Sul do Brasil, estes indicadores não representam melhores possibilidades de colocação no mercado.

Ainda no que diz respeito à pesquisa, identificamos que 20,8% dos jovens têm pessoas desempregadas na família; este dado vem ratificar o que as estatísticas nacionais e internacionais apontam, que o desemprego perpassa toda a classe de trabalhadores, embora com maior ou menor incidência em determinados grupos.

Dando seqüência à pesquisa, perguntamos aos jovens da ADBLU com qual freqüência os mesmos participam dos cultos. Os resultados para os jovens empregados e desempregados foram os seguintes:

Tabela 11 - Freqüência de participação nos cultos por semana, segundo a situação trabalhista.

Freqüência com que vai à igreja	Empregado		Desempregado		Autônomo		Estudante		Outros		Total	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
01 vez	16	10,5	05	10,4	-	-	-	-	01	8,3	22	9,5
02 vezes	39	25,6	08	16,7	03	25,0	02	28,6	04	33,3	56	24,2
03 vezes	46	30,2	10	20,8	05	41,7	04	57,1	04	33,3	69	29,9
04 vezes ou mais	48	31,6	24	50,0	03	25,0	01	14,3	02	16,7	78	33,8
Não Informado	03	2,0	01	2,1	01	8,3	-	-	01	8,3	06	2,6
Total	152	100	48	100	12	100	07	100	12	100	231	100

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

O índice de desempregados que freqüentam a igreja 3 vezes ou mais por semana supera em cerca de 9% o número de empregados que freqüentam o mesmo tanto de vezes. Entretanto, entre estes últimos há uma divisão equilibrada entre a quantidade de jovens que freqüenta a igreja 3 vezes por semana e os que freqüentam 4 vezes ou mais por semana, sendo, respectivamente, 30,2% e 31,6%. Já, entre os desempregados, apenas os que afirmaram que vão à igreja 4 vezes ou mais por semana agregam 50% da amostra. Entre os autônomos e estudantes, o maior percentual de freqüência nos cultos está na alternativa três vezes por semana.

Em relação ao tipo de culto que freqüentam, analisamos os índices pelas variáveis empregados e desempregados.

Tabela 12 - Distribuição de empregados e desempregados por tipo de culto que freqüentam.

Tipo de Culto	Empregados (%)		Desempregados (%)	
	freqüenta	não freqüenta	freqüenta	não freqüenta
Culto público	66,4	33,6	60,4	39,6
Culto de doutrina	65,8	34,2	58,3	41,7
Tarde/noite da vitória	44,1	55,9	60,4	39,6
Escola dominical	67,1	32,9	81,2	18,8
Grupo de jovens	72,4	27,6	77,1	22,9

Fonte: Questionários da Pesquisa Emprego e Desemprego de Jovens da Assembléia de Deus – Blumenau/SC, 2005-2006.

Elaborado pela autora.

De um modo geral, a variação dos índices é relativamente pequena para podermos afirmar que empregados e desempregados se diferenciam no que diz respeito ao culto que freqüentam. Entretanto, destacamos a variação ocorrida entre os cultos tarde/noite da vitória e escola dominical, com 16,3% e 14,1% a mais de incidência, respectivamente, entre os desempregados. O primeiro tem por objetivo a busca de bênçãos, vitórias e é realizado quintas-feiras à noite e sextas-feiras à tarde, o que poderia justificar o maior índice de participação de desempregados; o segundo é realizado aos domingos pela manhã e tem como foco o estudo bíblico. Considerando que os jovens empregados vêm de uma jornada semanal de trabalho e aos domingos estão prestes a iniciar outra semana de trabalho, o descanso necessário poderia ser uma justificativa para a sua menor participação neste culto.

Outra pergunta que fizemos aos jovens é se os mesmos fizeram orações ou pedidos de oração em virtude de situações de desemprego, ao que 50,2% dos jovens responderam que sim. Destes, 35,6% eram desempregados e 64,4% empregados. Entre os primeiros, 46,7% responderam que alcançaram a bênção pretendida; entre os empregados, 93,1% responderam afirmativamente, creditando o ingresso ou permanência no mercado de trabalho à Deus, como resposta às suas orações. É importante lembrar que dar testemunho das bênçãos recebidas é prática neste segmento religioso; tendo em vista os índices apontados pelos jovens empregados, de que 93,1% receberam o pretendido em relação ao desemprego, podemos depreender que para estes jovens a oração abre portas para o emprego. Mas, pelos dados coletados não vemos possibilidades de auferir uma conclusão acerca do baixo índice de desempregados que recorrem à oração como enfrentamento ao desemprego. Apenas que se contrapõem aos dados que apontam para a maior participação de desempregados em cultos cujo objetivo central é a busca de soluções para problemas.

1.1 O QUE DIZEM OS JOVENS?

Prosseguindo a pesquisa, identificamos quatro jovens exemplares de desemprego: Ricardo (25 anos), Samuel (20 anos), Jaqueline (26 anos) e Raquel (25 anos)⁷³.

1.1.1 Ricardo: desemprego e bico

Ricardo, 25 anos, ensino médio completo, torneiro mecânico, ficou desempregado por aproximadamente 07 meses. Seu primeiro emprego foi num supermercado em São Paulo, acerca da sua trajetória de trabalho, relata:

Trabalhava para ter o que fazer. Eu era bem novo. Meu pai chegou para mim, numa altura da situação e disse assim: Ricardo, agora você pára de trabalhar e vai estudar. Aí eu comecei a estudar em tempo integral. Eu ia aprender a profissão de tornearia, ia para o SENAI, em São Paulo, das 7 horas até as 5 da tarde. Das 5, eu tinha um teto de uma hora ou duas, uma hora, mais ou menos, para ir para casa, tomar banho, tomar café, dar um oi para a família e já ir para a escola à noite. Então, eu não conto essa parte [como desemprego]. Esta parte da minha vida foi uma parte de aprendizado. Eu aprendi a ser responsável por causa do emprego e aprendi uma profissão por causa da escola. Eu tive que crescer (RICARDO, 2006).

Após terminar o curso de torneiro mecânico, Ricardo trabalhou em outros três lugares, mas ressaltou que o “primeiro emprego pra valer” foi como torneiro mecânico em Blumenau, onde trabalhou por aproximadamente 04 anos. “Este eu pedi para Deus: Senhor, eu quero o emprego tal... e ele me atendeu” (RICARDO, 2006). Sobre o seu desemprego, relatou que optou por sair da empresa por falta de entendimento com a chefia no que diz respeito à valorização do seu trabalho e à remuneração, que não era compatível com a função. Devido ao desemprego do pai e do irmão, Ricardo foi o único provedor da casa por um longo período. Por isso, afirmou que logo que foi demitido, não tinha vontade de trabalhar.

Os três anos e sete meses, quase quatro anos, que eu passei trabalhando, ganhando bem, foram tempos em que eu tive que sustentar a casa, literalmente falando. A maior renda era a minha e a maior contribuição também era a minha. Na verdade, eu dava tudo, e desse montante que eu colocava na mão da minha mãe, ela dizia assim: esses são os seus. Chegou um tempo que era assim, R\$ 50,00, R\$ 60,00, para quem ganhava um montão, era pouco. Mas eu não reclamava sobre esta questão. Foram quase quatro anos assim. [...] quando eu fiquei desempregado eu pensei: se eu for

⁷³ Em que pese 03 dos 04 jovens entrevistados tenham mais de 24 anos, limite superior do recorte por idade definido para este trabalho (15 a 24 anos), todos ficaram desempregados antes de sair daquela faixa etária.

procurar um emprego, eu vou achar um outro emprego para voltar a viver aquilo tudo de novo... [...] ter dado tanto dinheiro em casa, aliás, quase todo o dinheiro, me fez ficar desanimado de procurar um próximo [emprego], já que agora eu estava desempregado. Então, foi o que me desestimulou, desencorajou a estar buscando a Deus. Eu falei não, o que acontecer vai acontecer, eu não vou correr atrás disso (RICARDO, 2006).

Pouco antes de ficar desempregado, seu pai e seu irmão conseguiram emprego. Todavia, segundo o seu depoimento, “*os dois juntos não ganhavam o que eu ganhava*”. Desta forma, uma de suas preocupações era não gerar gastos. Como estratégia para conter gastos e obter uma renda, Ricardo deu aulas de técnica vocal, o que lhe garantiu uma renda de aproximadamente R\$ 350,00 por mês.

Naquela única preocupação, de não gerar gastos excessivos dentro da família, eu comecei a fazer uns bicos. Eu não fui muito longe, eu peguei o meu conhecimento de técnica vocal e comecei a anunciar na igreja, aí algumas pessoas vieram e fizeram aula comigo. Dali eu tirava R\$ 400,00, R\$ 300,00 que dava para me manter tranquilamente. Foi isso que eu fiz nesse período. Então, mesmo desempregado, na minha profissão, eu tive a sorte de pensar em alguma forma de gerar renda (RICARDO, 2006).

Ricardo relata que na igreja todos sabiam que estava desempregado. Em alguns momentos, sentia uma espécie de “*pressão velada*”, expressa da seguinte maneira:

Todo mundo perguntava: e aí Ricardo, já arrumou um emprego? Como é que está? Como é que está a situação? E eu falava: cara, ainda não arrumei emprego... Tá, mas você não está fazendo nada? Eles perguntavam. Não, eu estou dando aula, estou dando aula e me mantendo assim...aí todo mundo olhava com um olhar... passavam para mim uma idéia de que não aprovavam, mas também não desaprovavam... as pessoas não externavam para mim, olha, você está desempregado, você tem que arrumar um emprego rapidamente, porque né... como é que pode ficar desempregado?(RICARDO, 2006).

Segundo o seu depoimento, com o passar do tempo de desemprego, começa a sentir algumas necessidades que não consegue suprir com o rendimento das aulas: “*Eu comecei a namorar, aí surgiram alguns gastos...*” Contudo, ressalta que nesta situação, não agiu como outras vezes, pedindo emprego a Deus.

Eu não fiz isso em tempo algum! No máximo, nesse período de sete meses que eu estava desempregado, eu cheguei para Deus e disse: Senhor, se o Senhor me der um emprego, beleza, vou fazer isso aqui. Foi o máximo que eu cheguei nesse meu relacionamento com Deus, a respeito daquela situação que eu estava vivendo. [...] apesar de não buscar a Deus para isso, para conseguir um emprego, eu estava começando a ficar preocupado, porque na minha idade, hoje eu tenho 25 anos, você assumiu um namoro sério, sem pensar em casar, é quase que impraticável. Só que,

para casar, você tem que ter um dinheiro e eu, sempre sem nada... pensei, a coisa está ficando feia, está ficando complicada. Neste momento da minha vida, já ia fazer oito meses de desemprego, um irmão da igreja perguntou se eu queria trabalhar com ele, só que em uma área totalmente diversa do que eu tinha praticado até então na minha vida profissional. Agora eu trabalho com informática, eu mexo com manutenção de computadores e estou gostando muito do que eu faço. É uma coisa que eu sempre quis fazer (RICARDO, 2006).

Ricardo afirma estar satisfeito com sua nova ocupação, recebe R\$ 400,00 por seu trabalho. Embora seja uma remuneração pequena em relação ao salário que recebia como torneiro mecânico, em torno de R\$ 1.300,00, afirma que agora faz o que sempre quis fazer.

A profissão de tornearia é uma profissão valorizada. Na maioria das empresas que são de médio e grande porte, você ganha bem. Algumas empresas que a gente chama de fundo de quintal, pagam R\$ 1.200,00, R\$ 1.300,00 e as grandes vão para R\$ 2.000,00, R\$ 2.200,00... Então, tendo em vista o que eu ganhava antes, com certeza, isso não é nada. É como ganhar uma gorjeta. Mas, eu vejo essa oportunidade, de estar ali, apesar de estar ganhando pouco, uma oportunidade de estar mudando para uma coisa que eu gosto mais de fazer, que com certeza eu tenho o coração nisso, como uma chance, uma chance de crescer nessa área. A informática é a profissão do futuro! Um torneiro mecânico, daqui a pouco, estará sendo substituído por um robô. Daqui a pouco, os tornos mecânicos estarão fazendo tudo sozinho, você dá um clique, ele vai lá e faz o processo todo sozinho. Já, por trás desse robô, tem que ter um técnico, para gerenciar o software que tem que ser colocado, fazer a manutenção, que é a minha parte hoje. Então, hoje eu estou na fase de ganhar para aprender a mexer com isso. Essa foi a proposta que ele me fez e, quando eu me qualificar, daí a gente volta a conversar sobre a questão do salário. Então, foi uma coisa legal que aconteceu na minha vida. E volto a dizer, impensável! Eu nunca imaginei que isso fosse acontecer na minha vida, mas aconteceu (RICARDO, 2006).

Após o término da pesquisa, voltamos a fazer contato com Ricardo, que relatou que está novamente desempregado. Ele acredita que deva ser um processo de Deus na sua vida, nas suas palavras:

As coisas estão acontecendo de forma estranha. Você é qualificado, todos se interessam pelo seu currículo e até chamam você, só que não dá certo, por algum motivo que eu não sei. Deus deve estar me dizendo alguma coisa e eu não estou conseguindo desenrolar esse manto, não estou entendendo o que ele está querendo me mostrar, mas tudo bem, eu chego lá (RICARDO, 2006).

Ricardo continua dando aulas de técnica vocal. Esta é a sua única fonte de renda.

1.1.2 Samuel: desemprego é passageiro

Samuel 20 anos, ensino médio completo, desempregado há sete meses. Sua primeira experiência de emprego foi aos 16 anos, como embalador, sem registro em carteira. Com quase 18 anos, foi contratado para trabalhar em uma vidraçaria, com registro em carteira, onde permaneceu por 01 ano e 03 meses. Samuel fica desempregado em virtude da mudança de endereço da empresa na qual trabalhava, para outra cidade. Alguns de seus colegas de trabalho, a fim de não perderem o emprego, optaram por viajar todos os dias para a nova sede da empresa, mas Samuel não concordou e foi demitido. Sobre a sua experiência de desemprego, relata que não foi uma coisa ruim.

Como aconteceu, eu não vejo como uma coisa ruim. Não estava legal o serviço, eu estava querendo sair. Eu vejo o desemprego como uma coisa normal. Quem sabe, de outras maneiras, ficaria preocupado, talvez numa cidade ou num lugar que quase não tivesse emprego, que quase não tivesse oportunidade, ou se eu não tivesse acabado o primeiro grau, ter aquele risco de não conseguir outro emprego (SAMUEL, 2006).

Samuel relata que neste período de desemprego, vários irmãos da igreja ofereceram trabalho para ele, como pintor, ajudante de pintor, ajudante de eletricitista, ajudante de padaria. Entretanto, não pôde aceitar nenhuma oferta, pois estava comprometido com os cuidados de uma sobrinha até o final do ano de 2006. Pelas oportunidades que surgiram, imagina que vai ficar desempregado por pouco tempo. Segundo Samuel, comumente ele recorre a Deus em oração pedindo sua direção. Nas suas palavras,

Eu sempre peço a direção dele, que abra as portas como Ele quer. Às vezes a gente não entende os planos que Ele tem para a nossa vida. Eu peço assim, como se Ele fosse o meu pai mesmo, eu estivesse conversando com ele e pedindo para ele direção. Às vezes a gente quer escolher alguma coisa e não vê, lá na frente, o que pode acontecer e Ele sabe todas as coisas, Ele conhece... eu acho que é pedir mesmo, com coração sincero e pedir direção, na profissão, em tudo na vida... e, Ele dirige, às vezes acontece coisa na nossa vida que a gente não entende e é tudo permissão dele (SAMUEL, 2006).

Sobre as estratégias de sobrevivência, Samuel responde que está utilizando o seguro-desemprego, que passou a receber três meses após a demissão. Questionado sobre o que vai fazer quando acabar o seguro, responde que vai conseguir emprego, disso parece ter certeza, mas se não o encontrar, pretende fazer cursos para montar um negócio próprio.

Relata, ainda, que recebeu propostas para trabalhar no período que vai para a igreja, mas segundo ele, são propostas que não compensam.

Eu não gostaria de trabalhar assim, porque trabalhei. Na vidraçaria, no começo, eu trabalhei um tempo que só poderia ir final de semana na igreja. Aí, no dia da semana vai acontecendo as coisas da vida e a gente acaba relaxando um pouco, se a gente não está todo dia, assim, na presença de Deus [...] a gente vai relaxando um pouco e... até eu fiquei 1 mês quase, sem ir na igreja, mas Deus deu forças de novo. Se acontecesse assim, primeira coisa, eu iria orar, pedir a direção de Deus, ver se era, quem sabe, aquela porta mesmo que ele abriu. Às vezes a gente não entende mesmo. Às vezes a gente quer escolher, mas ele abre as portas assim. Tem casos de pessoas que trabalharam num serviço que não poderiam ir no culto, mas aí mudaram de turno e estão bem na empresa, cresceram bastante. Eu acho que eu iria conversar com o meu pastor, com os meus líderes, pedir uma direção, um auxílio (SAMUEL, 2006).

Samuel sonha com um emprego com jornada de trabalho reduzida, de modo a assegurar a frequência à igreja durante a semana.

No que diz respeito ao trabalho, Samuel relata que ouviu dizer que “dignifica o homem”. Para ele,

Trabalho é uma coisa boa, sim. O que a gente pensa mais... é uma forma de renda. Trabalho, para mim, é uma coisa boa e também não é. Hoje em dia, o trabalho toma muito [tempo] a gente... a gente que quer ganhar muito dinheiro, ele toma muito tempo nosso, às vezes nós não conseguimos dividir o tempo para tudo, mas o trabalho é uma coisa boa, sim. O trabalho dignifica porque no trabalho a gente aprende muitas coisas. Aprende a conviver com as pessoas, pessoas diferentes, aprende a lidar, aprende a ter relacionamentos com outras pessoas, com clientes, com tudo (SAMUEL, 2006).

Em relação ao desemprego, afirma que, no caso dos jovens, a falta de experiência é um obstáculo para o ingresso no mercado de trabalho. Nas suas palavras:

Às vezes tem serviço, mas eles pedem experiência. Muitas profissões eles pedem experiência. O jovem, como está começando, às vezes não trabalhou naquilo, eles pedem com experiência. São poucos os serviços que não pedem experiência, aí os jovens ficam sem. Que seja um ano de experiência, os jovens não têm. Às vezes, falta qualificação também. Como eu, não fiz nenhum curso de qualificação (SAMUEL, 2006).

Para Samuel, a qualificação aumenta as possibilidades de absorção pelo mercado de trabalho, embora conheça pessoas qualificadas que estão desempregadas; mas ele acredita que Deus interfere neste processo, conforme a sua vontade. De acordo com o seu depoimento,

Deus tem um plano para cada pessoa. [...] Às vezes, a gente escolhe o que é melhor para a gente e Deus permite, permite, mas não seria a vontade que Ele tem para a gente, dos planos que Ele teria. [...] Às vezes a gente está desempregado aí surge uma oportunidade para a gente trabalhar. Às vezes a gente vai num lugar, deixa o currículo e o pessoal diz: não tem vagas. Mas, com o tempo, abre a vaga. Eu acho que portas que Deus abre são oportunidades. Da maneira que ele quer (SAMUEL, 2006).

Na semana seguinte à entrevista, Samuel foi contratado para trabalhar em uma loja de utilidades. Em janeiro de 2007, após o término da pesquisa, fizemos novo contato com o jovem, que relatou que está desempregado novamente.

1.1.3 Jaqueline: desemprego sem carteira de trabalho assinada

Jaqueline, 26 anos, mãe, estudante universitária, desempregada há três anos. Começa a trabalhar aos 14 anos, num comércio da sua família. Filha de militar, nascida em São Paulo, em uma das transferências de cidade trabalha como corretora de imóveis. Sobre sua trajetória no emprego, relata: *“Eu só tive emprego sem carteira registrada, trabalhei com vendas”* (JAQUELINE, 2006).

A respeito da sua experiência de desemprego, relatou que tomou a decisão de parar de trabalhar porque queria voltar a estudar, além de ter mais tempo para o seu filho.

Para mim, o futuro está no estudar. Agora, eu tentei arrumar um emprego fixo, mas dentro da minha área. Acabando, não deu certo! Eles falam que está muito cedo. Por causa do nível de escolaridade, muito pouco. Então tem que esperar a chance para mais tarde (JAQUELINE, 2006).

Para Jaqueline, logo após o nascimento do seu filho, o desemprego foi “sufocante”, pois não podia tomar decisões por si própria. Contudo, acredita que sua decisão foi acertada, pois precisava passar um tempo com seu filho, além de estar se qualificando para ingressar no mercado de trabalho, que na sua concepção, lhe garantiria um bom futuro.

Às vezes, o meu pai, por ansiedade, fica dizendo: você precisa trabalhar. Mas, às vezes ele se acalma e fala: tudo bem, você está estudando, é bom fazer isso com calma. Também tem o lado que eu preciso ter um pouco de tempo para o meu filho, se eu trabalhar e estudar junto, ele vai ficar totalmente à parte. Quem não sabe o que se passa no meu dia-a-dia, acha que eu estou folgada. Ah, ela só está estudando... mas as pessoas não sabem que estudar, pelo menos o meu curso [Química], tem que ter um pouco de dedicação, não é uma coisa fácil. Então o pessoal fica cobrando, quando você vai arrumar um serviço? Ter sua própria vida... Para mim, assim, é só uma questão de paciência, eu terminar o meu curso, tranqüila, eu sei que eu estou me esforçando para ter um bom futuro (JAQUELINE, 2006).

No que diz respeito às estratégias de sobrevivência durante o desemprego, Jaqueline relata que tanto ela como o filho, dependem exclusivamente do seu pai. Desta forma, dá prioridade para a satisfação das necessidades da criança. *“Para mim, o que eu tenho priorizado é o estudo porque é o futuro para mim e para ele”* (JAQUELINE, 2006).

Jaqueline afirma que comentou com amigos na igreja sobre o seu desemprego, solicitando que ficassem alerta para o surgimento de alguma oportunidade de emprego, contudo, nunca obteve resposta. Também chegou a pedir ajuda a Deus

Fui várias vezes procurar ajuda neste sentido de orar a Deus. Teve um período, logo que eu vim aqui para Blumenau, foi pela fé, porque meus pais não tinham dinheiro, eles estavam em Curitiba, eu só tinha dinheiro para a matrícula [da faculdade], o resto tinha que me virar. Eu comecei a ir à igreja e tive uma resposta, aqui na universidade, os professores me convidaram para fazer pesquisa e isso me ajudou a ter desconto na mensalidade. Eu atribuo sim [à Deus] porque na universidade eu não cheguei a vir e falar: 'estou precisando'. Bem no início, eu não comentei com ninguém o que eu estava passando. Eu só fui à igreja e acho que foi Deus que me respondeu, eu acredito que sim (JAQUELINE, 2006).

Durante o período de desemprego, Jaqueline procura colocação no mercado de trabalho, contudo, enfrenta dificuldades devido ao seu grau de instrução. Segundo o seu depoimento, para algumas vagas para as quais se candidatou a escolaridade era superior ao requerido, para outras, não atendia o requisito mínimo. Nas suas palavras:

Cheguei a fazer umas 15 entrevistas. Todas elas eu escutei a mesma coisa: olha, para a vaga que você está se propondo você tem muita... tua formação não é para isso, você tem que procurar coisa melhor. As outras vezes, em outros casos: para essa vaga você não preenche os requisitos, então você vem aqui mais tarde. Para estágio, eles queriam alguém que já tivesse se formando. Os requisitos era que tivesse no máximo segundo grau, porque eram trabalhos em empresas para trabalhar na produção, coisas técnicas, que não precisavam de muito conhecimento. Como eu sempre tive a experiência do "não", nessa área, então, fui procurar coisa na minha área, procurar estágios em química, aí eu sempre ouvia: vem aqui quando estiver no penúltimo semestre (JAQUELINE, 2006).

Em relação ao trabalho, para Jaqueline, a primeira frase lembrada que lhe vem à cabeça é: "digno é o trabalhador que come o fruto do seu trabalho". Além disso, relata sua experiência pessoal a fim de exemplificar a afirmação:

Quando eu trabalhei, tinha meu dinheiro, eu me sentia bem, digna, porque eu trabalhei e aquilo para mim era o resultado. É uma satisfação, eu me sinto útil, não só para mim, mas para a sociedade. Nunca tive problemas com ninguém, sempre respeitei e fui bem respeitada. [...] Mesmo desempregada, eu me sinto uma pessoa digna porque ser digno quer dizer: você não roubou, não tirou nada de uma pessoa para se manter, você fez algo legal. Eu me sinto muito bem, eu estou num momento de preparação para o meu trabalho. A universidade não só trabalha para o ser humano pensar, mas para ele também ir para o mercado de trabalho (JAQUELINE, 2006).

Jaqueline também faz ponderações acerca das relações estabelecidas no mercado de trabalho. Segundo o seu depoimento:

Olham para você, como se você fosse o dinheiro. Você tem que fazer dinheiro, você tem que produzir dinheiro. É uma relação que não é humana, uma relação bem ambiciosa, a minha experiência foi essa. As reuniões que a gente fazia, para ver como estava indo, a pergunta era quanto você estava fazendo de dinheiro essa semana. Aí tinha lá as metas, você tem que alcançar 10 mil/dia, porcentagem, 5, 15, 20. Você tem que ser frio. Porque se começar a se emocionar, não dá certo. Tem que ser frio, calculista, pensar em muito dinheiro, senão não chega lá. Eu não acho isso uma coisa legal, porque a vida não é só isso. A vida tem momentos bons e ruins, mas o que a gente tem que ter a base, é o amor. Porque uma hora falta trabalho e se não está bem relacionado com as pessoas, com a família, você está ferrado (JAQUELINE, 2006).

Sobre o desemprego, faz as seguintes considerações:

Logo que a gente pensa em desemprego, pensa em desespero. O desemprego vai trazer limitações. Você não pode pensar em comprar uma roupa, você não pode pensar em sair, é uma vida limitada, uma vida triste, sem nada, quando você não tem ajuda de ninguém. É a pessoa sem vida, você não consegue viver sem emprego. [...] Como eu recebo ajuda do meu pai, eu não me sinto uma pessoa desempregada super-necessitada. Mas, se eu não tivesse a ajuda deles, eu ia estar numa situação bem deprimente (JAQUELINE, 2006).

Para Jaqueline, o desemprego é temporário. Ela acredita que ao terminar a faculdade não terá dificuldades para inserção no mercado de trabalho.

1.1.4 Raquel: desemprego é social

Raquel, 25 anos, secretária executiva bilíngüe, pós-graduada, está desempregada há 1 ano e 8 meses. Trabalhava como secretária executiva em uma empresa de pequeno porte, onde teve início sua trajetória de emprego, como estagiária, por ocasião do estágio curricular obrigatório do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe. Graduada, Raquel foi efetivada na mesma empresa. Em 2005, foi demitida.

A empresa não alegou coisa nenhuma, simplesmente me demitiu. Na minha opinião, o gerente tinha muita dificuldade de trabalhar com pessoas que não faziam tudo em função da opinião dele. Então, ele demitiu a mim, a uma moça que era assistente no financeiro e uma vendedora (RAQUEL, 2006).

Raquel relata que enquanto está desempregada conta com auxílio financeiro do marido, além de ter feito uso do seguro-desemprego e FGTS. A jovem relata que nos seis primeiros meses não procurou trabalho, pois estava finalizando o curso de especialização, em etapa de conclusão da monografia, além de estar organizando seu casamento. Concluída a especialização e realizada a cerimônia de casamento, em outubro de 2005 muda para Ibirama, onde passa a procurar emprego.

Infelizmente o mercado daquela região é muito pequeno e não consegui nada; exceto uma possibilidade de lecionar num curso técnico não reconhecido, que não se concretizou (RAQUEL, 2006).

Segundo o depoimento de Raquel, inicialmente o seu desemprego foi uma coisa boa, todavia, com o passar do tempo, devido às pressões sociais, se transformou em motivo de frustração. Para ela,

Eu gostei de ter sido demitida. Depois eu fiquei meio à toa, eu não conseguia me encontrar, eu não tinha muito que fazer. Eu procurei trabalho, eu mudei para uma cidade menor, eu não encontrei trabalho, então, eu me sentia um pouco frustrada por não conseguir trabalhar. Quando você conhece uma pessoa, logo depois do seu nome a pessoa pergunta: e o que você faz? No meu caso, eu sou secretária, mas eu não faço nada no momento [embargo de voz], trabalho de empregada doméstica. A maneira como a sociedade vê uma pessoa desempregada, é como se a pessoa tivesse feito isso por querer ou estivesse fazendo uma coisa errada, como se ela tivesse cometido um erro: estar desempregada (RAQUEL, 2006).

Em novembro de 2006, Raquel e seu esposo mudam para Curitiba, cidade na qual vislumbra melhores possibilidades de emprego na sua área.

Eu já enviara alguns currículos para empresas internacionais dali e não tive resposta positiva; ressalte-se que tive resposta! Imediatamente após a chegada a Curitiba, enviei vários currículos e fiz cadastro em diversos sites. Cadastrei-me em aproximadamente 15 sites de recursos humanos – locais e regionais, além de uns 10 cadastros feitos diretamente em sites de empresas que mantêm seu próprio banco de dados. Também respondi a uns 5 ou 6 anúncios de jornal por semana – isso no primeiro mês, de 15/11 a 15/12. [...] Entre todo esse trabalho, consegui apenas 4 entrevistas com as empresas de RH e 6 entrevistas com empregadores potenciais. Foram 4 oportunidades, em duas delas, fiz duas entrevistas para o processo de seleção. Nesse momento, considero que ainda estou participando de duas concorrências. Quanto aos dois outros, apesar de não ter tido nenhum retorno, suponho que tenham sido encerrados. Emocionalmente essa procura é estressante e pode trazer mais frustração do que qualquer outro sentimento. As entrevistas normalmente duram todo um período – ou manhã, ou tarde – e podem ser somadas a testes e mais testes, dos quais nunca recebo os resultados (RAQUEL, 2006).

Raquel salienta que embora a situação de desemprego seja desestimulante, neste período teve a oportunidade de estudar, conhecer pessoas, além de estar utilizando o “tempo livre” para repensar suas atitudes em relação às pessoas, seus propósitos de vida, seus objetivos pessoais e profissionais, além do seu planejamento estratégico.

Perceber como as pessoas podem ser solidárias, ou não, a uma situação constrangedora como essa [de desemprego] também é muito interessante. Eu mesma nunca tive o hábito de me dispor a ajudar desempregados, somente dava uma ajuda caso as pessoas me pedissem. Hoje eu já faço diferente, eu me esforço para ajudar. Por exemplo, quando eu procuro ofertas de emprego para mim, procuro, também, para outras pessoas que estão desempregadas ou que procuram uma oportunidade melhor (RAQUEL, 2006).

Conforme o relato de Raquel, em que pese tenha procurado diversas pessoas para compartilhar a experiência de desemprego, na tentativa de uma recolocação no mercado, nunca procurou a igreja, na figura dos seus representantes.

Eu procurei pessoas da Universidade, amigos que trabalham em empresas, com ‘cargos-chave’, que pudessem me indicar; mas nem me passou pela cabeça procurar a liderança [da igreja], mesmo porque é bem descontextualizado. Como nunca citou esse assunto, jamais passou pela minha cabeça procurar alguém para discutir isso (RAQUEL, 2006).

Contudo, a entrevistada relata que costuma recorrer à oração, pois crê que Deus direciona as pessoas, sabe o que é melhor para elas. Em sua opinião, a direção de Deus se expressa da seguinte maneira:

Por meio de sentimentos, de você conhecer uma determinada empresa ou imaginar um perfil de um cargo, você gostar daquilo, você querer aquilo; e os fatos, você de repente consegue uma entrevista, uma indicação, isso, na minha opinião, também faz parte do guiar de Deus.[...]Estar perceptivo às coisas que acontecem ao seu redor, com você e dentro de você é uma maneira de escutar a voz de Deus (RAQUEL, 2006).

Questionada se a sua situação de desemprego faz parte da vontade de Deus, Raquel responde o que segue:

Eu penso que nós somos responsáveis pelas nossas decisões, não é Deus que define, somos nós que decidimos, mas eu penso que Deus pode nos ajudar a decidir. De certa maneira, você parar, refletir, meditar, coisas que muitas outras pessoas fazem mesmo que não creiam em Deus, fazem parte desta vontade (RAQUEL, 2006).

Raquel credita o desemprego à constituição social, isto é, ao crescimento populacional, reestruturação produtiva, “consequência de decisões políticas e econômicas” (RAQUEL, 2006).

2 OS ECOS DO PENTECOSTALISMO

Pastores e adeptos à ADBLU apresentam um *ethos* cunhado por padrões éticos cristãos apregoados pela Reforma Protestante. Nesta perspectiva, o trabalho é concebido como instituição divina e adquire o predicativo de objetivo de vida; a ele são associados sentimentos como dignidade, utilidade social, bem-estar, entre outros. A moral do trabalho encontra eco em várias gerações e sua reprodução enfática a mantém firme nos dias atuais.

Em vista disto, para os líderes da ADBLU a filiação religiosa figura como fator de empregabilidade, uma vez que, para eles, os evangélicos cultivam determinadas características favoráveis ao mercado, tais como subserviência, fidelidade, honra, entre outras. Sendo assim, segundo o pastor Nilton dos Santos, os empregadores deveriam preferir contratar trabalhadores crentes, pois estes iriam cumprir de maneira exemplar suas obrigações, além de abençoar o local de trabalho e aumentar a produtividade.

Nós temos sido procurados por diversas pessoas querendo crente para trabalhar. Principalmente, várias pessoas por semana, para empregada doméstica. As patroas, a família, procurando na igreja moças ou senhoras crentes, para trabalhar na sua casa. Porque já tiveram alguém que trabalhava ou souberam através de informações de outros... Porque a crente vai trabalhar, vai cumprir o seu horário lá, não tem essa questão de folia, de querer fazer o serviço logo porque quer ir para um baile, quer sair para isso, sair para aquilo. [...] nós normalmente somos procurados porque as pessoas confiam, porque é crente. Ele não vai roubar, não vai mexer nas coisas alheias, o crente tem que ser uma pessoa de confiança. Se não está podendo confiar nele, é porque ele não está seguindo a verdade da bíblia. Se ele seguir a verdade da bíblia, sem dúvida, vai ser o melhor empregado e, sem dúvida, aonde ele for a firma vai ter produção, a firma vai ser abençoada. Porque o crente, aonde ele coloca as mãos ele diz: Deus, abençoa, abençoa esta firma, abençoa o meu serviço para que tudo funcione corretamente. Isso é o que nós ensinamos e o que a bíblia ensina (SANTOS, N, 2006).

O pastor Lalana (2006) acredita que o mercado de trabalho seja mais amplo para os evangélicos. A fim de ilustrar sua afirmação, dá o seguinte depoimento:

Para você ter uma idéia, há uns quinze anos, em Chapecó, tinha uma empresa que tinha prazer em empregar evangélicos. Porque o evangélico não rouba, chega cedo, não falta, é responsável, isto é um exemplo de padrões éticos cristãos, não é uma regra, vai ter exceções. De um modo geral, o mercado de trabalho para o evangélico eu creio que ele é bem mais amplo. Se você falar que é evangélico, vai ter mais chance de trabalhar, justamente por este comportamento que o cristão tem (LALANA, 2006).

Entretanto, os jovens aparentam ter consciência de que este não é o fator principal para a conquista do emprego. Para Jaqueline, as qualidades do evangélico têm peso no momento da contratação, contudo, primeiro o trabalhador deve oferecer resultados ao empregador. Segundo o seu depoimento,

Eles olham se você dá resultado, se é interessante para ele. Quando o cristão demonstra que ele é fiel aos seus princípios, no caso, respeitar, falar somente a verdade, que não vai ficar fazendo trapaça, ele sabe que o empregado não vai roubar o patrão, acho que isso é um fator que pesa, sim (JAQUELINE, 2006).

Já, para Raquel, não há preferência dos empregadores por trabalhadores crentes. Nas suas palavras:

Eu fiz várias entrevistas neste tempo que eu estou desempregada e ninguém questionou a minha fé, minha religião, a minha crença, qualquer coisa no sentido espiritual. As pessoas se limitam a saber o seu currículo, a sua capacitação profissional e questões de personalidade (RAQUEL, 2006).

Um levantamento de informações nas principais agências de emprego em Blumenau corrobora com a afirmação da jovem entrevistada. Foram acessados formulários para preenchimento de currículos on-line em 09⁷⁴ agências vinculadas à Associação Brasileira de Recursos Humanos em Blumenau – ABRH/BNU e constatado que apenas 01 agência apresentou um campo denominado “observações/habilidades”, no qual constavam as seguintes orientações: utilize este campo para descrever dados como: altura, peso, religião, disponibilidade para viagens, horários, trabalhos free lancer, entre outros. Ao que parece, para o mercado, o quesito religiosidade não ecoa como fator de empregabilidade.

Não obstante, a moral do trabalho permite, ao mesmo tempo, a cunhagem de uma identidade positiva daquele que trabalha e negativa daquele que não exerce trabalho, como o que foi externado pelo entrevistado Samuel: *“Estando no trabalho a gente não encontra tempo para pensar em outras coisas, talvez besteiras... como pessoas que não trabalham e roubam”*. Para este grupo, o certo, o digno, é trabalhar, (re)produzir a própria existência por meio do trabalho. Nas palavras do pastor Lalana, prover a própria existência por meio do trabalho é uma questão de compromisso com Cristo e a igreja.

⁷⁴ RH Brasil; DP empresarial; Gelre; Dimensão Empresarial; Chance Master; Mega Empresarial; Vipper Talentos; Cathos do Brasil; Arbeiten.

Como que ele [o jovem] vai mostrar a diferença se ele está desempregado, não tem profissão, não tem um alvo? Para ele mostrar diferença, precisa ter um objetivo de vida, uma profissão, um emprego. A religiosidade vai impulsionar ele a fazer a diferença: eu sou um jovem cristão, então, automaticamente eu tenho que trabalhar (LALANA, 2006).

A relação orgânica estabelecida entre cristianismo e trabalho faz parecer que tudo se resume a uma profissão de fé, um compromisso com o credo, como se isto garantisse a inserção e/ou permanência do cristão no mercado de trabalho.

Em contraposição ao aspecto positivo do trabalho, expressões como “desespero”, “não ter o que fazer”, “frustração”, “tristeza” são comuns entre os jovens entrevistados, mediante as pressões sociais sofridas para sair do desemprego. Além disso, por meio do depoimento dos pastores da ADBLU identificamos uma tendência à atribuição de responsabilidade individual pelo desemprego, que torna nítida a distinção que estes líderes fazem do “desemprego” e do “estar desempregado”: aquele, inevitável; este, a depender do trabalhador. Sob esta perspectiva, na iminência do desemprego, o trabalhador é reconhecido, pela primeira vez, como sujeito da sua história: sujeito do seu fracasso; sujeito da sua falta de vontade; sujeito da sua falta de qualificação, dentre outras coisas. Sendo assim, o homem pode ser alienado do seu trabalho, do produto do seu trabalho, da sua consciência, mas jamais o será do seu desemprego.

Segundo Furtado (2004), em virtude da falta de compreensão do processo que estão vivendo muitos trabalhadores adoecem (geralmente apresentando quadro depressivo). Para este autor, a personalização do efeito do desemprego no próprio trabalhador leva-o a se representar como incompetente ou como figura descartável ou desatualizada (FURTADO, 2004). Isto geralmente acontece quando o trabalhador não se dá conta de que é sujeito do processo de (re)produção da vida social. Nestes casos, o trabalho, enaltecido pela ideologia religiosa, parece ser a única alternativa plausível para uma redenção dignificante.

Contudo, conforme dados disponibilizados pela OIT, IBGE e DIEESE, o mercado tem se mostrado cada vez mais hostil, repelindo quantidade significativa de trabalhadores. No caso dos jovens da ADBLU, 20,8% ficaram de fora deste mercado, porque esta é a lei geral da acumulação capitalista⁷⁵. Frente a esta realidade, observamos a busca pela religião como apoio e uma possibilidade de enfrentamento, via Transcendente, às questões da cotidianidade.

⁷⁵ Segundo Marx (1998), a magnitude relativa do exército industrial de reserva cresce com as potências da riqueza. Quanto maior o exército de reserva em relação ao exército ativo, maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplício de seu trabalho.

3 MATERIALIDADE QUE MOVE O MUNDO: O DEBATE MARXISTA SOBRE IDEOLOGIA, TRABALHO E DESEMPREGO

A anulação da consciência humana e a liberdade do homem constituem o preço pago pela civilização e conforto desfrutados por uma minoria de pessoas (BASBAUM, 1982).

Para Marx, religião é ideologia, é ópio de que o homem precisa para suportar a miséria real. Diametralmente oposto a Weber, para o qual as idéias movem o mundo, Marx afirma que as idéias contêm materialidade, ou seja, o que move o mundo não são as idéias, mas a materialidade. De acordo com este autor, ideologia é resultado do desenvolvimento da produção material dos homens e das suas relações materiais. Nisto incide sua crítica aos filósofos alemães, evidenciando os limites da formulação que desce do céu para a terra, ou seja, parte da consciência como sendo o indivíduo vivo. Nas palavras de Marx e Engels (1972, p. 84):

Não se parte do que os homens dizem, imaginam, se representam, nem sequer do que são em palavras, em pensamento, imaginação ou na representação de outrem, para chegar depois aos homens de carne e osso; não, parte-se dos homens na sua atividade real; é segundo o seu processo de vida real que se representa também o desenvolvimento dos reflexos e dos ecos ideológicos desse processo vital.

Na sua “Crítica da filosofia do direito de Hegel” Marx (1972b) afirma que a religião é produto do homem. É a consciência e o sentimento de si que o homem que ainda não se encontrou, ou se perdeu, possui. Este homem não é um ser abstrato, ele é o “*mundo do homem*”, o Estado, a sociedade. De acordo com Marx (1972b, p. 46), “Este Estado, esta sociedade, produzem a religião, *uma consciência invertida do mundo*, porque são um mundo invertido”. Para o mesmo autor, “mesmo as fantasmagorias do cérebro humano são sublimações resultando necessariamente do seu processo de vida material, que pode observar-se empiricamente e que repousa sobre bases materiais” (MARX; ENGELS, 1972, p. 85). Portanto, não são as idéias que transformam a materialidade, pelo contrário, as idéias são por ela transformadas.

3.1.1 Transformações na materialidade do trabalho

N'O Capital Marx evidencia as transformações na materialidade, sendo uma delas a emergência da força de trabalho livre, pressuposto do capital. Nesta direção, assinala o duplo caráter trabalho: como gerador de valores de uso e como gerador de valores de troca. Ao primeiro, chamou trabalho concreto. Por meio desta atividade, o homem produziu, num determinado tempo histórico, apenas seus meios de subsistência, que só têm valor para o uso e se efetivam apenas no processo de consumo. Todavia, ao longo da história do processo de produção a essência do trabalho mudou: de gerador de valores de uso passou a gerador de valores de troca, ou seja, trabalho concreto convertido em trabalho abstrato. Este processo ocorreu concomitante à emergência da propriedade privada.

A geração de valores de troca pressupõe a existência de terceiros, com os quais o homem troca o que produziu em excesso ou que não necessita, mas que o outro necessita. Contudo, dada a diferença de grandeza existente entre diversos valores de troca, era preciso destacar o modo de ser quantitativo do trabalho, ou seja, o tempo de trabalho empregado na sua produção. Neste momento o homem começa a valorizar o seu trabalho em relação ao trabalho do outro; os valores de uso passam a valer pela quantidade de trabalho exigida para a sua produção; para efetuar uma troca justa é preciso calcular quanto (em tempo de trabalho) vale o produto.

Para Marx (1982, p.33), o tempo de trabalho é o modo vivo de ser do trabalho, indiferente à sua forma, ao seu conteúdo, à sua individualidade:

é o seu modo vivo de ser como quantidade, ao mesmo tempo que é sua medida imanente. O tempo de trabalho objetivado nos valores de uso das mercadorias é tão exatamente a substância que os torna valores de troca, e daí mercadorias, como também mede sua grandeza determinada de valor. As quantidades correlativas de diversos valores de uso nos quais se objetivou o mesmo tempo de trabalho são equivalentes, isto é, todos os valores de uso são equivalentes nas proporções em que contêm o mesmo tempo de trabalho acabado, objetivado. Como valor de troca, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho coagulado.

Desta forma, convertidos em valores de troca, ou mercadorias, diversos valores de uso cobrem-se uns aos outros em quantidades determinadas, “substituem-se entre si na troca, valem como equivalentes” (Marx, 1982a, p. 32).

Para Marx (1998), a mercadoria é força de trabalho objetivada; força de trabalho o que cria valor de troca. O modo específico em que o trabalho produz mercadorias é trabalho

social. Isso quer dizer que o mundo da mercadoria pressupõe uma divisão do trabalho. Esta, segundo Marx e Engels (1973), acarretou a separação do trabalho industrial, comercial e agrícola, provocando a separação entre a cidade e o campo e a oposição dos seus interesses; ao mesmo tempo, acentuou a separação do trabalho comercial e do trabalho industrial; promoveu subdivisões dentre indivíduos que cooperam em determinados trabalhos; impôs ao homem um círculo determinado e exclusivo de atividades, do qual não pode sair se não quiser ver-se privado dos meios de vida; condicionou tais subdivisões à modalidade de exploração do trabalho (agrícola, industrial e comercial); e, o que é mais importante, ratificou o processo de dissociação entre o produtor, a propriedade dos meios de produção e o produto. Cada novo estágio da divisão do trabalho determinou e ainda hoje determina, ao mesmo tempo, relações dos indivíduos entre si, no tocante às coisas, instrumentos e produtos do trabalho. Em síntese, a divisão do trabalho torna claro “quem é quem” no processo de produção, ou seja, quem trabalha e quem detém os meios de trabalho; quem produz e quem se apropria do produto. Para Marx (1998b, p. 665), “a separação entre o produto do trabalho e o próprio trabalho, entre as condições objetivas do trabalho e a força subjetiva do trabalho, é o fundamento efetivo, o ponto de partida do processo de acumulação capitalista”.

Segundo o mesmo autor, no processo de produção capitalista, por um lado, há transformação da riqueza material em capital; por outro lado,

o trabalhador sai sempre do processo como nele entrou, fonte pessoal de riqueza, mas desprovido de todos os meios para realizá-la em seu proveito. Uma vez que, antes de entrar no processo, aliena seu próprio trabalho, que se torna propriedade do capitalista e se incorpora ao capital, seu trabalho durante o processo se materializa sempre em produtos alheios. [...] o próprio trabalhador produz, constantemente, riqueza objetiva, mas sob a forma de capital, uma força que lhe é estranha o domina e explora [...] (MARX, 1998b, p. 665-666).

Como vimos, a força de trabalho é que produz valor de troca, entretanto, como ela só pode produzir valor articulada a outras forças produtivas, das quais o trabalhador não dispõe, é preciso convertê-la, igualmente, em mercadoria. Assim, o homem, que neste momento já está alienado do trabalho, aliena também a sua força de trabalho a outro, torna-se assalariado. Desta forma, 01 dia de trabalho é igual a 01 quantidade X de salário.

3.1.2 O trabalho assalariado e o exército industrial de reserva

A condição de assalariado demora bastante tempo para se impor. Para Castel⁷⁶ (1998) durante muito tempo, na história do processo de produção humana, a condição de empregado assalariado nada tinha de dignificante⁷⁷. De acordo com o mesmo autor,

Alguém era um assalariado quando não era nada e nada tinha para trocar, exceto a força de seus braços. Alguém caía na condição de assalariado quando sua situação se degradava: o artesão arruinado, o agricultor que a terra não alimentava mais, o aprendiz que não conseguia chegar a mestre (CASTEL, 1998, p.21).

Conforme este autor, “estar ou cair na condição de assalariado era instalar-se na dependência, ser condenado a viver ‘da jornada’, achar-se sob o domínio da necessidade” (CASTEL, 1998, p. 21-22).

Contudo, no decorrer da história da produção humana, o trabalho passa por um processo de valorização e conversão de constrangimento em virtude. Segundo Castel (1998, p. 226), essas transformações do trabalho afetaram profundamente a condição laboriosa: na sociedade do capital, “o trabalho é reconhecido como a fonte da riqueza social”. O trabalho que era, ao mesmo tempo, uma necessidade econômica e uma obrigação moral para os que nada têm, o antídoto contra a ociosidade, o corretivo para os vícios do povo, precisava ser visto com outros olhos, o trabalho demandava “liberdade”: liberdade de trabalho. Isto implica a destruição do trabalho regulado e do trabalho forçado (CASTEL, 1998). Entretanto, a produção marcada pela feudalidade era um entrave. Tem início, então, o processo de “liberalização do trabalho”, que não ocorreu de forma pacífica. De um lado lutavam os liberais que exaltavam as virtudes da racionalidade do capital, razão pela qual propunham a destruição de todo e qualquer entrave à livre e plena mobilização do capital (AUED, 1999); lutavam pela queda do feudalismo. De outro, os aristocratas e com eles a Igreja Católica, pela sua manutenção. Venceram os primeiros.

⁷⁶ Em que pese este autor compartilhe de outra orientação metodológica, sua abordagem é esclarecedora da condição dos assalariados no século XIX.

⁷⁷ Não é demais lembrar que no primeiro milênio da história da humanidade o exercício do trabalho era considerado constrangedor, pois era designado aos escravos. Na Grécia Antiga e parte da Idade Média, trabalhavam os não-cidadãos, aqueles que necessitavam prover às necessidades da vida (POCHMAN, 2004). No feudalismo, da mesma forma, os nobres não trabalhavam, o trabalho era exercido por vassallos, pela criadagem e pelos escravos. O trabalho era entendido como castigo. O trabalho forçado também foi uma das saídas encontradas para o problema da vagabundagem⁷⁷. Nas prisões ou nas colônias, era “um meio de purgar o reino da mendicância”, tornando os vagabundos ‘úteis ao Estado’” (CASTEL, 1998, p.125).

Com a instituição da sociedade de homens livres – das relações sociais que lhes garantiam o sustento e dos meios de produção (KOIKE, 1993) – passa a vigorar o emprego na forma assalariada. O trabalho assalariado passa de atividade degradante a atividade dignificante e atinge o estatuto de principal fonte de renda e de proteções.

Para Marx (1998b, p.45), a relação entre capitalista e assalariado se estabelece quando “as condições para materialização da força de trabalho, os meios de subsistência e os meios de produção, estão separadas do detentor da força de trabalho”. Segundo Marx,

[...] a produção capitalista de mercadorias se torna um modo de exploração que marca uma nova era e que, em seu desenvolvimento histórico, através da organização do processo de trabalho e dos gigantescos progressos da técnica, revoluciona toda a estrutura econômica da sociedade e ultrapassa incomparavelmente todos os períodos anteriores (MARX, 1998a, p.50).

N’O Capital Marx afirma que com o trabalho sob a forma assalariada e os meios de produção sob a forma de capital, aparece uma parte do valor (produto) como mais-valia, ou seja, lucro. O mesmo autor afirma que a mais-valia pode ser dividida em “absoluta” e “relativa”. A primeira forma resulta da extensão da jornada de trabalho. A mais-valia relativa resulta da potenciação da produtividade da força de trabalho. Um dos meios de potenciar a produtividade é introduzindo máquinas. Nisto incide o caráter revolucionário do capitalismo, ao qual se referem Marx e Engels no “Manifesto do Partido Comunista”, quando afirmam que “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção [...]” (MARX; ENGELS, 2001, p. 33). Marx alerta, ainda, que todos os métodos para levar à produtividade do trabalho coletivo são aplicados às custas do trabalhador individual.

Todos os meios para desenvolver a produção redundam em meios de dominar e explorar o produtor, mutilam o trabalhador, reduzindo-o a um fragmento de ser humano, degradam-no à categoria de peça de máquina, destroem o conteúdo de seu trabalho transformado em tormento; tornam-lhe estranhas as potências intelectuais do processo de trabalho, na medida em que a este se incorpora a Ciência como força independente, desfiguram as condições em que trabalha, submetem-no constantemente a um despotismo mesquinho e odioso, transformam todas as horas de sua vida em horas de trabalho e lançam sua mulher e seus filhos sob o rolo compressor do capital. Mas todos os métodos para produzir mais-valia são, ao mesmo tempo, métodos de acumular, e todo aumento da acumulação torna-se, reciprocamente, meio de desenvolver aqueles métodos (MARX, 1998b, p. 749).

Portanto, na medida em que se acumula o capital, na medida em que se produz mercadorias excedentes, tende a piorar a situação do trabalhador, tende a aumentar o exército industrial de reserva e, por conseguinte, o pauperismo. Entra em cena, a categoria

desemprego, que foi se construindo à medida que os trabalhadores assalariados estáveis eram desempregados independentemente de sua vontade (AUED; CHAVES, 2003). Para Marx (1998a), isto resulta do fato de ao produzir a acumulação do capital, a população trabalhadora produzir os meios que fazem dela, relativamente, uma população supérflua. De acordo com este autor, uma população trabalhadora excedente constitui a alavanca da acumulação capitalista e a condição de existência do modo de produção capitalista: “ela proporciona o material humano a serviço das necessidades variáveis de expansão do capital e sempre pronto para ser explorado” (MARX, 1998b, p. 735). Para ele,

Quanto maiores a riqueza social, o capital em função, a dimensão e energia de seu crescimento e, conseqüentemente, a magnitude absoluta do proletariado e da força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva, a força de trabalho disponível é ampliada pelas mesmas causas que aumentam a força expansiva do capital. A magnitude relativa do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza, mas, quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo, tanto maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplício de seu trabalho. E, ainda, quanto maiores essa camada de lázaros da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior, usando-se a terminologia oficial, o pauperismo. *Esta é a lei geral, absoluta, de acumulação capitalista* (MARX, 1998b, p. 748).⁷⁸

Segundo Marx (1998a), o exército industrial de reserva ou superpopulação relativa oscila em conformidade com o ciclo industrial, portanto, nas crises, aparece em forma aguda, nos períodos de paralisação, em forma crônica. Dele faz parte todo trabalhador durante o tempo que está desempregado ou parcialmente empregado. N’O Capital Marx relata situações de desemprego ocorridas por ocasião da introdução da maquinaria e conseqüente contratação de força de trabalho de menor custo para o empregador, além das situações degradantes às quais eram submetidos os trabalhadores nas fábricas:

[...] os trabalhadores despedidos pela máquina são transferidos da fábrica para o mercado de trabalho e lá aumentam o número de forças de trabalho que estão à disposição da exploração capitalista. [...] esse efeito da máquina que foi apresentado sob a forma de compensação para a classe trabalhadora, flagela-a, ao contrário, da maneira mais terrível. Por ora, basta dizer o seguinte: os trabalhadores despedidos de um ramo industrial podem sem dúvida procurar emprego em qualquer outra ocupação. [...] atrofiados pela divisão do trabalho, esses pobres diabos valem tão pouco fora de seu âmbito de atividade, que só encontram acesso em ramos de trabalho inferiores e, por isso, superlotados e mal pagos. Além disso, cada ramo industrial atrai anualmente novo fluxo de seres humanos, o contingente para substituir e para aumentar seus trabalhadores conforme suas necessidades regularmente renovadas (MARX, 1998a, p. 505-506).

⁷⁸ Grifo do autor.

Para os trabalhadores lançados à miséria é um grande consolo, dizem, serem apenas temporários seus sofrimentos; outro consolo decorreria de a máquina apropriar-se apenas pouco a pouco, de um ramo de produção, com o que se reduz a extensão e a intensidade de seus efeitos destruidores. Os dois consolos se anulam. Quando a máquina se apodera, pouco a pouco, de um ramo de produção, produz ela miséria crônica na camada de trabalhadores com que concorre. Quando a transição é rápida, seus efeitos são enormes e agudos. **A história não oferece nenhum espetáculo mais horrendo que a extinção progressiva dos tecelões manuais ingleses, arrastando-se durante decênios e consumando-se finalmente em 1838. Muitos deles morreram de fome, muitos vegetaram por longos anos com suas famílias [...]**⁷⁹ (MARX, 1998a, p.493).

Este aspecto, trazido para os dias atuais, representa uma brutal retirada em massa de uma série de trabalhadores do processo de (re)produção social. Na medida em que são desnecessários à reprodução ampliada do capital, trabalhadores e trabalhadoras engrossam as fileiras do tradicional exército de excluídos (AUED, 1999). Esta situação se alastra por todos os países nos quais as relações de produção estão assentadas na exploração da força de trabalho alheia e vem se agravando desde meados do século XX. A possibilidade de ficar desempregado é o espectro que ronda a vida do trabalhador (FURTADO, 2004).

3.1.3 A materialidade das idéias

Para que as estruturas de apropriação (econômicas) e dominação (políticas) possam operar de forma adequada e integrada, segundo os interesses da classe dominante, é indispensável que as classes subalternas, em particular o proletariado, sejam subjugadas mas não aniquiladas (IANNI, 1996, p. 37).

No livro “Alienação e Humanismo” Basbaum (1982, p. 41) questiona: como o homem nascido livre se transformou num animal domesticado? Na mesma obra, responde o autor: pelo trabalho, o homem se aliena; pela educação, preparam-no para a alienação. “A educação é a maior arma de que dispõem os senhores da propriedade privada, para que tudo continue como está”. Essa educação, que não se reduz às instruções nos bancos escolares, é pautada em princípios disciplinadores, visa o enquadramento do homem ao sistema social vigente, faz-lhe aceitar todas as crenças, valores, tabus, preconceitos, “a fim de transformá-lo em criatura alienada, capaz de achar a situação em que se encontra ou em que vive, como feita e determinada por Deus para todo o sempre” (BASBAUM, 1982, p. 84).

Este processo tem início no ambiente familiar, onde o sujeito aprende as primeiras noções de comportamento social, tem continuidade na escola, na rua, no ambiente de trabalho,

⁷⁹ O grifo é nosso.

ao ponto de ser domesticado e transformado em um ser útil à sociedade: trabalhando, produzindo mais-valia e aceitando este fato como se determinado por Deus (BASBAUM, 1982).

No capitalismo o trabalho representa a principal e fundamental forma de alienação: a alienação do homem, porque o próprio homem é transformado em mercadoria, passa a ter valor pela sua capacidade de produzir valor. “De sujeito que era, quando laborava, passa a ser objeto daquele para quem trabalha” (BASBAUM, 1982, p.23); o homem passa a ser apenas “uma coisa que trabalha e aceita o trabalho para subsistir, como parte de sua natureza humana, sob uma falsa consciência” (BASBAUM, 1982, p. 19). Para tanto, passa por um processo de despersonalização e desominação, ou seja, perde suas características humanas de ser livre e consciente.

Contudo, afirma Basbaum (1982, p. 67), a anulação da consciência humana jamais foi total. “Sempre sobrou em algum recanto do seu cérebro um resto de consciência adormecida, como resíduo da sua natureza livre, pela qual tenta libertar-se da alienação”. Por isso, o *outro*, com quem se relaciona o sujeito alienado, criou instrumentos de regulação e contenção do sentido de independência, do espírito de rebeldia, da busca pelo novo. Estes foram institucionalizados e receberam os nomes de família, escola, meios de comunicação, igreja, dentre tantos outros nomes conferidos aos instrumentos de *massificação*⁸⁰ do homem. Nestes processos, os homens perderam sua capacidade de opção, tornaram-se objeto “daqueles que têm interesse em tê-lo como instrumento passivo: o chefe, o patrão, a autoridade, os que fazem o sistema e o sustentam” (BASBAUM, 1982, p. 46). “Ensinar-lhe a obediência passiva, a disciplina inconsciente, o respeito às autoridades que ele não escolheu [...], aos dogmas que outro inventou” (BASBAUM, 1982, p. 67); e o mais importante: ensinaram-lhe, a seu modo, a relação entre trabalho, desemprego e dignidade.

Para Basbaum (1982), o cristianismo foi grande responsável pela valorização do trabalho, em especial os reformadores religiosos que surgiram nos séculos XIV, XV e XVI, que com suas teses sacrossantificaram o trabalho, “consideravam o trabalho necessário à salvação do homem”. Segundo este autor, se na sua origem o cristianismo apresentava uma doutrina revolucionária, de libertação do homem⁸¹, “quando as classes proprietárias da terra

⁸⁰ Basbaum (1982, p. 69) compara o processo de massificação do homem ao processo de fabricação de pão. Nas palavras deste autor, “transformados em massa pelos padeiros, a soldo dos patrões, vão passivamente ao forno de onde saem transformados em paezinhos exatamente iguais, que os outros, os donos, comem tranquilamente”.

⁸¹ Referindo aos escritos de Engels na sua “Contribuição para a história do cristianismo primitivo”. Nesta obra, o referido autor compara o cristianismo primitivo ao socialismo operário moderno. De acordo com Engels (1972,

se converteram, ela se transformou em uma doutrina de submissão” (BASBAUM, 1982, p. 104). Desta forma, afirma o mesmo autor, não importa o que Jesus pregava, o que interessa é o cristianismo que chegou até nós, que na tentativa de salvar o homem, entregou-o inerte aos seus exploradores (BASBAUM, 1982). Para Marx (1972a, p.161), o cristianismo, com seu culto do homem abstrato é “o mais conveniente complemento religioso” da sociedade capitalista. Nesta concepção, religião é ópio do povo,

É a teoria geral deste mundo, a sua soma enciclopédica, a sua lógica sob forma popular, ‘son point d’honneur’ espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu complemento solene, a sua consolação e justificação universais. É a realização fantástica do ser humano, porque o ser humano não possui verdadeira realidade (MARX, 1972b, p.46).

Assim como para Marx, o pentecostalismo é ideologia, contém materialidade: de assegurar/frear o movimento que gera desempregados, instituindo a idéia de que o trabalho é digno. A religião pentecostal não é a única, mas é uma forma de religião que contém materialidade, não é mero conjunto de idéias.

N’O Capital Marx (1972a, p.162) adverte:

Em geral, o reflexo religioso do mundo real só desaparecerá quando as condições do trabalho e da vida prática proporcionarem ao homem relações transparentes e racionais com os seus semelhantes e com a natureza. A vida social, de que a produção material e as relações que implica formam a base, não se libertará da nuvem mística que a encobre, senão no dia em que for obra de homens livremente associados, agindo conscientemente e senhores do seu próprio movimento social.

A este respeito o mesmo autor exorta que, uma vez denunciada a forma sagrada da auto-alienação do homem, é preciso desmascarar a auto-alienação nas suas formas não sagradas. “A crítica do céu transforma-se assim em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica da política” (MARX, 1972b, p.47). Para Marx (1972b, p.46), “A abolição da religião enquanto felicidade ilusória do povo é uma

p. 353), na sua origem, o cristianismo era o movimento dos oprimidos, “a religião dos escravos e dos libertos, dos pobres e dos homens privados de direitos, dos povos subjugados ou dispersos por Roma”. Para este autor, o cristianismo daquela época apresentava semelhanças com o socialismo operário moderno, pois ambos pregaram uma libertação próxima, da servidão e da miséria; ambos sofreram perseguições e seus adeptos foram julgados sob a acusação de serem inimigos do gênero humano, no caso do cristianismo, e os outros como inimigos do governo, da religião, da família, da ordem social; ambos se serviram das perseguições e abriram caminho para a sua propagação, dentre outras semelhanças (Engels, 1972). De acordo com Lesbaupin (2003), ao comparar o cristianismo primitivo com o socialismo, Engels acentuou o seu caráter de protesto social e mostrou o alcance político dos primeiros cristãos.

exigência que a felicidade real formula. Exigir que ele renuncie às ilusões acerca da sua situação é exigir que renuncie uma situação que precisa de ilusões”. Todavia, conforme o mesmo autor, isso “exige um conjunto de condições de existência material que têm de ser produto de um longo e doloroso desenvolvimento” (MARX, 1972a, p. 162). As idéias não movem o mundo.

Ao demonstrar a materialidade da história da produção humana Marx retira todos os resquícios transcendentais que permeiam as relações entre os homens. Trabalho é materialidade e as relações a ele imanentes também o são. Conforme Marx (1998a), “antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (MARX, 1998a, p. 211). Em quaisquer sociedades, o trabalho é “necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e portanto, de manter a vida humana” (MARX, 1998a, p. 65). Para o mesmo autor, “atuando sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais” (MARX, 1998, p. 211). No capitalismo, contudo,

o trabalho é exterior ao trabalhador, não pertence à sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade (MARX, 2002, p. 114).

O trabalho se transforma em objeto e “o trabalhador se relaciona com o produto *do seu trabalho* como a um objeto *estranho*” (MARX, 2002, p. 112).

Para Marx, a alienação do trabalho está na raiz de todas as alienações. No capitalismo, atinge seu ápice e constitui um dos pilares do modo de produção capitalista que, segundo Marcuse (1978), é uma ordem social que progride pelo desenvolvimento das contradições a ela imanentes, atinge a liberdade pela exploração, a riqueza pela pobreza, o crescimento da produção pela restrição do consumo, o mais alto desenvolvimento das forças produtivas pela opressão e miséria totais.

Para Chauí (2000),

se comparado às formas anteriores do capitalismo, a forma contemporânea do capital, contrariamente com que sucedia antes, impõe a idéia de que o trabalho não cria riqueza, os empregos não dão lucro e os desempregados são dejetos inúteis e inaproveitáveis. [...] o capital, valendo-se dos recursos públicos e do imenso desenvolvimento tecnológico, já não precisa do grande contingente de força de trabalho, necessário anteriormente. [...] a classe trabalhadora não tem condições de enfrentar o capital e o desemprego que, agora, tornou-se estrutural (CHAUÍ, 2000, p. 50).

Para esta autora, a economia capitalista ergueu um muro no interior de cada sociedade e entre os países, que separa os privilegiados dos “desempregados, massa de humilhados e ofendidos, dos envergonhados e culpados por não possuírem aquilo que o capitalismo não lhes deixa possuir – um trabalho – e os faz crer que têm o dever moral e social de possuir – um emprego” (CHAUÍ, 2000, p. 51). Enquanto as relações inerentes ao processo de produção forem tratadas como provenientes da esfera transcendental,

enquanto os desempregados dos países ricos e pobres, enquanto subempregados desses países e enquanto os superexplorados dos países pobres se e sentirem culpados e envergonhados pelo desemprego e pelo subemprego, enquanto as políticas de promessa de mais empregos forem acreditadas, e enquanto acreditarmos que o desemprego em massa é uma ‘crise’ (portanto, passageiro e solucionável) nada será pensado e nada será feito (CHAUÍ, 2000, p.51)

Marx (2002) adverte, ainda que, quanto mais o trabalhador esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos que ele cria diante de si, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio. “O mesmo se passa na religião. Quanto mais o homem atribui a Deus, menos guarda para si mesmo” (MARX, 2002, p. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pentecostalismo moderno é uma doutrina religiosa que assenta raízes na Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero no século XVI. Entretanto, foi nos séculos XVIII e XIX, impulsionado pelos Movimentos Metodista e de Santidade, que ganhou força, expandindo-se pelos países de língua inglesa. Duas vertentes doutrinárias se destacaram logo no início desse movimento: a que unia a experiência religiosa à luta político-racial, defendida pelos negros, precursores do pentecostalismo moderno; a que defendia um projeto de aparência exclusivamente religiosa, levado adiante pelos brancos.

Desta última, nasceu a Assembléia de Deus, fruto de missões norte-americanas no século XX. Seu *ethos*, no Brasil, foi cunhado por uma mensagem de aparência eminentemente sacral, despreocupada com os modos de vida da população. Em geral, desde a sua origem, o campo de atuação da Assembléia de Deus foram as comunidades empobrecidas, junto às quais a tarefa da evangelização, de promessa de uma vida melhor, encontrou terreno fértil. Nos dias atuais, há uma tendência a uma maior abrangência social, abarcando, de forma isolada, pessoas com maior poder aquisitivo.

De acordo com os preceitos religiosos, para este grupo, a fé em Deus é o elemento central no processo de socialização do homem; Jesus é o caminho, a verdade e a vida, portanto, o único mediador entre Deus e os homens; por meio de sua obra expiatória, garantiu salvação a todos que nele crerem. À luz da Bíblia Sagrada exortam os adeptos a terem uma vida pautada nos princípios éticos cristãos. Sob esta perspectiva, o trabalho aparece como tarefa de Deus a todos os homens.

Por meio dos depoimentos dos pastores e jovens da ADBLU, observamos uma tendência à sacrossantificação do trabalho: “o trabalho é bíblico”, “o trabalho dignifica o homem”, “quem não quer trabalhar, não coma”, são exemplos de exortação ao trabalho. Desta forma, todos os cristãos devem trabalhar, é ordem de Deus. Por conseguinte, há reprodução de uma “ética do trabalho”. Sobre o desemprego, os depoimentos dos pastores assinalam uma vinculação às questões sociais e econômicas, com ênfase na responsabilização do indivíduo pela permanência no desemprego.

Quanto às orientações dos líderes da ADBLU sobre o comportamento do cristão no ambiente de trabalho, os adeptos são advertidos a abençoarem seus empregadores, serem bons

empregados, ordeiros, responsáveis, pessoas de confiança, trabalhadores produtivos, enfim, a evidenciarem no ambiente de trabalho a existência de Cristo em suas vidas. Segundo os pastores entrevistados, com esta orientação as possibilidades de inserção e permanência de crentes no mercado de trabalho são maiores. Desta forma, para este grupo, a religiosidade seria um fator de “empregabilidade”, o que não se confirmou tendo em vista os resultados da pesquisa.

Os índices de desemprego de jovens da ADBLU reproduziram a média nacional para a mesma faixa etária. A maioria dos jovens desempregados é formada por mulheres, 56% da amostra; 32,6% do total de desempregados têm idade entre 15 e 19 anos; na faixa etária de 20 a 24 anos encontramos o maior índice de jovens empregados, 81,25%; os jovens com nível de ensino fundamental incompleto, médio completo e superior incompleto apresentam os menores índices de desemprego, 16,7%, 16,8% e 15,4%, respectivamente. No que tange às ocupações dos jovens da ADBLU, de um modo geral, ocupam postos de baixa qualificação; mas esta não é uma singularidade dos jovens deste grupo religioso, apenas reflete a situação da juventude brasileira na última década. Estes dados põem em questão a afirmação de que os evangélicos têm mais oportunidades no mercado de trabalho (proveniente da sua formação pautada sob a ética cristã). Desta forma, concluímos que o pressuposto estabelecido por ocasião da elaboração do projeto de pesquisa – que os crentes estariam menos sujeitos ao desemprego – neste estudo, não é válido.

No que diz respeito aos depoimentos dos jovens entrevistados, constatamos que: sobre o trabalho, os jovens reproduzem o discurso hegemônico na ADBLU, da sua valorização como atividade dignificante, ordem divina. Sobre o desemprego, identificamos quatro situações exemplares: associado aos planos de Deus; associado à falta de experiência; desemprego sem carteira assinada e temporário, como opção para a qualificação profissional; e o seu caráter social. Ressaltamos a contraposição à idéia de responsabilidade individual pelo desemprego, expressa, por um lado, pela dificuldade de re-inserção no mercado de trabalho e, por outro, pelo estabelecimento de metas que não comportam o emprego num primeiro momento. Os jovens que se encontravam na primeira situação trouxeram um elemento importante no relato: “os planos de Deus”. Desta forma, estar trabalhando ou estar desempregado, pode fazer parte de um plano divino para a vida de cada um. Ter ciência de estar sob a vontade de Deus constitui um fator facilitador para a vivência do desemprego. Embora todos os entrevistados tenham se referido ao desemprego por meio de expressões de cunho negativo, os jovens desempregados demonstraram que nem sempre estar desempregado

é ruim; especialmente, quando é possível contar com “mínimos sociais”, sejam eles garantidos pelo Estado – por meio das políticas de seguridade – ou pela família. Desta forma, identificamos uma diferença importante entre o discurso de quem olha para o desemprego sem vivenciá-lo (condenação); e quem olha para si próprio desempregado (resignação).

Segundo os critérios do IBGE, dos quatro jovens entrevistados, apenas um está desempregado. Daí a importância de abordagens que levem em consideração as expressões da condição de desemprego pelos próprios desempregados, articulando categorias oficiais e não-oficiais como complementares no desvelamento deste fenômeno.

No tocante à relação do jovem com o grupo, não foi possível verificar se há alteração em períodos de emprego, desemprego, precarização do trabalho, subemprego. Entretanto, foi evidenciado que os jovens desempregados vão à igreja com maior frequência do que os empregados, em especial, nos cultos destinados à obtenção de bênçãos.

No que diz respeito às formas de enfrentamento ao desemprego entre os jovens, foram apresentadas saídas individuais (para cada desempregado, individualmente), em que pese não se restrinjam às práticas religiosas. Dentre as alternativas por eles apontadas, destacam-se a educação formal e a qualificação profissional, além da oração. Sobre esta última, 50,2% dos jovens declararam terem feito orações ou pedidos de oração em virtude de situações de desemprego (35,6% desempregados e 64,4% empregados); 46,7% dos jovens desempregados e 93,1% dos empregados responderam que alcançaram a bênção pretendida.

Tendo em vista o que preceitua a doutrina pentecostal, as práticas religiosas de adeptos a este segmento, bem como as concepções sobre trabalho e desemprego dos pastores e jovens entrevistados, destacamos uma maior tendência à transferência das questões da materialidade ao Transcendente. A este respeito, é importante ressaltar que dependendo da direção ideo-política adotada, a alternativa religiosa pode provocar o esvaziamento da luta dos trabalhadores.

Atualmente, os adeptos à ADBLU têm pautado suas práticas num conservadorismo alienador, portanto, resignador dos homens. Contudo, aprendemos que a história é movimento, pois os homens fazem a história; desta forma, se a religião é feita pelos homens, ela pode ser tanto ópio, como remédio; pode tanto resignar, como revolucionar.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Apresentação. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.09-22.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.37-72.

ADBLU. **Quem somos, no que acreditamos**. Disponível em: <<http://www.adblu.rg3.net/>>. Acesso em: 10 mai. 2005.

ADBLU. **Estatuto da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Blumenau**. Blumenau: ADBLU, 1997.

ADBLU. História da nossa igreja. In: **É tempo de tocar os céus através da oração: agenda de Atividades da Assembléia de Deus de Blumenau**. Blumenau: Nova Letra, 2006a.

ADBLU. Estatística de membros: 2005. In: **É tempo de tocar os céus através da oração: agenda de Atividades da Assembléia de Deus de Blumenau**. Blumenau: Nova Letra, 2006b.

ADBLU. Departamentos da Igreja. In: **É tempo de tocar os céus através da oração: agenda de Atividades da Assembléia de Deus de Blumenau**. Blumenau: Nova Letra, 2006c.

ADBLU. Nosso Credo. In: **É tempo de tocar os céus através da oração: agenda de Atividades da Assembléia de Deus de Blumenau**. Blumenau: Nova Letra, 2006d.

ADBLU. Palavra do Pastor. In: **É tempo de conviver na plenitude da palavra: agenda de Atividades da Assembléia de Deus de Blumenau**. Blumenau: Nova Letra, 2005.

ALMEIDA, Abraão de; KESSLER, Gustavo. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ATOS dos Apóstolos. In: **BÍBLIA de Estudo Plenitude**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. p. 1102-1148.

AUED, Bernardete Wrublevski; CHAVES, Luis Carlos. **O desemprego não é inexorável**. Revista Plural, dezembro de 2003.

AUED, Idaletto Malvezzi. Capital e emancipação humana: o ser social. In: AUED, Bernardete Wrublevski. **Educação para o (des)emprego**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BASBAUM, Leôncio. **Alienação e humanismo**. São Paulo: global Editora, 1982.

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.129-148.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da Fé: alguns sistemas de sentidos, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. v 18, n 52, p. 261-288, dez. 2004.

BRASIL. **Código Civil**. Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Institui o novo Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de janeiro de 2002, p.1.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAHAD, José Paulo Zeetano; PICCHETTI, Paulo. A evolução da taxa de desemprego estrutural no Brasil: uma análise entre regiões e características dos trabalhadores. In: CHAHAD, José Paulo Zeetano; PICCHETTI, Paulo (orgs). **Mercado de trabalho no Brasil: padrões de comportamento e transformações institucionais**. São Paulo: LTr, 2003. p.27-56.

CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à Preguiça**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 2000. p. 09-56.

CIADDESCP. **Nossas igrejas**. Disponível em: <<http://www.ciadescp.com.br/>>. Acesso em: 15 out. 2006.

CIADDESCP. **Quem somos?** Disponível em: <<http://www.ciadescp.com.br/>>. Acesso em: 27 jan. 2007.

DEMAZIÈRE, Didier. Être chômeur, pour les sociologies. In: **Lê chômage**. Comment peut-on être chômeur? Paris: Belin, 2003. Traduzido por Bernardete Wrublevski Aued.

DIEESE, 2006. **Principais conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/ped/pedmet.xml>>. Acesso em: 15 out. 2006.

ENGELS, Friedrich. Contribuição para a história do cristianismo primitivo. In: BADIA, G; BANGE, P; BOTTIGELLI, E. **Karl Marx e Friedrich Engels**: sobre a religião. Lisboa: Edições 70, 1972. p.353-387.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

FURTADO, Odair. Trabalho e subjetividade – o movimento da consciência do trabalhador desempregado. In: DOWBOR, Ladislau. et al. **Desafios do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIL, Gilberto. **Não chore mais**. In: Realce. Warner Music, 1979.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.149-174.

IANNI, Octávio. A produção da sociedade capitalista. In: In: IANNI, Octávio; FERNANDES, Florestan. **Marx** (sociologia). São Paulo: Ática, 1996. p. 7-42.

IBGE. **Atlas do Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. 1 CD-ROM.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego**. (2002). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/srmv23pme.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2006.

IBGE. **Pesquisa Mensal Emprego e Desemprego**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/>. Acesso em: 15 dez. 2006.

JACOB, César Romero. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

JAQUELINE. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 19 nov. 2006.

KILIAN, Frederico. **1º centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau: 1857-1957**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1957.

KOIKE, Maria Marieta dos Santos. Notas sobre ética profissional do assistente social. In: **Serviço Social e Sociedade**, v. 14, n. 43, p. 142-154, dez. 1993.

LAFARGUE, Paul. O direito à Preguiça. São Paulo: Claridade, 2003.

LALANA, Volmir. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 20 dez. 2006

LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.73-86.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEVÍTICO. In: BÍBLIA de Estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. p. 110-140.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARCUSE, Herbert. Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, vol.18, n52, p. 121-138, dez. 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**: São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família? **Revista Tempo Social**, São Paulo, v 17, n 2, p. 253-274, 2005.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl. Miséria da Filosofia (excerto). In: IANNI, Octávio; FERNANDES, Florestan. **Marx** (sociologia). São Paulo: Ática, 1996. p. 177-178.

MARX, Karl. O desenvolvimento da produção capitalista (excerto). In: BADIA, G; BANGE, P; BOTTIGELLI, E. **Karl Marx e Friedrich Engels**: sobre a religião. Lisboa: Edições 70, 1972a. p. 161-167.

MARX, Karl. A mercadoria (excerto). In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes**. São Paulo: Abril Cultural, 1982a. p.31-52.

MARX, Karl. A produção de mais-valia (excerto). In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes**. São Paulo: Abril Cultural, 1982b. p.163-164.

MARX, Karl. Características essenciais do sistema capitalista (excerto). In: IANNI, Octávio; FERNANDES, Florestan. **Marx** (sociologia). São Paulo: Ática, 1996b. p. 7-42.

MARX, Karl. A lei geral da acumulação capitalista (excerto). In: IANNI, Octávio; FERNANDES, Florestan. **Marx** (sociologia). São Paulo: Ática, 1996c. p. 123-132.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998a.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998b.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998c.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel (excerto). In: BADIA, G; BANGE, P; BOTTIGELLI, E. **Karl Marx e Friedrich Engels**: sobre a religião. Lisboa: Edições 70, 1972b. p. 45-65.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2001.

MARX, Carlos; ENGELS, Frederico. **La ideologia alemana**. Buenos Aires: Pueblos Unidos, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (excerto). In: BADIA, G; BANGE, P; BOTTIGELLI, E. **Karl Marx e Friedrich Engels**: sobre a religião. Lisboa: Edições 70, 1972. p. 83-92.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: Boitempo, 2002.

MORLO, Oséias. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 18 dez. 2006.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.263-290.

OIT. **Desemprego juvenil no Brasil**: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. Brasília: OIT, 1999.

OIT. **Global Employment Trends**. Disponível em:
<<http://www.oit.org/public/english/bureau/inf/pr/2007/2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal**: dos atos dos apóstolos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

PEREIRA, Vera Maria Candido. Quem são os desempregados para a sociologia? In: **Natureza, História e Cultura**: repensando o social. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

PERFIL da Juventude Brasileira. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.263-290.

POCHMAN, Marcio. As perspectivas do trabalho na economia moderna. In: DOWBOR, Ladislau. et al. **Desafios do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

POCHMANN, Marcio. **O trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 1999a.

POCHMANN, Marcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: OIT. **Desemprego juvenil no Brasil**: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. Brasília: OIT, 1999b.

RAQUEL. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 18 dez. 2006.

RICARDO. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 11 out. 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAMUEL. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 04 dez. 2006.

SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé**: a história das igrejas evangélicas Assembléias de Deus em Santa Catarina e sudoeste do Paraná. Blumenau: Letra Viva, 1996.

SANTOS, Ismael dos. **Atos 29**: breves notas sobre os três primeiros séculos da Igreja Cristã. Blumenau: Nova Letra, 2006.

SANTOS, Nilton dos. Entrevista concedida a Vanessa Juliana da Silva Santos, para fins deste estudo, em Blumenau, 03 jul. 2006.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. **Sociedade Alternativa**. In: Gita. Philips-Phonogram, 1974.

SEPLAN. **Divisão de bairros**. Disponível em:
<<http://www.blumenau.sc.gov.br/seplan/index.htm>>. Acesso em: 15 out. 2006.

SIEBERT, Claudia. **Título**. In: THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. da FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p.27-35.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1996.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EMPREGO E DESEMPREGO DE JOVENS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE BLUMENAU/SC

Universidade Federal de Santa Catarina - PPGSP
Pesquisa: Emprego e Desemprego de Jovens da IEAD/Blumenau
Pesquisadora: Vanessa Juliana da Silva Santos

1. Idade: _____ Sexo: Feminino Masculino
2. Escolaridade:
- | | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Não alfabetizado | <input type="checkbox"/> EF – 1ª à 8ª série – Incompleto | <input type="checkbox"/> EF – 1ª à 8ª série – Completo |
| <input type="checkbox"/> EM – 2º grau – Incompleto | <input type="checkbox"/> EM – 2º grau – Completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo | <input type="checkbox"/> Pós-Graduação | |
3. Situação Trabalhista: autônomo empregado desempregado – duração _____
 outro (especificar) _____
4. Está à procura de emprego? sim não Tempo de procura: _____
5. Já trabalhou antes? sim não
6. Profissão/função/ocupação: _____
7. Ramo de atividade:
- | | | |
|---|---|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> indústria | <input type="checkbox"/> comércio | <input type="checkbox"/> agricultura |
| <input type="checkbox"/> educação | <input type="checkbox"/> construção civil | <input type="checkbox"/> serviços |
| <input type="checkbox"/> outros (especificar) _____ | | |
8. Há desempregados na família de origem? sim – quantidade _____ não
9. Vai à igreja: 1 vez por semana 2 vezes por semana 3 vezes por semana 4 vezes ou mais
10. Tipo de culto que frequenta (poderá assinalar mais de uma opção): grupo de jovens culto de doutrina
 tarde/noite da vitória escola dominical culto público
11. Já recorreu à igreja/fez pedido de oração relativo ao desemprego? sim - [alcançou? sim não] não

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – Mestrado
Mestranda: Vanessa Juliana da Silva Santos



Roteiro de entrevista

1. O que entende por trabalho?
2. Como vê as relações de trabalho na sociedade capitalista?
3. Como o jovem cristão deve se portar no ambiente de trabalho?
4. Observa preferência dos empregadores por jovens cristãos? Se sim, a que se deve esta preferência?
5. O que entende por desemprego?
6. Observa a ocorrência de desemprego dentre os jovens da igreja? Se sim, explicitar como se evidencia este fato.
7. O desemprego de jovens constitui preocupação da igreja? Justificar.
8. Na sua opinião, a igreja deve se ocupar das situações terrenas dos seus membros e congregados?
9. O tema “desemprego” já foi debatido com os jovens da sua igreja?
10. A igreja/departamento desenvolve ações de enfrentamento ao desemprego? Se sim, explicitar.
11. O que faz quando é procurado por um jovem em situação de desemprego à procura de auxílio?
12. Na sua opinião, qual a melhor saída para um jovem desempregado?

Quando realizada com os jovens desempregados, privilegiar suas trajetórias (primeiro emprego, vivências de desemprego, alternativas de enfrentamento...).